



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

TAINAH MOREIRA NEVES

ARQUITETURA E ESPIRITUALIDADE –
SUGER (1081-1151) E A EDIFICAÇÃO DO GÓTICO

Vitória

2016

TAINAH MOREIRA NEVES

ARQUITETURA E ESPIRITUALIDADE –
SUGER (1081-1151) E A EDIFICAÇÃO DO GÓTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, na área de concentração de Teoria e História da Arte.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa.

Vitória

2016

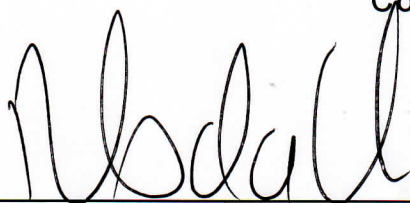
TAINAH MOREIRA NEVES

**ARQUITETURA E ESPIRITUALIDADE – SUGER (1081-1151)
E A EDIFICAÇÃO DO GÓTICO**

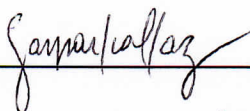
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Artes.

Aprovada em 04 de maio de 2016.

Comissão Examinadora



Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa
(orientador – PPGA/UFES)



Prof. Dr. Gaspar Leal Paz
(membro interno – PPGA/UFES)



Prof. Dr. Nelson Pôrto Ribeiro
(membro externo – PPGA/UFES)

À minha mãe, meu alicerce e minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Suger, pela sua obra que brilha e continua a reluzir.

À minha mãe, Sandra, pelo apoio e amor incondicionais desde sempre. Ao meu pai, Marcos, pelos conselhos e por acreditar em meus sonhos. Ao Peter por existir.

Ao meu avô Moreira que sempre deu suporte aos meus estudos. À minha avó Izabel e minha Tia Haydêe que me apoiaram pela fé cristã. Ao meus avós paternos, Bené e Alayde, que me inspiraram a olhar para além do Atlântico. Aos tios, tias, primas e primos, por estarem presentes.

Ao meu orientador, Ricardo, por me instigar e me ensinar a ser uma pesquisadora.

Ao meu prévio orientador, Nelson, pelos conselhos e por me lembrar da minha condição de arquiteta.

À École nationale des chartes e à mme Amélie de Miribel, por gentilmente me acolherem em Paris. Ao professor Philippe Plagnieux pelos conselhos sábios e aulas precisas.

Aos meus amigos por serem verdadeiros amigos.

Aos meus mestres da música, das artes e da literatura, por me inspirarem.

À CAPES pela bolsa de estudos.

Ao PPGA-UFES que permitiu uma arquiteta desbravar a história da arte medieval em terras capixabas.

L'arquitectura és el primer art plàstic;
l'escultura i la pintura necessiten de la primera.
Tota la seva excel·lència ve de la llum.
L'arquitectura és l'ordenació de la llum;
l'escultura és el joc de la llum;
la pintura, la reproducció de la llum pel color,
que és la descomposició de la llum.
Antoni Gaudí¹

At the back of our brains, there *is* a forgotten blaze
or burst of astonishment at our own existence.
The object of the artistic and spiritual life
is to dig for this submerged sunrise of wonder
G.K. Chesterton²

¹ GAUDÍ, Antoni apud PUIG-BOADA, Isidre. **El pensament de Gaudí**: Compilació de textos i comentaris. Barcelona: Duxelm, 2004.

² CHESTERTON, G. K. **The Autobiography**. London: Hutchinson & Co, 1936.

RESUMO

Esta dissertação analisa a relação entre a *Arquitetura* e a *Espiritualidade* na obra de reedificação da Abadia de Saint-Denis (1130/1137-1144) conduzida pelo Abade Suger (1081-1151), embasada na estrutura física remanescente da igreja e nos escritos produzidos por ele: *Sobre a consagração da igreja de Saint-Denis* e *A Obra [administrativa] do Abade Suger [de Saint-Denis]*. Para disso, levou-se em conta a teologia do Pseudo-Dionísio, o *Areopagita*, exposta nos tratados *Dos Nomes Divinos* e *Da Hierarquia Celeste*, além de alguns estudos sobre a obra e a vida de Suger. Ao compararmos os documentos de época com a construção do século XII, constatamos que a arte e a arquitetura foram utilizadas como meios de transmitir a mensagem cristã, pois serviram de suporte para a *exegese espiritual* consagrada a Deus, realização para além da contemplação estética. Essa visão da arte tornou-se um marco e inspirou as grandes catedrais góticas francesas.

Palavras-chave: Suger de Saint-Denis. Abadia de Saint-Denis. Arquitetura Gótica. Pseudo-Dionísio.

ABSTRACT

This master dissertation analyses the relation between the *Architecture* and the *Spirituality* in the rebuilding of the Abbey of Saint-Denis (1130/1137-1144) led by Abbot Suger (1081-1151), based on the remaining physical structure of the church and on his writings: *On the consecration of the church of Saint-Denis* and *The [administrative] Work of Abbot Suger [of Saint-Denis]*. For this, we took into consideration the theology of Pseudo-Dionysius the Areopagite, described in the treatises *On the Divine Names* and *On the Celestial Hierarchy*, in addition to some studies about Suger's work and life. When we compare the documents with the construction of the twelfth century, we acknowledge that art and architecture were means to transmit the Christian message, as it would support the *spiritual exegesis* devoted to God. A realization beyond the aesthetic contemplation. This view of art has become a landmark and served as inspiration for the great French Gothic cathedrals.

Keywords: Suger of Saint-Denis. Abbey of Saint-Denis. Gothic Architecture. Pseudo-Dionysius.

RÉSUMÉ

Cet mémoire de Maîtrise examine la relation entre l'*Architecture* et la *Spiritualité* dans le travail de reconstruction de l'Abbaye Saint-Denis (1130/1137-1144) dirigé par l'abbé Suger (1081-1151), basé sur la structure physique restante de l'église et sur les écrits qu'il a produit: *Sur la Consécration de l'Eglise de Saint-Denis* et *L'Œuvre [administrative] de l'Abbé Suger [de Saint-Denis]*. Pour cela, nous avons pris en considération la théologie du Pseudo-Denys l'Aréopagite, exposée dans les traités *Les Noms divins* et *La Hiérarchie céleste*, en plus de certaines études sur le travail et la vie de Suger. Lorsque l'on compare les documents avec la construction du XIIe siècle, nous constatons que l'art et l'architecture ont été utilisés comme moyen pour transmettre le message chrétien, tel qu'il soutiendrait l'*exégèse spirituelle* consacrée à la réalisation de Dieu. Une réalisation au-delà de la contemplation esthétique. Cette vision de l'art est devenu un repère et a servi d'inspiration pour les grandes cathédrales gothiques françaises.

Mots clés: Suger de Saint-Denis. Abbaye de Saint-Denis. Architecture Gothique. Pseudo-Denys.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Decapitação de São Denis e seus companheiros, Rústico e Eleutere.	17
Figura 2 – Dagoberto I supervisiona a construção do monastério de Saint-Denis.....	19
Figura 3 – Restituição hipotética da forma da Abadia de Saint-Denis no século XI.	20
Figura 4 – Planta baixa da Basílica de Saint-Denis atual, sobreposta pelo plano esquemático da construção antes da reforma de Suger, c.1137.....	20
Figura 5 – Mapa da Europa durante o período Gótico.	22
Figura 6 – O martírio dos três santos: Denis, Rustíco e Eleutere.....	25
Figura 7 – As Hierarquias do Céu, o Estado e a Igreja, reproduzidas da Planta de St. Gall (1230-1236).	30
Figura 8 – Suger, representado no vitral Árvore de Jessé da Abadia de Saint-Denis, século XII.....	33
Figura 9 – Reprodução e detalhe da <i>Oriflamme</i> de Saint-Denis.	37
Figura 10 – Vista da inscrição inicial da entrada.....	46
Figura 11 – Vista da porta central da entrada oeste da Abadia de Saint-Denis.....	46
Figura 12 – Vista do tímpano do portal central da Abadia de Saint-Denis e das inscrições da porta central.	47
Figura 13 – Desenho de como teria sido a fachada ocidental se as duas torres fossem construídas.....	50
Figura 14 – Axionometria do maciço ocidental da Abadia de Saint-Denis.	50
Figura 15 – Vista atual do nártex da Abadia de Saint-Denis.....	50
Figura 16 – Vista atual da fachada ocidental da Abadia de Saint-Denis, restaurada.	50
Figura 17 – Planta baixa da Abadia de Saint-Denis na época de Suger.....	54
Figura 18 – Planta baixa da Abadia de Saint-Denis na época de Suger.....	55
Figura 19 – Vista atual do interior de Saint-Denis.	55
Figura 20 – Vista atual das abóbodas de nervura das capelas radiantes e do duplo deambulatório.	56
Figura 21 – Vista atual da capela radiante dedicada a São Cucufate	56
Figura 22 – Vista frontal da reconstituição hipotética da Abadia de Saint-Denis de Suger, com as duas torres finalizadas.....	56

Figura 23 – Vista lateral da reconstituição hipotética da Abadia de Saint-Denis de Suger, com as duas torres finalizadas.	56
Figura 24 – Detalhe do vitral <i>A Infância de Cristo</i> , do século XII.....	57
Figura 25 – Vaso de cristal, <i>d’Aliénor</i> (de Leonor).....	60
Figura 26 – Detalhes do Vaso.....	60
Figura 27 – Vista atual da abside da Basílica de Saint-Denis.	63
Figura 28 – Vista atual da cabeceira de Saint-Denis.	64
Figura 29 – Vista da fachada atual da Catedral de Chartres.....	66
Figura 30 – Vista atual da nave central e lateral da Catedral de Amiens.	66
Figura 31 – Mapa da França com as principais catedrais góticas francesas.....	67
Figura 32 – “Deus como um geômetra, a Criação como ato matemático”.	69
Figura 33 – Restituição hipotética da forma da Abadia de Saint-Denis após a reforma de Pierre de Montreuil, no século XIII.	70
Figura 34 – Planta baixa esquemática da Basílica de Saint-Denis.	71
Figura 35 – Vista atual da nave central da Abadia de Saint-Denis após a reforma de Pierre de Montreuil, no século XIII.	71
Figura 36 – Interior da Sainte-Chapelle.	71
Figura 37 – Mapa da Europa com construções góticas dos séculos XII-XIII em destaque.	72
Figura 38– Ameia e Merlão.....	84
Figura 39 – Arco Ogival.....	84

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 ABADIA DE SAINT-DENIS, A BASÍLICA REAL.....	16
3 DIONÍSIO, SAINT DENIS E PSEUDO-DIONÍSIO, <i>O AREOPAGITA</i>	24
4 SUGER	33
5 <i>ARQUITETURA E ESPIRITUALIDADE: SUGER E A EDIFICAÇÃO DO GÓTICO</i>	41
6 O LEGADO DE SUGER: AS CATEDRAIS.....	65
7 CONCLUSÃO.....	74
REFERÊNCIAS	76
GLOSSÁRIO.....	84
APÊNDICE A – SOBRE AS FONTES PRIMÁRIAS UTILIZADAS	86

1 INTRODUÇÃO

Ao ascender ao abaciado de Saint-Denis, Suger (1080-1151), um proeminente membro da Igreja Católica de origens modestas, mas que já tinha obtido sucesso ao administrar dois priorados decadentes, colocou em prática seu plano de fortalecer o reino francês e consequentemente, engrandecer a Basílica de Saint-Denis.

Suger ocupou o cargo de abade de Saint-Denis de 1122 até sua morte. Seu desígnio era transformar sua abadia no *centro espiritual* da França, uma igreja de peregrinação como nunca vista antes. Além de religioso, Suger era um homem influente na política: leal conselheiro e amigo dos reis franceses Luís VI (1081-1137)³ e Luís VII (1120-1180)⁴. Chegou a ser regente do reino durante a Segunda Cruzada (1147-1149)⁵, o que explica sua outra vontade, a de fortalecer o poder real e o reino franco. Para Suger, essas ambições se concretizavam como aspectos de um mesmo ideal, em que ele acreditava ser tanto uma lei natural, quanto a Vontade Divina.

Ambas as intenções do abade estavam estreitamente relacionadas, uma vez que a Abadia de Saint-Denis era uma das mais importantes igrejas do reino francês, pois era o santuário do apóstolo da França (saint Denis ou São Dionísio). A basílica estava localizada nos arredores de Paris, em uma região denominada Île-de-France. Essa igreja é um local de peregrinação desde o

³ Também conhecido como Luís, *o Gordo*, era filho de Filipe I (1052-1108), foi rei dos francos de 1108 até sua morte. Foi o primeiro capetíngio a contribuir para a centralidade do poder real. Suger produziu um rico relato da vida do monarca. Ver SUGER, Abbot of Saint Denis, 1081-1151. **The Deeds of Louis the Fat** (translated with introduction and notes by Richard Cusimano and John Moorhead). Washington, DC: Catholic University of America Press, 1992 e BRADBURY, Jim. **The Capetians: kings of France, 987-1328**. London: Hambledon Continuum, 2007.

⁴ Luís, *o Jovem*, era filho de Luís VI, foi rei dos francos de 1137 até sua morte. Ele foi educado para seguir o caminho eclesiástico, mas devido à morte de seu irmão, Filipe, se tornou herdeiro do trono francês. Ver SASSIER, Yves. **Louis VII**. Paris: Fayard, 1991.

⁵ Pregada por Bernardo de Claraval (c. 1090-1153), foi uma expedição bélica dos cristãos do Ocidente em resposta à conquista de Edessa. Ver RUNCIMAN, Steven. **História das Cruzadas Volume II: o Reino de Jerusalém e o Oriente franco, 1100-1187**. Rio de Janeiro: Imago, 2002 e PHILLIPS, Jonathan; HOCH, Martin (ed.). **The Second Crusade: Scope and Consequences**. Manchester: Manchester University Press, 2002.

século V, e o rei Dagoberto I (c. 603-639)⁶ foi seu benfeitor no século VII.⁷ É, então, de extrema importância para a história francesa, pois é, até hoje, necrópole real.⁸

Desde o início de sua administração como abade de Saint-Denis, Suger procurou engrandecer sua igreja econômica e politicamente, para implementar sua reedificação. Até sua morte, em 1151, Suger continuou com a missão de expandir a abadia e aumentar seus tesouros.⁹ O enriquecimento e a utilização de peças valiosas na decoração da basílica, como painéis incrustados com pedras preciosas e vasos de ouro, foram criticados por Bernardo de Claraval (c. 1090-1153)¹⁰, abade contemporâneo de Suger. Estes dois membros da Igreja discordavam de como se deveria administrar a abadia mais importante da França. O abade de Claraval pregava por uma igreja austera, sóbria, silenciosa, muito diferente da reforma conduzida pelo abade de Saint-Denis, que desejava acomodar o máximo possível de fiéis em sua basílica. Também acreditava ser uma omissão retirar de dentro da casa de Deus na Terra os frutos produzidos por esta, como as pedras preciosas, pérolas e ouro.

A edificação que perdurou até o início do abaciado de Suger era inadequada, segundo o próprio abade, para o culto, pois já não comportava mais a massa de fiéis que desejava estar na abadia nas missas e em dias de festas. Nem estava no nível das grandes igrejas, como a Hagia Sophia, a qual Suger queria superar.¹¹ Ele foi inspirado pela teologia cristã, influenciada pelos escritos do Pseudo-Dionísio, *o Areopagita*, que, na Idade Média, acreditavam ser o próprio São Dionísio ou saint Denis¹², protetor do reino francês e que tinha a igreja de Suger dedicada a ele.

⁶ Rei dos francos, filho de Clotário II (584-629), foi o primeiro monarca a ser sepultado na Abadia de Saint-Denis. Ver BOUVIER-AJAM, Maurice. **Dagobert, roi des Francs**. Paris: Éditions Tallandier, 2000 e DUBY, Georges. **A Idade Média na França: de Hugo Capeto a Joana d'Arc**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

⁷ BLUM, Pamela Z. **Early Gothic Saint-Denis: Restorations and Survivals**. Berkeley: University of California Press, 1992. Disponível em: <<http://ark.cdlib.org/ark:/13030/ft5h4nb330/>>. Acesso em: 9 jan. 2015, p. 6.

⁸ Nela estão sepultados Dagoberto I e seus filhos, como também Carlos Martel (690-741), Pepino, *o Breve* (714-768), Carlos, *o Calvo* (823-877), além de Hugo Capeto (941-996), seus antepassados e vários outros ligados à monarquia francesa.

⁹ PANOFSKY, Erwin; PANOFSKY-SOERGEL, Gerda. **Abbot Suger on the Abbey Church of St.-Denis and its art treasures**. Princeton: Princeton University Press, 1979, p. 14.

¹⁰ Abade francês da Ordem de Cister, fundou a Abadia de Claraval. Ver EVANS, Gillian R. **Bernard of Clairvaux** (Great Medieval Thinkers). Oxford: Oxford University Press, 2000 e AUBÉ, Pierre. **Saint Bernard de Clairvaux**. Paris: Fayard, 2003.

¹¹ VON SIMSON, Otto. **A Catedral Gótica: origens da arquitetura gótica e o conceito medieval de ordem**. Lisboa: Presença, 1990, p. 88.

¹² LENIAUD, Jean-Michel; PLAGNIEUX, Philippe. **La Basilique Saint-Denis**. Paris: Éditions du Patrimoine, Centre des Monument Nationaux, 2012, p. 38.

O Pseudo-Dionísio se apresentava, em seus escritos¹³, como São Dionísio, *o Areopagita*, ateniense membro do conselho judicial (Areópago), convertido por Paulo¹⁴, o que fez com que sua teologia exercesse uma enorme influência na Idade Média até o Renascimento. Porém, o conhecimento histórico contido nos escritos não é compatível com o tempo de vida de São Dionísio. Então, eles provavelmente foram escritos por um teólogo sírio do final do século V ou início do século VI¹⁵, que “conhecia o bastante da tradição Platônica e da Cristã para transformá-las”.¹⁶ O Pseudo-Dionísio, *o Aeropagita* era o “comunicador de uma tradição” e suas visões sobre a *metafísica da luz*, assim como a teoria das *hierarquias celestes*, na qual se afirmava que o rei era o próprio representante de Deus na Terra, influenciaram profundamente o pensamento medieval. Dentre os teólogos medievais que produziram comentários sobre a obra do Pseudo-Dionísio, *Da Hierarquia Celeste*, estão João Escoto Erígena (810-877)¹⁷, em 862, e Hugo de São Vitor (1096-1141)¹⁸, em 1125.¹⁹ Esse último provavelmente influenciou o abade de Saint-Denis, uma vez que era contemporâneo e amigo²⁰ do teólogo de São Vitor, e o incentivou a criar uma arquitetura que transmitisse a visão dionisina da *metafísica da luz*.

Um dos princípios fundamentais do pensamento do Pseudo-Dionísio é o da ascensão das coisas materiais para o imaterial através da “luz supraessencial que irradia seu esplendor nas trevas do espírito”.²¹ Assim, de *modo anagógico*, a luz material, luz filtrada pelos vitrais, o brilho das pedras preciosas, ascende, nos eleva, pela contemplação e pensamento, para *luz espiritual*, luz de Deus, das realidades terrestres ao mundo divino. Suger quis edificar sua igreja de forma a refletir

¹³ Chegaram até os dias atuais quatro tratados (*De Divinis Nominibus, De coelesti hierarchia, De mystica hierarchia e De mystica theologia*) e dez cartas de autoria de Pseudo-Dionísio.

¹⁴ CORRIGAN, Kevin; HARRINGTON, L. Michael. “Pseudo-Dionysius the Areopagite”. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**, Edward N. Zalta (ed.). Stanford, Spring 2014. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/spr2014/entries/pseudo-dionysius-areopagite>>. Acesso em: 26 set. 2014.

¹⁵ Entre 485 e 518/528 d. C.

¹⁶ CORRIGAN; HARRINGTON, 2014.

¹⁷ O irlandês Escoto Erígena foi filósofo, teólogo e tradutor da corte de Carlos, *o Calvo*. Ver BETT, Henry. **Johannes Scotus Erigena: A Study in Medieval Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1925 e MORAN, Dermot. **The Philosophy of John Scottus Eriugena: A Study of Idealism in the Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

¹⁸ Prior do claustro de São Vítor de 1135 até sua morte. O cardeal filósofo e teólogo escreveu o *Didascalicon (Coisas relativas à escola)*, uma importante referência para as escolas catedrálcias. Ver COOLMAN, Boyd Taylor. **The Theology of Hugh of St. Victor: An Interpretation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010 e HARKINS, Franklin T. **Reading and the Work of Restoration: History and Scripture in the Theology of Hugh of St Victor**. Turnhout: Brepols, 2009.

¹⁹ LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 39.

²⁰ VON SIMSON, 1990, p. 105.

²¹ LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 18.

a filosofia neoplatônica da *metafísica da luz*, como se a luz física presente na arquitetura servisse para iluminar, guiar as mentes em direção a uma *iluminação espiritual*.²²

Suger narrou seus empreendimentos na Abadia de Saint-Denis em dois tratados, um sobre a consagração da igreja de Saint-Denis, e outro sobre sua administração abacial. No primeiro, Suger reporta a construção e a consagração do nártex e cabeceira da Basílica de Saint-Denis. No segundo escrito, Suger relata suas atividades como abade de Saint-Denis, do desígnio de melhorar a condição econômica da abadia, para, em seguida, discorrer sobre a reedificação e decoração da igreja. Os escritos produzidos pelo abade são um dos primeiros tratados escritos sobre o fazer artístico.²³

²² PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, 1979, p. 24.

²³ CHOAY, Françoise. **As Questões do Patrimônio**: Antologia para um combate. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 60.

2 ABADIA DE SAINT-DENIS, A BASÍLICA REAL

A Basílica Real de Saint-Denis se configura, até os dias atuais, como um monumento²⁴, testemunho da história da França²⁵, desde a escolha feita por São Dionísio, primeiro bispo de Paris, que “desejou” ser sepultado no local, onde, posteriormente, foi erguido um santuário, até a sua função eterna como repositório das sepulturas da monarquia francesa.

O marco inicial na história da basílica foi a escolha feita pelo mártir Denis, ou Dionísio, para que esse local fosse seu descanso eterno. A lenda, primeiramente fixada pelo abade Hilduino de Saint-Denis²⁶ (c. 775/785-840/841)²⁷, conta que Denis e seus companheiros, o padre Rústico e o diácono Eleutere, foram enviados pelo papa Clemente I²⁸ (35-97) para cristianizar a cidade de Paris.²⁹ Denis teria sido eleito bispo por São Paulo³⁰, porém, a teoria mais aceita, atualmente, é que Denis foi um bispo missionário enviado de Roma no século III.³¹ Seja como for, os religiosos foram condenados à morte e o martírio ocorreu na colina de Montmartre³², em Paris. Logo após sua decapitação, o corpo de Denis carregou sua cabeça decapitada e caminhou, milagrosamente, por duas milhas ao norte, enquanto entoava salmos para o Senhor, até chegar ao local escolhido para sua sepultura.³³ Ali foi erguido um primeiro mausoléu em

²⁴ *Monumento* é “aquilo que traz à lembrança alguma coisa”, um edifício concebido “para eternizar a lembrança de coisas memoráveis”. E por serem ‘eternas’, essas construções são expostas “às afrontas do tempo vivido”. CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006, p. 18, 19, 26.

²⁵ DEBRET, M. Notice sur lès diverses construction et restaurations de l’Église Saint-Denis. In: FÉLIBIEN, Michel. **Histoire de L’Abbaye Royale de Saint-Denis en France**. Paris: Frederic Leonard, 1706. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?printsec=frontcover&output=reader&id=b92MaD_HGEC&pg=GB.S.PP7>. Acesso em: 01 jun. 2014.

²⁶ Era de uma proeminente família francesa, foi abade de 814/815 até sua morte. Ao traduzir as obras de Pseudo-Dionísio, ele transformou a imagem do santo em relação às relíquias reais. Ver CALMETTE, Joseph. **Les abbés Hilduin au IXe siècle**. In: Bibliothèque de l’École des Chartes, vol. LXV. Paris: Nogent, 1905 e KIRSCH, Johann Peter. Hilduin, Abbot of St-Denis. **The Catholic Encyclopedia**, Vol. 7, New York: Robert Appleton Company, 1910. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/07354a.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

²⁷ LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 17.

²⁸ São Clemente foi o quarto papa da Igreja Católica. Seu papado começou em 88 e durou até 97, ano de sua morte. Ver CHAPMAN, John. Pope St. Clement I. **The Catholic Encyclopedia**. New York: Robert Appleton Company, 1908. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/04012c.htm>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

²⁹ WYSS, Michaël (dir.). **Atlas historique de Saint-Denis: des Origines au XVIIIe Siècle**. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1996, p. 21.

³⁰ DIONÍSIO, PSEUDO-AREOPAGITA. **Dos Nomes Divinos** (trad.: Bento Silva Santos). São Paulo: Attar, 2004, p. 13.

³¹ BLUM, 1992, p. 5.

³² Na época chamada de “Monte de Mercúrio”. WYSS, 1996, p. 22.

³³ BLUM, 1992, p. 6.

honra a Denis e seus companheiros, por uma mulher chamada *Catulla*³⁴, fato que iniciou uma peregrinação ao local.³⁵



Figura 1 – Decapitação de São Denis e seus companheiros, Rústico e Eleutere, representada no tímpano do portal do transepto norte da Abadia de Saint-Denis, conhecido como *Porte des Valois*, em homenagem à dinastia de capetíngia de Valois (1328-1589). Nele, observamos um guarda romano que empunha seu machado para decapitar o santo, que está ao centro, com sua cabeça decapitada nas mãos. Enquanto isso, os outros mártires aguardam o cumprimento de suas sentenças, vigiados por guardas. Apesar de ter sido esculpido entre 1160 e 1170, o portal foi erguido no local somente no século XIII.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Basilique_Saint-Denis_portail_nord_tympan.jpg?uselang=fr, acesso em: 19 de mar. de 2015.

Apesar de Denis ter sido reconhecido como santo patrono no reinado³⁶ de Clotário II (584-629)³⁷, somente durante o reino de seu filho, Dagoberto I é que foi fundada a primeira ordem monástica no local da sepultura dos mártires.³⁸ O rei merovíngio foi um dos maiores benfeitores da basílica: aumentou a estrutura da igreja e fez várias doações em honra aos

³⁴ LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 16.

³⁵ WYSS, Michaël; RODRIGUES, Nicole Meyer. **Saint-Denis**: une ville au Moyen Âge. Disponível em: <<http://www.saint-denis.culture.fr/fr/index.html>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

³⁶ LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 23.

³⁷ Dito *o Jovem*, iniciou seu reinado quando tinha 13 anos, foi rei da Nêustria e dos francos. Ver GOBRY, Ivan. **Clotaire II 584-629**: père de Dagobert Ier. Paris: Pygmalion, 2012 e VOLKMANN, Jean-Charles. **Known genealogy of the kings of France**. Paris: Gisserot Publishing, 1999.

³⁸ Dissertation Préliminaire. In: FÉLIBIEN, 1706.

santos.³⁹ Devido a uma lenda em relação à consagração do edifício⁴⁰ construído a mando do rei Dagoberto, os medievais acreditavam que a basílica tinha sido abençoada pelo próprio Cristo que desceu do Céu com esse propósito.⁴¹ Esse evento miraculoso fez com que cada parte da construção fosse venerada com o valor de relíquia.⁴² Suger e seus contemporâneos também creditavam, erroneamente, a Dagoberto, a fundação da abadia e a construção da estrutura que perdurou até o século XII.⁴³ A ligação da igreja com a realeza foi fortalecida quando Dagoberto se tornou o primeiro soberano a ser sepultado na basílica, ao lado dos santos mártires.⁴⁴ Esse fato contribuiu para que a abadia se tornasse uma necrópole real⁴⁵, de 996⁴⁶ em diante, todos os reis franceses foram sepultados em Saint-Denis, com apenas três exceções⁴⁷ – Felipe I (1052-1108)⁴⁸, Luís VII e Luís XI (1423-1483)⁴⁹. As inúmeras doações, presentes e privilégios, fizeram com que a basílica se tornasse a *Abadia Real de Saint-Denis*.⁵⁰

³⁹ BLUM, 1992, p. 6.

⁴⁰ Em 636. SUGER. **Oeuvres, Tome I: Ecrits sur la Consécration de Saint-Denis - L'Oeuvre Administrative - Histoire de Louis VII.** Traduit par Françoise Gasparri. Paris: Les Belles Lettres, 2008, p. 203.

⁴¹ BLUM, 1992, p. 3.

⁴² CROSBY, Sumner McKnight et al. **The Royal Abbey of Saint-Denis in the Time of Abbot Suger (1122-1151).** New York: The Metropolitan Museum of Art, 1981, p. 17.

⁴³ CONSTABLE, Giles. Suger's Monastic Administration. In: GERSON, Paula Lieber (ed.). **Abbot Suger and Saint-Denis.** New York: The Metropolitan Museum of Art, 1986, p. 18.

⁴⁴ LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 23.

⁴⁵ Dagoberto I (merovíngio); Pepino, *o Breve*; Carlos, *o Calvo* (carolíngios) e Hugo Capeto (capetíngio), são alguns dos monarcas de três dinastias francesas sepultados na Abadia de Saint-Denis.

⁴⁶ Data do sepultamento de Hugo Capeto.

⁴⁷ CROSBY, 1981, p. 15.

⁴⁸ Felipe I foi rei dos francos de 1060 até sua morte. Ele foi pai de Luís VI. Ver BRADBURY, 2007 e FLICHE, Augustin. **Le règne de Philippe Ier, roi de France (1060-1108).** Paris: Société française d'imprimerie et de librairie, 1912. Disponível em: <<http://archive.org/stream/lergnedephipil00flic#page/n5/mode/2up>>. Acesso em: 01 maio 2016.

⁴⁹ Dito *o Prudente*, foi rei da França de 1461 até sua morte. Ver KENDALL, Paul Murray. **Louis XI: The Universal Spider.** New York: W.W. Norton & Company Inc., 1971 e FAVIER, Jean. **Louis XI.** Paris: Editions Tallandier, 2012.

⁵⁰ BLUM, 1992, p. 7.



Figura 2 – Dagoberto I, à esquerda, com manto azul real decorado com flores-de-lis e uma coroa, supervisiona a construção do monastério de Saint-Denis. Ao lado do rei, um monge e pessoas da nobreza. À direita, operários trabalham na obra. A forma arquitetônica representada na iluminura é compatível com a arquitetura gótica, não com aquela do século VII. Isso porque na Idade Média, não existia a noção de tempo histórico tal qual concebemos hoje.⁵¹ 1460, Iluminura, 83 x 87 mm. Fonte: BIBLIOTHEQUE NATIONALE DE FRANCE, département Estampes et photographie, RESERVE 4-AD-133. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b105111504>, acesso em: 17 de fev. de 2015.

A estrutura da igreja que perdurou até o abaciado de Suger, confundida por ele como obra da época do rei Dagoberto I, foi erguida no século VIII⁵², por ordem de Fulrad (710-784).⁵³ A planta baixa da igreja era em forma de cruz com abside semicircular, além de uma massiva entrada.⁵⁴ As colunas de mármore do edifício carolíngio se conservaram até o tempo de Suger, pois o mesmo comenta sobre elas em seus escritos. A abadia reformada por Fulrad foi

⁵¹ Para o tema, ver ORCÁSTEGUI, Carmen; SARASA, Esteban. **La Historia en la Edad Media: Historiografía e historiadores em Europa Occidental: siglos V-XIII.** Madrid: CATEDRA, 1991.

⁵² BLUM, 1992, p. 3.

⁵³ Abade de Saint-Denis de 750 até sua morte. Foi conselheiro de Pepino, *o Breve* e Carlos Magno. Ver RICHE, Pierre. **Les Carolingiens: une famille qui fit l'Europe.** Paris: Hachette, 1983 e BOUSSARD, Jacques. **The Civilization of Charlemagne.** Toronto: McGraw Hill Book Company, 1968.

⁵⁴ A abadia tinha 80 metros de comprimento por 35 metros de largura (no transepto), 21 metros de altura e permeada por 101 janelas. LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 27.

consagrada no dia 24 de fevereiro de 775, na presença⁵⁵ do rei Carlos Magno (c.742/747/748-814).⁵⁶ Além disso, em 832, o abade Hilduíno mandou construir uma adição à abadia de Fulrad, uma capela que se unia à extremidade da abside.⁵⁷ Portanto, foi essa construção, predominantemente do século VIII que persistiu até o século XII. Ela apresentava sinais de má conservação, além de ser inadequada para a missa, de acordo com Suger.

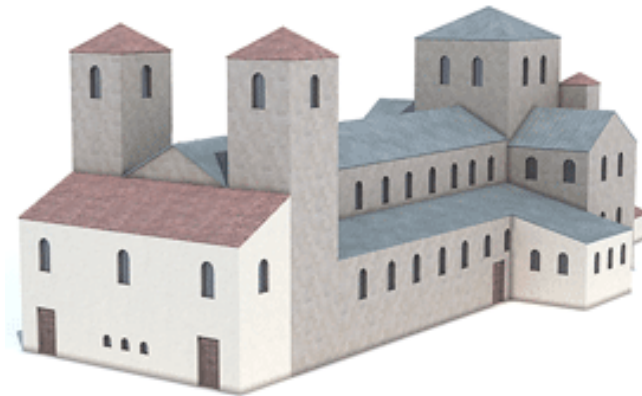


Figura 3 – Restituição hipotética da forma da Abadia de Saint-Denis no século XI. Nela, observamos um nártex destacado da construção, duas torres simples, a nave com dupla elevação e o transepto coroado por uma torre.

Fonte: Ministère de la culture / M. Wyss ; A.-B. Pimpaud ; M.-O. Agnes. http://www.saint-denis.culture.fr/fr/1_3b_ville.htm, acesso em: 17 de fev. de 2015.

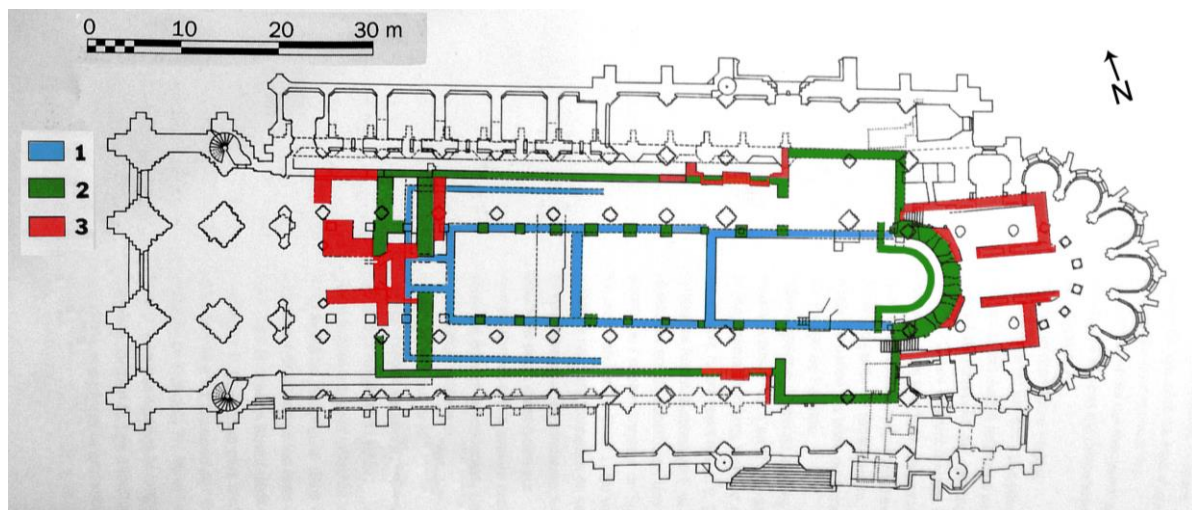


Figura 4 – Planta baixa da Basílica de Saint-Denis atual, sobreposta pelo plano esquemático da construção antes da reforma de Suger, c.1137. Legenda: **1** (azul) – Mausoléu do Baixo Império e basílica merovíngia, século IV e entre V-VII. **2** (verde) – Igreja de Fulrad, por volta de 769-775. **3** (vermelho) – Adições e reformas da igreja carolíngia, do século IX ao início do XII. Fonte: WYSS, 1996, p. 34, modificada por Tainah Moreira Neves (legenda, cores, norte).

⁵⁵ CROSBY, 1981, p. 15.

⁵⁶ Dito *o Grande*, foi rei dos francos e imperador do Ocidente. Com suas conquistas territoriais, ajudou a definir a Europa Ocidental. Ver BATHIAS-RASCALOU, Céline. **Charlemagne et l'Europe**. Paris: Vuibert, 2004 e MCKITTERICK, R. **Charlemagne: The Formation of a European Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

⁵⁷ LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 28.

Apesar de Suger se referir ao abaciado anterior ao seu com respeito e devoção, o abade Adam (que ocupou o cargo de 1094 a 1122⁵⁸) foi duramente criticado, tanto por Bernardo de Claraval quanto por Abelardo (1079-1142).⁵⁹ O abade de Claraval descreveu Saint-Denis anterior à reforma de Suger como “oficina de Vulcano⁶⁰” e “sinagoga de Satã”. Já Abelardo citou “obscenidades intoleráveis” na igreja, e que Adam era um “homem dos mais corruptos e renomado pela infâmia”.⁶¹ Portanto, o fato de a abadia contemporânea ao jovem Suger estivesse em uma situação de quase ruína, com a necessidade de reparos e reforma, fez com que o religioso desejasse adequá-la à sua importância e valor.⁶² Tão logo teve condições para isso, iniciou o processo de reedificação.⁶³

Porém, as condições necessárias para a reforma conduzida por Suger só foram possíveis graças a várias mudanças ocorridas no reino francês e na Europa, nas décadas antecedentes. Desde o século X, o comércio tinha se desenvolvido consideravelmente na região norte da França, o que resultou em um aumento da população e da prosperidade.⁶⁴ Entretanto, apesar do rei ter continuado a ter uma considerável força na vida medieval, com o feudalismo⁶⁵, seu poder enfraqueceu. A partir do século XI, houve um “vigoroso ressurgimento da vida urbana”⁶⁶, que prosseguiu nos séculos seguintes. Além disso, no século XII ocorreu uma melhora na segurança e no poder do reino capetíngio.⁶⁷ Uma vez que o laço entre a *Abadia Real de Saint-Denis* e os monarcas franceses era extremamente próximo, o destino das duas instituições estava ligado. Caso os reis franceses prosperassem, a abadia também seria contemplada.⁶⁸ Por isso, as duas ambições de Suger eram: fortalecer o reino franco e, conseqüentemente, engrandecer a Basílica de Saint-Denis.⁶⁹

⁵⁸ Catalogue des abbez de Saint-Denys em France. In: FÉLIBIEN, 1706.

⁵⁹ Pedro Abelardo foi um filósofo francês, dialético e teólogo cristão. Ver JOLIVET, Jean; VERGER, Jacques. **Bernard, Abélard, ou le cloître et l'école**. Paris: Fayard-Mame, 1982 e CLANCHY, M. T. **Abelard: A Medieval Life**. Oxford: Blackwell, 1997.

⁶⁰ Deus romano do fogo.

⁶¹ PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, 1979, p. 6.

⁶² Na época, a Abadia de Saint-Denis era designada como “mãe das igrejas francesas e coroa do reino”. VON SIMSON, 1990, p. 70.

⁶³ SUGER, *Liber de ...* I. In: PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, 1979, p. 40.

⁶⁴ KLEIN, Bruno. The Beginnings of Gothic Architecture in France and its Neighbors. In: TOMAN, Rolf (ed.). **Gothic: Architecture, Sculpture, Painting**. Paris: Ullmann & Könemann, 2007, p. 28.

⁶⁵ E pelas relações de suserania e vassalagem.

⁶⁶ JANSON, H. W. **História Geral da Arte: O Mundo Antigo e a Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 433.

⁶⁷ KLEIN. The Beginnings of ... In: TOMAN, 2007, p. 28.

⁶⁸ SCOTT, Robert A. **The Gothic Enterprise: A Guide to Understanding the Medieval Cathedral**. Berkeley: University of California Press, 2011, p. 78.

⁶⁹ PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, p. 2.



Figura 5 – Mapa da Europa durante o período Gótico. Nele, vemos os principais territórios: O Sacro Império Romano, a Île-de-France, as regiões vassalas do rei franco e a Península Ibérica. Em destaque, a região norte da França (Saint-Denis está em roxo). Fonte: CAMILLE, Michael. **Gothic Art: Visions and Revelations of the Medieval World**. London: The Everyman Art Library, 1996, p. 6, editado por Tainah Moreira Neves.

Com a ascensão do poder real francês, no qual Suger teve um papel decisivo, a falta de um estilo regional ligado à monarquia, combinada com a situação degradada das catedrais e abadias, proveu uma oportunidade para a renovação das igrejas que não poderia ter acontecido em

outra região.⁷⁰ Portanto, a arte e os artistas se tornaram instrumentos para promover e legitimar o poder real, que era intimamente ligado com o poder de Deus e da Igreja.

⁷⁰ SCOTT, 2011, p. 13.

3 DIONÍSIO, SAINT DENIS E PSEUDO-DIONÍSIO, O AREOPAGITA

Para prosseguirmos com essa investigação, devemos esclarecer e diferenciar as três figuras conhecidas como “*Dionísio*” (*Denis*) que foram integradas em uma só pessoa na Idade Média. Como descrito no capítulo anterior, foi Hilduíno, abade de Saint-Denis, quem primeiro fixou a lenda que unificou os Dionísios.⁷¹ Nela, o Dionísio grego (membro do Areópago⁷² e convertido por São Paulo em pessoa no séc. I), o Dionísio (primeiro bispo de Paris⁷³, sentenciado e decapitado em Montmartre e que carregou sua própria cabeça até encontrar um local adequado para sua sepultura, séc. III), e o Dionísio dos tratados teológicos neoplatônicos que se identificava como o Dionísio do Atenas (mas era um teórico do final do século V e início do século VI) foram sintetizados em um mesmo personagem.

Com isso, para Suger e seus contemporâneos, São Dionísio⁷⁴ era um grego e membro do Areópago, convertido por São Paulo.⁷⁵ Ele foi enviado para Paris com a missão de converter aquele povo ao cristianismo, juntamente com o padre Rústico e o diácono Eleutere. Porém, foram condenados⁷⁶ e decapitados. Após o cumprimento de sua sentença, o corpo de Dionísio pegou sua cabeça decapitada e marchou em direção ao norte, enquanto cantava salmos para o Senhor. Em um determinado momento, o corpo repousou, fato que indicaria o local de sua sepultura – exatamente onde foi construída a igreja e fundada a ordem monástica de Saint-Denis. Essa abadia abrigava uma coleção de tratados escritos por alguém que se identificava como Dionísio, do Areópago, convertido por São Paulo⁷⁷ e que seria, portanto, o mártir cujos restos mortais eram venerados na própria igreja. Esses textos forneciam ao santo um caráter

⁷¹ PSEUDO-DIONYSIUS. **Pseudo-Dionysius**: the complete works (translation by Colm Luibheid). New Jersey: Paulist Press, 1987, p. 22.

⁷² Conselho judicial de Atenas.

⁷³ WYSS, 1996, p. 21.

⁷⁴ *Saint Denis*, em francês; *Sancti Dionysii*, em latim.

⁷⁵ Fato que o torna ainda mais santo, quase apostólico, já que São Paulo era discípulo e foi convertido por Jesus Cristo.

⁷⁶ Na época, o Cristianismo não era ainda a religião oficial do Reino. Para o tema, ver VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394]**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. O tema do suposto “maquiavelismo da conversão de Constantino” é tratado em COSTA, Ricardo da. **A gênese da monarquia no Ocidente cristão (sécs. IV-VI)** (conferência proferida no dia 30 de junho no XXII *Encontro Monárquico do Rio de Janeiro*. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/genese-da-monarquia-no-ocidente>>. Acesso em: 06 mai. 2016. Texto Inédito.

⁷⁷ Como descrito no Atos dos Apóstolos (At 17:34): “*Alguns homens juntaram-se a Paulo e creram. Entre eles estava Dionísio, membro do Areópago, e também uma mulher chamada Dâmaris, e outros com eles*”.

de teólogo cristão⁷⁸ e serviam para fomentar a importância do patrono do reino para a abadia e para a Igreja Católica.



Figura 6 – O martírio dos três santos: Denis, Rustíco e Eleutere. Iluminura do manuscrito *Vie de saint Denis* (Vida de São Dionísio) feito para uso da Abadia de Saint-Denis no séc.

XIII. No quadro superior da imagem, os três santos são submetidos ao martírio da degolação (Denis segura sua cabeça nas mãos). Acima, três mãos oferecem coroas, o que indica a santidade dos religiosos. Em baixo, à esquerda, São Rieul, bispo de Arles, vê três pombas sobre a cruz do altar, e à direita, Denis caminha com sua cabeça, seguido por dois anjos e observado por pessoas. Século XIII, Iluminura, 315 x 228 mm. Fonte: BIBLIOTHEQUE NATIONALE DE FRANCE, Département des manuscrits, NAF 1098: fol. 44r. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b105154602/f95.item.zoom>, acesso em: 12 de jan. de 2016.

⁷⁸ VON SIMSON, 1990, p. 93.

Essa confusão, notada na época apenas por Abelardo⁷⁹, possibilitou a reconstrução conduzida por Suger, uma vez que, o abade embasou sua visão artística e sua estética nos tratados teológicos escritos, como ele acreditava, por São Dionísio. Outra característica importante gerada a partir da mistura desses “Dionísios” foi a relevância dada a São Paulo na iconografia da igreja, pois, por seu intermédio, Denis foi apresentado ao cristianismo.

Os escritos, ditos de autoria de Dionísio, foram entregues à Abadia de Saint-Denis por volta de 827 por Luís I (778-840)⁸⁰, que os tinha recebido do Imperador do Oriente⁸¹, Miguel II (770-829)⁸². Devido à má qualidade da tradução feita pelo abade Hilduíno⁸³, o manuscrito grego foi novamente traduzido por João Escoto Erígena em 862⁸⁴, a pedido do rei Carlos, o Calvo (823-877).⁸⁵ Além disso, posteriormente, Hugo de São Vitor comentou o *Da Hierarquia Celeste*, entre 1125 e 1137.⁸⁶

Corpus dionysiacum foi o nome dado à coletânea de manuscritos produzidos pelo personagem que a erudição moderna chama de “Pseudo-Dionísio, o Areopagita”. Uma vez que o autor do *Corpus* se identificava como Dionísio do Areópago convertido por Paulo⁸⁷, sua identidade permanece um mistério.⁸⁸ Pesquisadores acreditam que ele era originário da Síria, e que tenha produzido seus escritos entre os anos de 485 e 518/528, pois seus textos descrevem a liturgia da Igreja Católica desse período.⁸⁹ O *Corpus dionysiacum* que chegou até nós é composto por quatro tratados (*Dos Nomes Divinos*⁹⁰, *Da Hierarquia Celeste*⁹¹, *Da Hierarquia Eclesiástica*⁹²

⁷⁹ BLUM, 1992, p.5.

⁸⁰ *O Piedoso*, era filho de Carlos Magno. Ele foi rei dos francos e Sacro Imperador Romano-Germânico de 814 até sua morte. Ver BÜHRER-THIERRY, Geneviève. **L'Europe carolingienne (714-888)**. Armand Colin: Paris, 2001.

⁸¹ GRODECKI, Louis. **Les Vitraux de Saint-Denis: Étude sur le Vitrail au XIIe Siècle**. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1976, p. 16.

⁸² *O Amoriano*, foi Imperador bizantino de 820 até sua morte. Ver KAZHDAN, Alexander P. (ed.). **The Oxford Dictionary of Byzantium**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

⁸³ Em, aproximadamente, 835. PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA. **Obras completas**. (a cura de Teodoro H. Martins-Lunas). Madrid: BAC (Biblioteca de Autores Cristianos), 1995. p. 20.

⁸⁴ WYSS, 1996, p. 27.

⁸⁵ Filho de Luís I, Carlos II foi rei dos francos e Sacro Imperador Romano. Ver BRADBURY, 2007 e RICHE, 1983.

⁸⁶ PSEUDO-DIONYSIUS, 1987, p. 28.

⁸⁷ Fato que garantiu à sua obra uma grande influência na Idade Média e no Renascimento.

⁸⁸ Essa “falsificação” não deve ser compreendida em termos contemporâneos, pois Pseudo-Dionísio não se coloca como um inovador, mas sim como um comunicador de uma tradição. Esse recurso era muito utilizado na Retórica (conhecido como *declamatio*). CORRIGAN; HARRINGTON, 2014.

⁸⁹ *Ibid.*

⁹⁰ *Peri theion onomaton*, em grego; *De Divinis Nominibus*, em latim.

⁹¹ *Peri tes ouranias hierarchias*, em grego; *De coelesti hierarchia*, em latim.

⁹² *Peri tes ekklesiastikes hierarchias*, em grego; *De ecclesiastica hierarchia*, em latim.

e *Da Teologia Mística*⁹³) e dez cartas. O Cosmos construído por Pseudo-Dionísio tem conotações fortemente neoplatônicas.⁹⁴ Toda a realidade é hierárquica e tríade. Para ele, o universo é dividido em duas metades, a angélica e a humana que, juntas, constituem a *Ordem Sagrada*. A harmonia e o rigor do todo e das partes exigem que cada tríade, cada inteligência, se mantenha em seu próprio lugar, para ali, realizar, inteira e unicamente, sua própria função.⁹⁵ O teólogo propõe que devemos procurar a Luz que irradia o Mistério para que possamos nos divinizar através do conhecimento de Deus.⁹⁶ Com isso, há sempre no Cosmos um movimento cíclico, contínuo e vertical dos seres em direção ao Uno, primeiro princípio do ser, e da luz divina em direção aos seres. Dos textos de Suger e da arquitetura de Saint-Denis no século XII destacam-se os tratados *Dos Nomes Divinos* e *Da Hierarquia Celeste*.

Em *Dos Nomes Divinos*, Dionísio define Deus ao ponderar sobre Seus nomes. Para o *Areopagita*, Deus não é totalmente incomunicável, pois emana um *Raio Supraessencial* transcendente a cada um segundo sua capacidade (seu nível na hierarquia), o que permite a esse ser uma elevação em direção ao Raio que o ilumina: “Em resposta de amor à luz recebida, eles elevam humildemente suas faces, em santidade”.⁹⁷ A seguir, elucida que a luz é uma imagem, um arquétipo de Deus, do Bem:

A bondade própria de Deus, plenamente transcendente, invade tudo, desde os seres mais altos e perfeitos até os mais baixos (...) **Ilumina todas as coisas que podem receber sua luz, as cria, dá vida, mantém em seu ser e as aperfeiçoa** (...) Seu poder abraça o universo, é a causa e fim de tudo.

O grande Sol, sempre brilhante e esplêndido, é imagem em que se manifesta a Bondade divina, eco distante do Bem. Ilumina tudo o que pode receber sua luz sem perder nada de sua plenitude. **Difunde seus raios brilhantes de alto a baixo em todo o mundo visível.**⁹⁸

Na *metafísica da Luz*, a luz material, raio de Sol, são uma imagem de Deus. Esse arquétipo é o mais próximo que podemos chegar d’Ele. Esse recurso é muito utilizado por Suger e se

⁹³ *Peri mustikes theologias*, em grego; *De mystica theologia*, em latim.

⁹⁴ BISOGNO, Armando. Escoto Eriúgena e o início da filosofia cristã. In: ECO, Umberto (org.). **Idade Média I: Bárbaros, Cristão e Muçulmanos**. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2011, p. 357. Para o tema do neoplatonismo, ver BAUCHWITZ, Oscar Federico; BEZERRA, Cícero Cunha (orgs.). **Imagem e Silêncio: Atas do I Simpósio Ibero-Americano de Estudos Neoplatônicos**. Tomo I. Do Neoplatonismo Pagão ao Neoplatonismo Medieval. Natal: Editora da UFRN, 2009.

⁹⁵ PSEUDO-DIONYSIUS, 1987, p. 5.

⁹⁶ PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA, 1995, p. 65.

⁹⁷ 588D-589A. PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA, 1995, p. 271; PSEUDO-DIONYSIUS, 1987, p. 50, tradução nossa.

⁹⁸ 697B-697D. PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA, 1995, p. 298-299; PSEUDO-DIONYSIUS, 1987, p. 74, tradução e grifos nossos.

tornará seu *partido arquitetônico*⁹⁹: trazer a luz, imagem do Bem, para a casa de Deus na Terra, a igreja.

Além disso, em *Dos Nomes Divinos*, Dionísio explicita que tudo o que existe contém a luz divina. Não que o Sol seja o criador do universo, como os mitos antigos diziam, mas “desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas”.¹⁰⁰ Assim também é o que chamamos de *beleza* ou *belo*, já que esse termo se relaciona com a luz e é a causa de todo o esplendor e da harmonia em todos os seres. A Beleza reúne em si tudo em tudo.¹⁰¹ Por isso, seu nome contém toda a beleza.¹⁰² A beleza visível é uma imagem da beleza invisível.¹⁰³

Em *Da Hierarquia Celeste, o Areopagita* descreve as três tríades de seres angélicos, nove camadas que estão entre os homens e Deus. “Cada ser, independente do lugar que ocupa na hierarquia, na escala de seres, mesmo que seja dependente do ser ontologicamente superior a ele, é direta e imediatamente dependente de Deus para e pela sua existência”.¹⁰⁴ O movimento de ascensão de um ser percorre toda a escala hierárquica. Deus é o elo que mantém tudo em seu devido lugar, o que unifica o que ilumina¹⁰⁵:

A Luz procede do Pai, se difunde copiosamente sobre nós e com seu poder unificante nos atrai e nos leva ao alto. Faz-nos retornar à unidade e à divina simplicidade do Pai, reunidos Nele. “Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas”¹⁰⁶, como diz a Escritura. (...) Enquanto nos seja possível, estudemos as hierarquias dos espíritos celestes conforme a Sagrada Escritura nos revelou, de **modo simbólico e anagógico. Centremos fixamente o olhar imaterial do entendimento na Luz transbordante mais que fundamental, que se origina no Pai, fonte da Divindade.** (...) Dê a todos, no tamanho de suas forças, poder para elevar-se e unir-se a Ele segundo sua própria simplicidade¹⁰⁷.

⁹⁹ Um conceito complexo do meio arquitetônico: é conjunto de diretrizes e parâmetros que são levados em conta na realização de um projeto arquitetônico e ou urbanístico, como também a ideia preliminar, o conceito inicial do projeto de arquitetura.

¹⁰⁰ Pseudo-Dionísio utiliza passagens da Bíblia para embasar e fortalecer seus escritos, como essa de Romanos (Rom 1:20).

¹⁰¹ ECO, Umberto. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 45.

¹⁰² *701C-701D*. PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA, 1995, p. 300; PSEUDO-DIONYSIUS, 1987, p. 76.

¹⁰³ JAQUES PI, Jèssica. *La Estética del Románico y el Gótico*. Madrid: La Balsa de la Medusa, 2003, p. 42.

¹⁰⁴ CORRIGAN; HARRINGTON, 2014, tradução nossa.

¹⁰⁵ PUIGARNAU, Alfons. Neoplatonismo e iconografía en la Europa medieval. *Anuario Filosófico*, Navarra, v. 2, n. 33, p. 655-673, jan. 2000. Disponível em: <https://www.academia.edu/365224/PUIGARNAU_A._Neoplatonismo_e_iconografia_en_la_Europa_medieval._Anuario_filosofico_33_no._2_2000_655-673>. Acesso em: 22 maio 2015, p. 656.

¹⁰⁶ Rom 11:36.

¹⁰⁷ *121A-121B*. PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA, 1995, p. 191-120; PSEUDO-DIONYSIUS, 1987, p. 145-146, tradução e grifos nossos.

Nos escritos, fica claro que existe uma relação vertical entre o homem, em baixo, e Deus, no alto. Deus projeta seus raios luminosos para baixo, em direção a todos os seres. Portanto, para se relacionar com Ele devemos nos voltar para o alto e inverter o caminho percorrido pela Luz divina. Contudo, essa comunicação só é bem-sucedida se cada ser permanecer em seu lugar da hierarquia¹⁰⁸, pois somente ali ele receberá as forças necessárias para elevar-se. A luz presente em cada criatura guarda a promessa de guiá-la de volta a Deus.¹⁰⁹ As formas materiais são símbolos que nos guiam, de *forma anagógica*, a contemplar as hierarquias celestes. “Nós, homens, não poderíamos, de modo algum, nos elevar pela via puramente espiritual a imitar e contemplar as hierarquias celestes sem a ajuda dos meios materiais que nos guiam como requer nossa natureza. (...) As luzes materiais são imagem da copiosa efusão da luz imaterial”.¹¹⁰ A matéria está a serviço do imaterial, isso porque o material reflete de algum modo a beleza eterna de Deus.¹¹¹

Ao estabelecer que a hierarquia celeste é refletida nas hierarquias eclesiásticas¹¹² e humanas, o Pseudo-Dionísio legitima o poder real ao considerar que o rei, assim como o papa, no âmbito da Igreja, foi escolhido por Deus para ocupar o lugar mais alto da hierarquia secular. O rei, servo de Deus, deve assegurar que todos permaneçam em seus devidos lugares, pois só assim os homens poderão ascender à Luz. Ao comentar a história antiga, *o Areopagita* afirma que Deus envia um anjo a cada nação para identificar o soberano único e universal: “Pois, única é a Providência para todo o mundo, supraessencial, que transcende todo o poder visível e invisível. Existem anjos à frente de cada nação com a missão de guiar a Providência, com sua própria fonte, a todos os que queiram segui-los de bom grado”.¹¹³ Ter a legitimação do poder real afirmada por Dionísio é de grande importância para Suger, pois o abade desejava fortalecer o poder real francês. Isso criou um elo, uma trança assertiva entre o Patrono do reino, o poder real e a Abadia de Saint-Denis, pois um fortalece e legitima o outro.

¹⁰⁸ Que são semelhantes às hierarquias celestes.

¹⁰⁹ SCOTT, 2011, p. 132.

¹¹⁰ *121C-121D*. PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA, 1995, p. 121; PSEUDO-DIONYSIUS, 1987, p. 146, tradução nossa.

¹¹¹ PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA, 1995, p. 78.

¹¹² Comentada no escrito *Da Hierarquia Eclesiástica*.

¹¹³ *261B-261D*. PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA, 1995, p. 160-161; PSEUDO-DIONYSIUS, 1987, p. 172-173, tradução nossa.

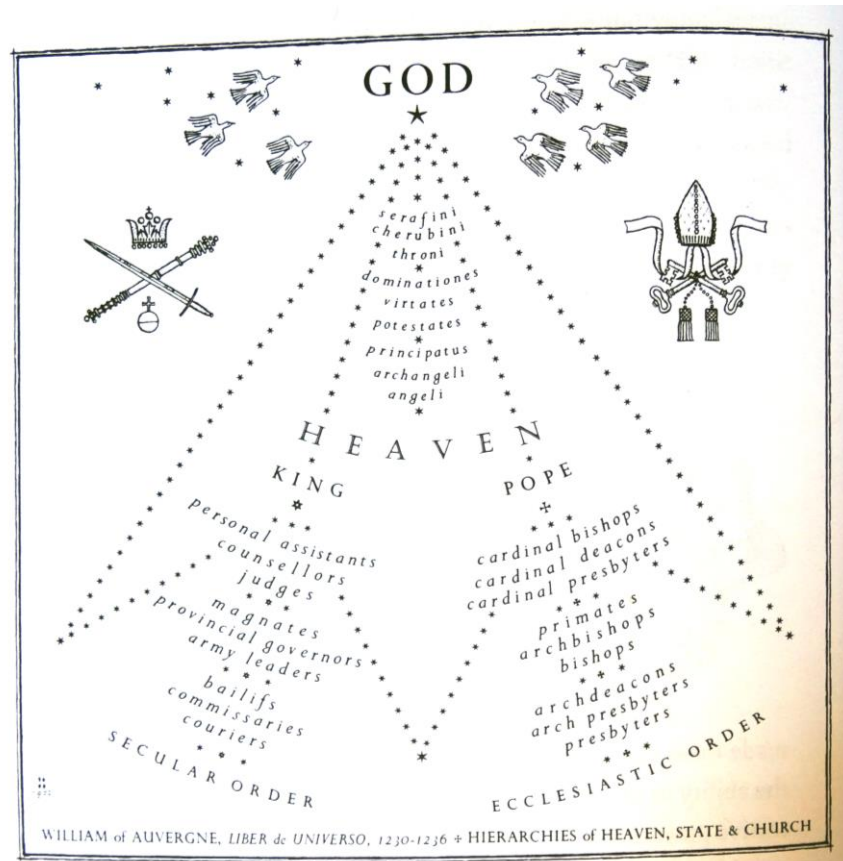


Figura 7 – As Hierarquias do Céu, o Estado e a Igreja, reproduzidas da Planta de St. Gall (1230-1236). No esquema, Deus é representado no topo, seguido pelas três tríades da hierarquia celeste: **Serafins, Querubins e Tronos** (os mais próximos de Deus); **Dominações, Virtudes e Potestades; Principados, Arcanjos e Anjos** (mais próximos dos homens). Abaixo do Paraíso estão representadas as duas hierarquias terrenas: a Secular e a Eclesiástica, com seus devidos líderes: o Rei e o Papa. O Pseudo-Dionísio não discorre sobre a hierarquia secular, somente a eclesiástica. A ordem secular, demonstrada no esquema, é constituída por assistentes pessoais do Rei, Conselheiros e Juízes; Magnatas, Governadores provinciais e Líderes do exército; Oficiais de justiça, Comissários e Mensageiros. A ordem eclesiástica é composta por Cardeal-bispos, Cardeal-diáconos e Cardeal-presbíteros; Primaz, Arcebispos e Bispos; Arquidiácono, Arquipresbítero e Presbíteros (Padres). Fonte: SCOTT, 2011, p. 220.

A relevância de *Da Hierarquia Celeste* para a construção estética de Suger é enorme. Seu contemporâneo e um dos maiores teólogos do seu tempo¹¹⁴, Hugo de São Vitor, escreveu um comentário¹¹⁵ sobre esse texto. A abadia de Hugo¹¹⁶ ficava no centro de Paris¹¹⁷ e era próxima da Abadia de Saint-Denis. É muito improvável que esses dois religiosos não tenham se

¹¹⁴ VON SIMSON, 1990, p. 105.

¹¹⁵ *Commentariorum in Hierarchiam coelestem Sancti Dionysii Areopagitae*.

¹¹⁶ A Escola de São Vitor foi fundada em 1108 e rapidamente ocupou um lugar central entre as principais escolas do seu tempo no Ocidente intelectual. A Abadia de São Vitor era como um microcosmos, um espelho de sua época.

¹¹⁷ Seus resquícios se encontram onde hoje é o “Musée de Cluny”, dedicado ao Mundo Medieval.

conhecido, pois Suger utiliza expressões, palavras, idênticas ao comentário do Vitorino em seus escritos.¹¹⁸ Portanto, a interpretação de Hugo teve um papel fundamental na percepção de Suger da obra de Pseudo-Dionísio.¹¹⁹ O teólogo de São Vítor pondera que “o símbolo é uma conjunção de formas visíveis destinada a mostrar as invisíveis”¹²⁰, e acrescenta: “nosso espírito apreende em sua própria natureza que as coisas visíveis têm parentesco e semelhanças com as invisíveis e que as coisas visíveis são imagens e cópias das que não se podem ver com os olhos.”¹²¹ Para ele, o mundo visível é como um “livro escrito pelo dedo de Deus”¹²²; cabe aos homens lê-lo e interpretá-lo. Outro interessante trecho do comentário de Hugo é quando há uma contraposição entre a beleza visível e a beleza invisível. Ao fazer isso, o abade destaca como podemos perceber o reflexo da beleza invisível na visível através de características inerentes à última:

Nosso espírito não pode alcançar a verdade das coisas invisíveis se não é educado pela consideração das coisas visíveis, de tal maneira que julga que as formas visíveis são as imagens da beleza invisível. (...) Há uma certa semelhança entre a beleza visível e a beleza invisível, de acordo com a mútua relação que entre elas estabeleceu o invisível Artífice. É, portanto, uma manifestação que **a mente humana, convenientemente estimulada, passa da beleza visível à beleza invisível** (...). Então (no âmbito da beleza sensível), têm seu lugar o aspecto agradável e a forma, que deleitam o olhar; o odor agradável, que deleita o olfato; a doçura do sabor, que se expande pelo paladar; a suavidade dos corpos, que o tato acaricia e recebe com leveza. No âmbito do invisível, porém, o aspecto agradável é a virtude; a forma é a justiça, a doçura é o amor, e o odor é o desejo; o som é alegria e exultação.¹²³

Além disso, em uma de suas cartas¹²⁴, o *Areopagita* também comenta a respeito de se guiar, pela luz, para Deus, mais uma referência para Suger embasar sua visão estética: “recebamos

¹¹⁸ POIREL, Dominique. *Symbolice et anagogice: l'école de Saint-Victor et la naissance du style gothique*. In: POIREL, Dominique (ed.). **L'abbé Suger, le manifeste gothique de Saint-Denis et la pensée victorine**: Actes du Colloque organisé à la Fondation Singer-Polignac (Paris) le mardi 21 novembre 2000. Turnhout: Brepols, 2001, p. 165.

¹¹⁹ ZINN JR., Grover A. Suger, Theology, and the Pseudo-Dionysian Tradition. In: GERSON, 1986, p. 35.

¹²⁰ “*Symbolum est collatio formarum visibilium ad invisibilium demonstrationem*”. SÃO VÍCTOR, Hugo de. Expositio in Hierachiam caelestem. Apud JACQUES PI, 2003. p. 127, tradução nossa.

¹²¹ “*noster animus ex propria natura docetur quod visibilia ad invisibilia cognationem habent et similitudinem et quod ipsa visibilia imagines sunt et simulacra eorum quae visibiliter videri non possunt*.” SÃO VÍCTOR, Hugo de. Expositio in Hierachiam caelestem. Apud JACQUES PI, 2003. p. 134, tradução nossa.

¹²² JACQUES PI, 2003, p. 42.

¹²³ “*Non potest noster animus ad invisibilium ipsorum veritatem ascendere, nisi visibilium consideratione eruditus, ita videlicet, ut arbitretur visibiles formas esse imaginations invisibilis pulchritudinis. (...) Est tamen aliqua similitudo visibilis pulchritudinis ad invisibilem pulchritudinem, secundum aemulationem, quam invisibilis artifex ad utramque constitui (...) est enim hic species et forma, quae delectate visum; est suavitas odoris, quae reflictit olfactum; est dulcedo saporis, quae infundit gustum; est lenitas corporum, quae fovet et blande excipit tactum. Illic autem species est virtus, et forma iustitia, dulcedo amor et odor desiderium: cantus vero gaudium et exultatio*.” SÃO VÍCTOR, Hugo de. Expositio in Hierachiam caelestem. Apud. JACQUES PI, 2003. p. 137-138, tradução e grifos nossos.

¹²⁴ Chamada de Carta VIII.

com toda a paz os raios benéficos do bem autêntico, Cristo, o bem que supera todo o bem. Que sua luz nos guie até as operações divinas de sua Bondade”.¹²⁵

Os escritos do Pseudo-Dionísio e dos teólogos que os traduziram e interpretaram (principalmente Hugo de São Vítor), tiveram grande importância na construção da estética defendida por Suger. É evidente que utilizar as concepções do santo patrono de sua abadia é uma dedução ideal, especialmente para ele, que desejava reformar a igreja dedicada à Denis, algo que eleva a construção a uma imagem direta da luz divina. Suger não era um teólogo, mas um pensador ativo que provavelmente se debruçou sobre várias fontes para formar sua esplêndida igreja dedicada a São Dionísio.¹²⁶ Além disso, o abade de Saint-Denis era sábio e conhecia suficientemente os métodos para constituir uma estética embasada, não somente nos escritos de Dionísio, mas em todos aqueles que o interessassem para alcançar os fins desejados para sua concepção formal e real. Cada ideia utilizada por Suger significa e re-significa outra; ele elaborou sua concepção estética com muitos nós e tranças, muitos vínculos que, no final, se personificaram na entrada e na cabeceira de Saint-Denis.

¹²⁵ 1085D. PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA, 1995, p. 392; PSEUDO-DIONYSIUS, 1987, p. 217, tradução nossa.

¹²⁶ ZINN JR., Grover A. Suger, Theology and the Pseudo-Dionysian Tradition. In: GERSON, 1986, p. 37.

4 SUGER

Uma das figuras mais emblemáticas na religiosidade, na política, na história e na arte do século XII foi, sem dúvida, Suger de Saint-Denis, abade beneditino que comandava uma das igrejas mais importantes de seu tempo, a Abadia de Saint-Denis. Conselheiro de dois reis franceses, biógrafo de Luís VI e, se tivesse mais alguns anos de vida, teria sido de Luís VII. Foi também regente do reino francês por dois anos, além de ter reconstruído sua igreja para refletir a *metafísica da luz* pregada por Pseudo-Dionísio. Além de tudo isso, foi historiador do seu próprio trabalho em Saint-Denis.



Figura 8 – Suger, representado no vitral Árvore de Jessé da Abadia de Saint-Denis, século XII. Esse vitral está localizado na capela radiante do extremo leste da igreja. Na parte inferior do vitral, Suger (Sugerius) de manto verde, tonsurado e com cavanhaque, oferece uma janela com vitral para Cristo e Sua linhagem (que não aparecem no detalhe). Essa é uma das várias representações de Suger presentes na abadia. Fonte: Arquivo Pessoal.

Apesar de sua ligação com a monarquia francesa, Suger, nascido em 1081¹²⁷, tinha origens modestas. Em 1091, aos 10 anos¹²⁸, foi dado como oblato¹²⁹ à Abadia de Saint-Denis por seu pai, Elinand¹³⁰ (ou Hélinant¹³¹). Essa era uma atitude comum na época. Tornar-se religioso era uma forma de ascensão social: meninos humildes poderiam chegar a um lugar de prestígio¹³², já que tinham acesso à uma educação de qualidade. Suger passou os dez primeiros anos de sua formação na escola da abadia, em Saint-Denis-de-l'Estrée.¹³³ Durante esse tempo, conheceu e se tornou amigo do herdeiro do trono francês¹³⁴, o futuro Luís VI, o *Gordo*. Após alguns anos em Notre-Dame-de-Fleury¹³⁵, ele retornou à Saint-Denis para completar seus estudos. Nesta época, participou de discussões de mestres parisienses, como Joscelin (?-1152)¹³⁶, seu amigo e futuro bispo de Soissons.¹³⁷ Portanto, o futuro abade tinha uma formação sólida e um vasto conhecimento¹³⁸ da Antiguidade, da Bíblia, dos textos patrísticos e também da história, principalmente, a do reino franco.¹³⁹

Devido à sua capacidade, interesse e vivacidade, Suger conquistou a confiança do abade Adam e participou, desde muito cedo, de missões diplomáticas e da administração da abadia¹⁴⁰, o que contribuiu para ele criar uma notável visão política.¹⁴¹ Em 1106, ele encontrou o papa Pascoal II (c. 1050-1118)¹⁴² e participou do Concílio de Poitiers.¹⁴³ No ano seguinte, com vinte e seis anos, foi enviado para ser prior de Berneval-le-Grand, na

¹²⁷ LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 38.

¹²⁸ BLUM, 1992, p. 3.

¹²⁹ Indivíduo oferecido por seus pais a um convento para serviço de Deus.

¹³⁰ FÉLIBIEN, 1706, Livre IV, p. 152.

¹³¹ WYSS, 1996, p. 50.

¹³² BENTON, John F. Introduction: Suger's Life and Personality. In: GERSON, 1986, p. 3.

¹³³ WYSS, 1996, p. 50.

¹³⁴ TOMAN, 2007, p. 8.

¹³⁵ Local de estudo da pesquisa histórica. CERCLET, Dominique et al. **2012-2015, La Basilique Saint-Denis: Restauration de la Façade Occidentale**. Issy-les-Moulineaux: Beaux-arts Éditions, 2015, p. 8.

¹³⁶ O teólogo francês era opositor filosófico de Abelardo. Suger dedicou seu livro sobre a vida de Luís, o *Gordo* a ele.

¹³⁷ WYSS, 1996, p. 50.

¹³⁸ O monge Guillaume (*Willelmus*) de Saint-Denis escreveu uma biografia póstuma de Suger. Nela, cita a memória indefectível do abade, que sabia de cor textos bíblicos do Novo e do Antigo Testamento, versos de autores antigos e a história da monarquia francesa. WILLELMUS. Sugerii Vita. In: SUGER. **Oeuvres, Tome II: Lettres de Suger - Chartes de Suger - Vie de Suger par le moine Guillaume**. Traduit par Françoise Gasparri. Paris: Les Belles Lettres, 2008, p. 304-305.

¹³⁹ CERCLET, 2015, p. 8.

¹⁴⁰ CHOAY, 2011, p. 59.

¹⁴¹ CERCLET, 2015, p. 8.

¹⁴² Foi papa de 1099 até sua morte. Ver CANTARELLA, Glauco Maria. Pasquale II. In: ENCICLOPEDIA DEI PAPI. Roma: Istituto Dell'enciclopedia Italiana Treccani, 2000. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/pasquale-ii_\(Enciclopedia_dei_Papi\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/pasquale-ii_(Enciclopedia_dei_Papi)/>). Acesso em: 11 jan. 2016.

¹⁴³ WYSS, 1996, p. 50.

Normandia¹⁴⁴, e depois, em 1109, para o priorado de Toury¹⁴⁵, em Beauce, onde as pessoas vivam em “uma opressão criminosa”.¹⁴⁶ Ao reformar esses dois priorados, que se encontravam em situações precárias, ele demonstrou suas qualidades como mediador e administrador.¹⁴⁷

Após a coroação de Luís VI, em 1108, Suger passou a acompanhar o rei em expedições militares pela região da Île-de-France. Ao atuar como embaixador do soberano perante a Santa Sé, se valeu de sua relação com o papa Calisto II (c.1060-1124)¹⁴⁸ para beneficiar o reino franco e também sua abadia.¹⁴⁹ Essas viagens à Itália e à França contribuíram para enriquecer seu caráter, sua visão artística e embasar suas futuras ações como homem de Estado.¹⁵⁰ Suger viu de perto as grandes igrejas do passado, seus afrescos, mosaicos e colunas de mármore, além das de seu tempo¹⁵¹, em especial a Abadia de Monte Cassino, berço da ordem beneditina e reconstruída¹⁵², no século XI, pelo abade construtor, mecenas e homem de Estado, Desidério, futuro papa Vitor III (1027-1087).¹⁵³ As ações e qualidades do abade de

¹⁴⁴ Lá, Suger teve contato com Henrique I da Inglaterra (1068, governou de 1100 até sua morte, em 1135), por quem tinha uma profunda admiração, e o chama de valente, energético (*strenuissimi*). SUGER. Tome I, 2008, p. 108-109.

¹⁴⁵ Por dois anos, Suger administrou o priorado de Toury, que se encontrava em disputa com nobres locais. A guerra contra o senhor de Puiset contou com ajuda do rei e de igrejas da região. Somente após a vitória de Luís VI em Puiset foi que o futuro abade de Saint-Denis pôde restaurar o priorado. Por essa *guerra sangrenta*, Suger lamentou até seu último dia. SUGER. Tome I, 2008, p. XII.

¹⁴⁶ *Nefandæ oppressionis*. Situação descrita pelo abade no escrito sobre sua administração. SUGER. Tome I, 2008, p. 84-85.

¹⁴⁷ PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, 1979, p. 2.

¹⁴⁸ Foi papa de 1119 à sua morte. Ver MICCOLI, Giovanni. Callisto II. In: ENCICLOPEDIA DEI PAPI. 2000. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/callisto-ii_%28Enciclopedia_dei_Papi%29/>. Acesso em: 11 jan. 2016.

¹⁴⁹ WYSS, 1996, p. 50.

¹⁵⁰ SUGER. Tome I, 2008, p. XVI.

¹⁵¹ É bem provável que Suger tenha se inspirado nas construções que viu em suas viagens. Há ainda a possibilidade de que tenha entrado em contato com mestres construtores e artesãos qualificados, chamados para a reconstrução de Saint-Denis. CROSBY, Sumner McKnight. The Plan of the Western Bays of Suger's New Church at St. Denis. **Journal Of The Society Of Architectural Historians**, Chicago, v. 27, n. 1, p. 39-43, mar. 1968. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/988427>>. Acesso em: 18 jun. 2015, p. 17.

¹⁵² Em sua reforma, o abade de Monte Cassino desejava impor uma eclesiologia à arte. A doutrina católica seria propagada pela decoração das igrejas. Esse conceito teve início com o Papa Gregório VII (1020-1085) na *Reforma Gregoriana* ou *Reforma da Igreja*. RUSSO, Daniel. Réforme Grégorienne. In: CHARRON, Pascale; GUILLOUËT, Jean-Marie (dir.). **Dictionnaire d'Histoire de l'Art au Moyen Âge Occidental**. Paris: Éditions Robert Laffont, 2009.

¹⁵³ Foi abade de Monte Cassino de 1058 até 1087, nesse tempo ele reconstruiu completamente o edifício da abadia, ao orná-la com preciosos afrescos e mosaicos. Ele foi Papa de 1086 até sua morte, portanto seu papado durou somente um ano. Ver COLOTTO, Cristina. Vittore III, beato. In: ENCICLOPEDIA DEI PAPI. 2000. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/beato-vittore-iii_%28Enciclopedia_dei_Papi%29/>. Acesso em: 11 jan. 2016.

Monte Cassino inspiraram o jovem Suger e foram empregadas na reconstrução de Saint-Denis.¹⁵⁴

Em março de 1122, na volta de uma de suas viagens à Itália, o monge de quarenta e um anos soube da morte do abade Adam e de sua ordenação como abade de Saint-Denis.¹⁵⁵ Em seu abaciado, Suger desejava restaurar a ordem moral e as estruturas físicas da igreja que considerava como sua mãe.¹⁵⁶ Porém, desde o início de sua administração precisou, primeiro, organizar a vida da abadia, seus rendimentos e suas posses, para então criar as bases para a reconstrução propriamente dita de Saint-Denis. Apesar dos ataques de reformadores como Abelardo e, sobretudo, Bernardo de Claraval, o abade de Saint-Denis conseguiu alcançar seus objetivos. Restaurou a Regra Beneditina, em uma medida justa, melhorou a condição econômica e reformou alguns dos edifícios monásticos.¹⁵⁷ Saint-Denis era a abadia real por excelência, querida pelo rei Luís VI, emblema da realeza e da França.¹⁵⁸

Logo no início de seu abaciado, Suger organizou uma cerimônia oficial para legitimar a relação entre o reino franco e a Abadia de Saint-Denis. Em 1124, antes de partir para combater a ameaça de invasão inglesa e germânica¹⁵⁹, o rei prestou juramento em honra a São Dionísio. Nele, Luís VI, ajoelhado diante das relíquias dos santos, pediu que o patrono intercedesse junto a Deus, em nome da França, para salvar o reino. Em troca, o rei prometeu honrar a abadia com ricas doações. Após o juramento, Luís VI caminhou até o altar e pegou, das mãos do abade Suger, o estandarte de Saint-Denis.¹⁶⁰ Com esse gesto, se reconheceu como vassalo da abadia. A flâmula iria proteger o rei e seus companheiros na batalha que nunca aconteceu, já que o imperador germânico retirou suas tropas. Luís VI e seus compatriotas venceram sem derramar sangue, um *milagre de saint Denis*. Com isso, Suger conseguiu conectar, com nós firmes, a França, o santo patrono, a abadia e o monarca francês.¹⁶¹

¹⁵⁴ SUGER. Tome I, 2008, p. XVI.

¹⁵⁵ Em 19 de fevereiro de 1122. GERSON, 1986.

¹⁵⁶ Suger demonstrou sua gratidão em relação à própria abadia que o acolheu desde o 'leite materno' até a idade avançada. SUGER. Tome I, 2008, p. 56-57.

¹⁵⁷ Entre eles estavam o refeitório, o dormitório. WYSS, 1996, p. 50.

¹⁵⁸ WYSS, 1996, p. 50.

¹⁵⁹ O imperador germânico Henrique V (1106-1125) se aliou com seu sogro, Henrique I da Inglaterra, para invadir a França em retaliação à excomunhão de Henrique V dada pelo papa Calisto II. Essa só seria desfeita se o imperador reconhecesse o direito do papa de dar a investidura. SCOTT, 2011, p. 79.

¹⁶⁰ Após esse evento a *oriflamme* de Saint-Denis passou a ser o estandarte de batalha do rei, símbolo nacional. O nome advém de suas características, dotada de várias flamas douradas com um fundo vermelho/laranja.

¹⁶¹ VON SIMSON, 1990, p. 71-75.



Figura 9 – Reprodução e detalhe da *Oriflamme* de Saint-Denis, exibida atualmente na basílica. É feita com um tecido vermelho alaranjado e uma cruz dourada ao centro. Em sua decoração, há pequenas flamas e a frase *Monjoie St Denys* na parte superior, grito de guerra do rei Luís VI. Fonte: Arquivo Pessoal.

Em 1137, Suger foi enviado, por ordens do rei, para acompanhar o príncipe Luís que iria se casar com Leonor (c. 1122/1124-1204)¹⁶², filha do duque de Aquitânia. No mesmo ano, morreu Luís VI e seu filho foi coroado rei dos francos.¹⁶³ Nesse período, o abade começou a desejada reforma da Abadia de Saint-Denis, após ter multiplicados seus bens, possessões e rendas. A transformação começou pela fachada oeste, entrada do santuário. Ela foi consagrada em 1140¹⁶⁴, mesmo inacabada, já que a parte superior da torre norte ainda não haviam sido

¹⁶² Aliénor d'Aquitaine (em francês) foi rainha consorte da França (1137-1152) e da Inglaterra (1154-1189), devido ao seu novo casamento, com o rei da Inglaterra, Henrique II (nascido em 1133, foi rei de 1154 até sua morte, em 1189). Ela morreu com 82 anos e teve 10 filhos, desses, dois foram reis ingleses. Ver DUBY, Georges. **Dames du XIIe siècle, Tome I: Héloïse, Aliénor, Iseut et quelques autres**. Paris: Gallimard, 1995 e MEADE, Marion. **Eleanor of Aquitaine**: New York: Penguin Books, 2001.

¹⁶³ GASPARRI, Françoise. La pensée et l'œuvre de l'abbé Suger à la lumière de ses écrits. In: POIREL, 2001, p. 92.

¹⁶⁴ SUGER. Tome I, 2008, p. XXXIX.

concluída. No mesmo ano, Suger deu início às obras da cabeceira da igreja, consagradas, com a presença do rei, Luís VII, e da sua esposa, em 1144.¹⁶⁵

Suger atuou como conselheiro real do rei Luís, *o Jovem* e de Luís VI. Devido ao seu caráter, prestígio e boa visão da política e econômica do reino franco, ele foi designado para ser regente durante a Segunda Cruzada.¹⁶⁶ Nos dois anos em que ficou à frente da França (1147-1149), o abade de Saint-Denis garantiu recursos para a cruzada real, além de administrar a terra e suas rendas, e suprimir um golpe de Estado.¹⁶⁷ Suger entregou um reino em melhores condições das que tinha recebido: unificado e pacificado. Por isso o consideravam como “*Pai da Pátria*”.¹⁶⁸

Suger foi muito mais um homem de ação do que das letras. Não produziu nenhum tratado teológico¹⁶⁹ (como os mais renomados religiosos do seu tempo¹⁷⁰), mas contribuiu para a construção da História.¹⁷¹ Seus relatos sobre a vida do rei Luís VI¹⁷² (composto entre 1137 e 1144) e o da vida de Luís VII¹⁷³ (incompleto devido à sua morte) compõem a origem do movimento historiográfico chamado de *Grandes Crônicas da França*.¹⁷⁴ Neles, o abade conta, vividamente, as histórias mais relevantes dos reinados dos soberanos francos. Os relatos serviriam como um *código de conduta* para os reis que viriam posteriormente, “uma imagem de um modelo de vida que deveria ser uma promessa para o futuro”.¹⁷⁵ A bravura frente às batalhas, a compaixão com os pobres, os órfãos e as viúvas, a política externa e a vida ‘gloriosa’, pautada na estreita ligação entre o Estado e a Igreja, foram considerados

¹⁶⁵ WYSS, 1996, p. 52.

¹⁶⁶ LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 40.

¹⁶⁷ Golpe planejado pelo irmão do rei, Roberto de Dreux (c.1125-1188). SUGER. Tome I, 2008, p. XVIII.

¹⁶⁸ *Pater patrie*. WILLELMUS. In: SUGER. Tome II, 2008, p. 342-343 e PANOFISKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 155.

¹⁶⁹ Suger “é um dos raros autores de seu tempo a preferir a história às especulações teológicas”. SUGER. Tome I, 2008, p. XXVI, tradução nossa.

¹⁷⁰ Como Bernardo de Claraval, Pedro Abelardo, Hugo e Ricardo de São Vítor (1110-1173), Joscelin de Soisson, e muitos outros.

¹⁷¹ Seu sucessor no cargo de abade de Saint-Denis, Eudes de Deuil (1110-1162), por influência de Suger, acompanhou e foi o historiador da Segunda Cruzada, liderada por Luís VII. A crônica intitulada “Da expedição de Luís VII no Oriente” (*De profectone Ludovici VII in Orientem*) foi dedicada a Suger. ODON DE DEUIL. Histoire de la Croisade de Louis VII. In: GUIZOT, M. **Collection des Mémoires Relatifs a l'Histoire de France**: depuis la fondation de la Monarchie Française jusqu'au 13e siècle. Paris: Chez J.L.-J. Brière, 1824. Disponível em: <<http://remacle.org/bloodwolf/historiens/odondedeuil/louis7.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

¹⁷² Reproduzido no livro SUGER, 1992.

¹⁷³ Reproduzido em latim e traduzido para francês por Gasparri, em SUGER. Tome I, 2008, p. 156-178.

¹⁷⁴ Uma série de biografias reais escritas em Saint-Denis. SPIEGEL, Gabrielle M. History as Enlightenment: Suger and the Mos Anagogicus. In: GERSON, 1986, p. 151-158.

¹⁷⁵ SUGER. Tome I, 2008, p. XXVI, tradução nossa.

exemplos de como deveria ser um soberano correto, justo e digno do cargo imposto por Deus.¹⁷⁶

Seus dois livros sobre sua administração¹⁷⁷ e sobre a consagração da Abadia de Saint-Denis¹⁷⁸ também são de suma importância. Compostos entre 1144 e 1149, eles abrem caminho para a história da arte, em especial àquela dos edifícios portadores de memória.¹⁷⁹ Pelo relato de Suger, podemos vislumbrar a obra imaginada por ele, os trabalhadores e os efeitos então causados.

Além disso, há várias cartas e tratados feitos e adereçados a Suger que nos ajudam a definir uma imagem do abade.¹⁸⁰ Seu conflito com Bernardo de Claraval é ilustrado na correspondência trocada entre os dois. Outro fato interessante que podemos notar nessa coleção de documentos é sua grande influência. Não só religiosos do reino franco e adjacências eram seus correspondentes, mas o papa¹⁸¹ e rei da Sicília¹⁸² trocaram opiniões com ele.

A breve biografia póstuma de Suger¹⁸³, composta pelo monge Guillaume de Saint-Denis, em que o abade é representado em seus últimos anos, também faz parte do livro de Gasparri. Guillaume destaca que o abade de Saint-Denis tinha uma memória forte, um caráter amável e pacifista e que tinha baixa estatura. Vivia com simplicidade e fazia tudo o que podia para honrar sua abadia. Era zeloso com os pobres, com os órfãos e com as viúvas que buscavam apoio na igreja. Apreciava as festas religiosas, pois a abadia se enchia de fiéis. Porém, no final de 1150, ele ficou doente e pediu para os Céus que não partisse nas comemorações do Natal,

¹⁷⁶ Pois, de acordo com Pseudo-Dionísio, cada soberano é escolhido por Deus, pelo intermédio de anjos. Discussão feita no capítulo “DIONÍSIO, SAINT DENIS E PSEUDO-DIONÍSIO, *O AREOPAGITA*”.

¹⁷⁷ “*Gesta Sugerii Abbatis*” reproduzido e traduzido para o francês por Gasparri em SUGER. Tome I, 2008, p. 54-155. E “*Liber de Rebus in Administratione Sua Gestis*” reproduzido e traduzido para o inglês por Panofsky em PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, 1979, p. 40-81.

¹⁷⁸ “*Scriptum Consecrationis Ecclesiae Sancti Dionysii*” reproduzido e traduzido para o francês por Gasparri em SUGER. Tome I, 2008, p. 2-53. E “*Libellus Alter de Consecratione Ecclesiae Sancti Dionysii*” reproduzido e traduzido para o inglês por Panofsky em PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, 1979, p. 82-121.

¹⁷⁹ SUGER, *Liber ...* XXIV. In: PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, 1979.

¹⁸⁰ Elas estão reproduzidas em latim e traduzidas para o francês por Gasparri, no livro SUGER. Tome II, 2008, p. 1-291.

¹⁸¹ Papa Eugênio III (ocupou o cargo de 1145, até sua morte, em 1153), da ordem de Cister, organizou, da França, a Segunda Cruzada. Era o principal correspondente de Suger nos últimos anos de sua vida. SUGER. Tome II, 2008, p. XV.

¹⁸² Rogério II da Sicília (1095-1154). SUGER. Tome II, 2008, p. 128-129.

¹⁸³ “*Sugerii Vita*” está reproduzido em latim e traduzido para o francês por Gasparri, no livro SUGER. Tome II, 2008, p. 292-373.

pois não queria que os dias de festa se transformassem em dias de luto.¹⁸⁴ Suger morreu em janeiro de 1151¹⁸⁵ e deixou instruções para o rei e que a obra da nave da abadia fosse concluída após sua morte.¹⁸⁶ Mas isso não aconteceu: a obra da nave só foi retomada no século XIII. Ademais, Luís VII se separou de Leonor¹⁸⁷, algo que o abade não queria que acontecesse.¹⁸⁸ No entanto, o que deixou de mais precioso foram seus escritos, suas reformas administrativas e econômicas e seu legado artístico.¹⁸⁹

¹⁸⁴ WILLELMUS. In: SUGER. Tome II, 2008, p. 352-353.

¹⁸⁵ GERSON, 1986.

¹⁸⁶ Em 1151, ao prever sua morte, devido à sua grave doença, Suger escreve ao rei. Suplicou a Luís VII que guardasse e protegesse a nobre igreja de Saint-Denis (*nobili ecclesia Beati Dyonisii*), além de amar a Igreja de Deus, defender os órfãos e as viúvas e perseverar no poder, espiritual e temporal, uma vez que ele (o rei) tinha muitos inimigos. SUGER. Tome II, 2008, p. 92-97.

¹⁸⁷ E, conseqüentemente, perdeu o ducado da Aquitânia, em 1152. SUGER. Tome I, 2008, p. XXX.

¹⁸⁸ Na carta escrita por Suger, endereçada a Luís VII, de 1149, o abade pede calma ao rei ao tratar do conflito com sua esposa, Leonor. SUGER. Tome II, 2008, p. 32-39.

¹⁸⁹ BENTON. In: GERSON, 1986, p. 7.

5 ARQUITETURA E ESPIRITUALIDADE: SUGER E A EDIFICAÇÃO DO GÓTICO

A análise artística da obra dirigida por Suger é possível devido à sobrevivência tanto da arquitetura da Abadia Saint-Denis quanto dos escritos produzidos pelo abade. Apesar da intervenção no século XIII, com a adição de um nível à cabeceira¹⁹⁰, a reforma da nave e as perdas ocorridas durante a Revolução Francesa (1789-1799)¹⁹¹, a estrutura atual ainda guarda muitas características da obra do século XII. Entre 2012 e 2015¹⁹², a fachada da basílica foi inteiramente restaurada. No momento (2016), os vitrais passam por um processo de preservação que promete reaver a *luz milagrosa* para o interior da cabeceira de Saint-Denis. Com isso, veremos como a arquitetura e a arte foram idealizadas a fim de transmitir um significado espiritual embasado na interpretação de Suger da teologia Cristã.

Durante toda sua permanência na Abadia de Saint-Denis, Suger desejava adequar a estrutura da igreja à sua importância como abadia real, necrópole dos reis e símbolo do poder francês. Desde o início de sua administração, o abade impôs aos habitantes de Saint-Denis uma cota financeira *consagrada às despesas de renovação e decoração da entrada da abadia*.¹⁹³ Antes de realizar essa obra, Suger necessitava reaver toda a capacidade econômica da igreja, exatamente o que foi feito nos anos iniciais de seu abaciado.¹⁹⁴ Não só os bens materiais – os tesouros, as terras e os impostos – como também os espirituais – o comportamento dos monges de Saint-Denis e a Regra Beneditina – foram restaurados e fortalecidos. O próprio abade discorreu sobre essa fase de sua administração na primeira parte do escrito *Gesta Sugerii Abbatis*.¹⁹⁵ Descreveu cada domínio da abadia¹⁹⁶, de acordo com sua memória, como também as transações financeiras de compra e venda de terras, de taxas e de impostos

¹⁹⁰ A adição de um nível superior ocorreu para igualar a altura das estruturas dos séculos XII e XIII. Essa intervenção proveu ainda mais luminosidade para a cabeceira da abadia.

¹⁹¹ Na Revolução Francesa, por considerar a estreita relação entre a monarquia e a Igreja Católica, os revolucionários danificaram e destruíram muitas igrejas. Quase todas as esculturas e imagens de santos, anjos e reis foram decapitadas, assim como ocorreu com a monarquia da época. Ver ASTON, Nigel. **Religion and Revolution in France, 1780-1804**. Washington: The Catholic University of America Press, 2000 e BYRNES, Joseph F. **Priests of the French Revolution: Saints and Renegades in a New Political Era**. Penn State: The Penn State University Press, 2014. Para todos os excessos, perseguições, massacres perpetrados em nome do ideal de “igualdade, fraternidade, liberdade”, ver ANDRESS, David. **O Terror: Guerra Civil e a Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

¹⁹² Processo descrito em CERCLET, 2015.

¹⁹³ “...*quod ipsi ad introitum monasterii Beati Dyonisii renovandum et decorandum...*”. Tratado de 15 de março de 1125, In: SUGER. Tome II, 2008, p. 166-175, tradução nossa.

¹⁹⁴ Entre 1125-1131, ou mesmo 1137. SUGER. Tome I, 2008, p. XXIII.

¹⁹⁵ SUGER. Tome I, 2008, p. 56-111.

¹⁹⁶ Como Tremblay (*Trembliaco*), Monnerville (*Monarvilla*), Toury (*Tauriaco*) e Berneval (*Bernevalle*).

cobrados. Para Suger, narrar em pormenores sua administração era fundamental para inspirar futuros abades de Saint-Denis, para que o monastério prosperasse mesmo na sua ausência.

Somente após a morte de Luís VI, em 1137, é que Suger se dedicou à reconstrução de sua abadia.¹⁹⁷ As obras começaram pela entrada, a porta, a fachada oeste da igreja, e se estenderam para a cabeceira, na extremidade leste. Apesar da vontade do abade em reedificar a basílica por completo, a nave não foi renovada, muito provavelmente devido à sua morte, em 1151. Entre 1130/1137 e 1144, a visão teológica de Suger foi aplicada à estrutura física da abadia que ele administrava, um marco na arte medieval. Foi justamente após a consagração da cabeceira que religiosos pediram que Suger *não deixasse os anos de sua administração sem um registro escrito*.¹⁹⁸ A partir daí, ele começou a registrar as memórias de sua obra. O primeiro escrito foi sobre a consagração da abadia¹⁹⁹ e depois sobre sua administração²⁰⁰. Neles, o abade expôs as etapas de construção da igreja, assim como suas concepções teológicas. Utilizaremos ambos os escritos, já que um complementa o outro, e discorreremos conforme as obras conduzidas por Suger, da fachada à cabeceira.

Por ser um trabalho importante e dispendioso, Suger procurou se justificar e apontar as razões pelas quais iniciou a reconstrução de Saint-Denis. Essas justificativas não eram dirigidas às pessoas, mas a Deus. Para o abade, tudo o que aconteceu em sua vida foi por intervenção divina, especialmente sua eleição para o cargo e a possibilidade de restaurar uma das igrejas mais relevantes da França. Portanto, ele deveria prestar contas de seu trabalho a Deus, que julgaria se estava ou não apto para ser recebido no Paraíso, algo que desejava profundamente (assim como a comunidade católica). Suger esclarece que, apesar da rica ornamentação, com colunas de mármore, o edifício construído²⁰¹ pelo *glorioso e ilustre rei dos francos*

¹⁹⁷ Com a coroação de Luís VII, e uma nova formação da chancelaria, a influência do abade de Saint-Denis na Corte real diminuiu. Com isso, Suger pôde, enfim, se dedicar à reedificação de sua igreja. SUGER. Tome I, 2008, p. XXV.

¹⁹⁸ No escrito sobre sua administração Suger ressalva que foi pedido para que não deixasse os frutos do seu trabalho sem um relato, e sim, que fossem guardados para a posteridade, em tinta, *essas graças que Deus Todo Poderoso concebeu para a sua igreja*. Posteriormente, citou algumas dessas dádivas concebidas à abadia, como a multiplicação das posses abaciais, a construção de edifícios e a acumulação de ouro, prata, pedras preciosas e bons têxteis. O abade não mediu esforços de agradecimento à *generosidade de Deus* perante a abadia.

¹⁹⁹ *Scriptum ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 2-53; *Libellus ...*, In: PANOFISKY; PANOFISKY-SOERGEL, 1979, p. 82-121.

²⁰⁰ *Gesta ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 54-155; *Liber ...*, In: PANOFISKY; PANOFISKY-SOERGEL, 1979, p. 40-81.

²⁰¹ Na realidade, a abadia era predominantemente do século VIII. Para isso, ver nossa análise no capítulo ABADIA DE SAINT-DENIS, A BASÍLICA REAL.

*Dagoberto*²⁰² *não era tão grande como deveria.*²⁰³ Em dias de festa, a abadia ficava tão cheia que não era possível nem entrar ou sair. Alguns tinham dificuldade de respirar devido à enorme multidão no interior da igreja. As mulheres ficavam tão espremidas que suas faces pareciam uma *imagem da morte*.²⁰⁴

Isso [a inadequação da abadia], eu ouvia quando criança entre os irmãos, na escola em que recebia minha instrução; quando jovem, me afligia do exterior; na idade madura, **eu desejava afetosamente remediá-la...** empurrado pelo sufrágio dos santos mártires, nossos senhores, a remediar, graças somente à infável misericórdia de Deus Todo Poderoso, a referida inconveniência, **nos propusermos, de todo nosso coração e de toda a afeição de nosso espírito, trabalhar rapidamente na ampliação desse local**, nós que nunca ousamos colocar as mãos ou mesmo pensamos que uma ocasião tão grande, tão necessária, tão útil e tão honesta, nos exigiria.²⁰⁵

Suger sabia da inadequação da estrutura da abadia desde sua infância. Tão logo pode remediar esse problema, o fez. Após uma prévia restauração e pintura (*com ouro e cores preciosas*) de antigas paredes que ameaçavam ruir²⁰⁶, a reedificação de Saint-Denis começou pela entrada do edifício, pelo nártex, suas portas e torres. O abade relata que pediu à Divina misericórdia que intercedesse por ele, a fim de *juntar um bom final com um bom começo por um meio seguro*²⁰⁷, e que ele pudesse construir o templo, já que desejava isso mais do que *obter os tesouros de Constantinopla*.²⁰⁸ Com isso, parte da igreja anterior²⁰⁹, próxima ao local em que ficava o túmulo de Pepino, *o Breve*, no exterior de Saint-Denis, teve que ser demolida.²¹⁰ Nessa passagem, ao demonstrar a solenidade e a consciência de ter destruído um edifício portador da história do reino, Suger é um dos primeiros a descrever um monumento

²⁰² “*Gloriosus et famosus rex Francorum Dagobertus*” *Scriptum* ..., In: SUGER. Tome I, 2008, p. 6; *Libellus* ..., In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 86, tradução nossa.

²⁰³ “*hoc solum ei defuit quod quandam oporteret magnitudinem non admisit*” *Scriptum* ..., In: SUGER. Tome I, 2008, p. 8; *Libellus* ..., In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 86, tradução nossa.

²⁰⁴ “*quasi imaginata morte exsanguem faciem exprimere*” *Scriptum* ..., In: SUGER. Tome I, 2008, p. 10; *Libellus* ..., In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 88, tradução nossa.

²⁰⁵ “*Quod cum scolaris puer inter fratres erudire auiebam, extra juvenis dolebam, maturus corrigi affectuose appetebam... sola Dei omnipotentis ineffabili misericordia, præfatæ molestiæ correctioni, sanctorum martirum dominorum nostrorum suffragio raptus, ad augmentationem præfati loci toto animo, tota mentis affectione accelerare proposuimus: qui numquam, si tanta, tam necessaria, tam utilis et honesta non exigeret op[p]ortunitas, manum supponere vel cogitare præsumeremus.*” *Scriptum* ..., In: SUGER. Tome I, 2008, p. 10; *Libellus* ..., In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 88, tradução e grifos nossos.

²⁰⁶ Suger não menciona a localização dessas paredes.

²⁰⁷ “*bono initio bonum finem salvo medio concopularet*” *Gesta* ..., In: SUGER. Tome I, 2008, p. 112; *Liber* ..., In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 44.

²⁰⁸ “*Constantinopolitanas gazas obtinere praeoptaret*” *Gesta* ..., In: SUGER. Tome I, 2008, p. 112; *Liber* ..., In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 44.

²⁰⁹ Creditada por Suger a Carlos Magno.

²¹⁰ Uma *destruição positiva*, já que havia a necessidade de um espaço maior para o culto. CHOAY, 2011, p. 61.

histórico²¹¹ e sua importância para futuras gerações. Por isso, a demolição é tratada e justificada.

A primeira etapa da reedificação da Abadia de Saint-Denis começou entre 1130/1135 e 1137²¹², quando Suger iniciou a concretizar seu plano de transmitir a teologia cristã através da arte e da arquitetura. Para erguer as duas torres e aumentar a fachada, era necessário fazer uma fundação robusta, *adequada à fundação espiritual*. Um grande número de maçons, cortadores de pedra, escultores e outros artesãos, *hábeis*, de várias regiões, foram convocados para trabalhar.²¹³ Para o abade de Saint-Denis, era essencial haver uma coerência, uma *harmonia* entre a nova construção e a precedente. Apesar do desejo de fazer referência às colunas de mármore da nave antiga em sua obra, mesmo com um grande esforço, não conseguiram encontrar mármore²¹⁴ ou um material equivalente nas localidades próximas. Esse problema só foi resolvido quando descobriram, após uma longa procura, uma pedreira de qualidade para extrair excelentes colunas²¹⁵, em Pontoise²¹⁶, uma cidade adjacente: *um milagre*.²¹⁷

A fachada de uma igreja é uma das mais importantes partes do templo cristão. É símbolo físico e místico da entrada no santuário. Seu intuito é refletir a porta do Céu, portal pelo qual o espírito é conduzido às Verdades, à *Luz*.²¹⁸ A transposição da porta simboliza que o fiel, ao transpor o limiar entre o mundo profano e o santuário, casa de Deus na Terra, é conduzido para a iluminação, para a Eternidade.²¹⁹ O caminho processual vai de oeste a leste, da entrada ao altar, das trevas à iluminação divina²²⁰, do Ocidente a Jerusalém. Para que os fiéis tivessem plena consciência desse caráter simbólico, o abade de Saint-Denis inscreveu (em *letras*

²¹¹ Três séculos antes da noção de *antiguidade* ser criada e seis séculos antes da definição de *monumento histórico*. CHOAY, 2011, p. 60.

²¹² LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 40.

²¹³ *Scriptum ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 12; *Libellus ...*, In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 90.

²¹⁴ Como as colunas da Abadia de Saint-Denis de Dagoberto.

²¹⁵ *Scriptum ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 14; *Libellus ...*, In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 90.

²¹⁶ *Pontisaram*.

²¹⁷ Outro *milagre* lembrado por Suger foi quando eles conseguiram encontrar árvores suficientemente grandes para os apoios das colunas em uma propriedade da abadia, na floresta *Ivilina*. *Scriptum ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 18; *Libellus ...*, In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 94.

²¹⁸ VON SIMSON, 1990, p. 97.

²¹⁹ HANI, Jean. **O Simbolismo do Templo Cristão**. Lisboa: Edições 70, 1998, p. 45.

²²⁰ FULCANELLI. *O Mistério das Catedrais e a Interpretação Esotérica dos Símbolos Herméticos da Grande Obra*. São Paulo: Madras, 2007, p. 50-51.

douradas de cobre) as ‘direções’, as instruções²²¹ de como eles deveriam ver e se portar na casa de Deus na Terra para alcançar as graças desejadas:

Para a glória da igreja que o fomentou e o exaltou,
Suger trabalhou em sua ornamentação.
 Ao participar com ti do que é teu, mártir Dionísio,
 ele ora e suplica fazer parte do Paraíso.
Ano milésimo cento e quarenta
 Ano do Verbo quando foi consagrada.²²²

Quem tu sejas, se desejas honrar a glória destas portas,
 Não te admires pelo ouro nem pela suntuosidade, mas pelo trabalho realizado,
 A nobre obra resplandece e brilha em sua nobreza,
Ilumina as mentes para conduzi-las pela luminosa verdade,
para a verdadeira luz em que Cristo é a verdadeira porta.
 Da maneira em que é inerente, a porta dourada define:
A mente entorpecida eleva-se à verdade através das coisas materiais
E, ao ver a luz, é ressuscitada da sua antiga submersão.²²³

Acolha as orações do teu Suger, **Juiz severo**²²⁴,
 Na vossa misericórdia, fazei com que eu seja considerado entre vossas ovelhas.²²⁵

²²¹ Suger utiliza, em toda sua obra, da arquitetura à ornamentação, esses poemas instrutivos, os *tituli* (*titulus*). Elemento muito comum nas igrejas italianas e nas antigas igrejas carolíngias de Paris. SUGER. Tome I, 2008, p. 209-210.

²²² Inscrição presente na fachada oeste, do lado direito, acima da porta central:

*“Ad decus ecclesiae, quæ fovit et extulit illum,
 Sugerius studuit ad decus ecclesiae.*

*Deque tuo tibi participans martyr Dyonisi,
 Orat ut exores fore participem Paradisi.*

Annus millenus et centenus quadragenus

Annus erat Verbi quando sacrata fuit.” Gesta ..., In: SUGER. Tome I, 2008, p. 116; *Liber ...*, In: PANOFISKY; PANOFISKY-SOERGEL, 1979, p. 46, tradução e grifos nossos.

²²³ Inscrição presente na extremidade superior da porta central, na fachada oeste:

*“Portarum quisquis attollere quæris honorem,
 Aurum nec sumptus, operis mirare laborem,
 Nobile claret opus, sed opus quod nobile claret
 Clarificet mentes ut eant per lumina vera
 Ad verum lumen, ubi Christus janua vera.*

Quale sit intus in his determinat aurea porta.

Mens hebes ad verum per materialia surgit,

Et demersa prius, hac visa luce resurgit.” Gesta ..., In: SUGER. Tome I, 2008, p. 116; *Liber ...*, In: PANOFISKY; PANOFISKY-SOERGEL, 1979, p. 46-48, tradução e grifos nossos.

²²⁴ Mâle afirma que o nome de Juiz dado a Deus e a metáfora evangélica das ovelhas suscitam a ideia do Julgamento Final. MÂLE, Émile. **L'art religieux du XIIe siècle en France: étude sur les origines de l'iconographie du moyen age.** Paris: Armand Colin, 1922. Disponível em: <<https://archive.org/details/lartreligieuxdux00mluoft>>. Acesso em: 13 maio 2015, p. 176-177.

²²⁵ Inscrição presente no lintel de pedra:

“Suscipe vota tui, iudex districte, Suger;

Inter oves proprias fac me clementer haberi.” Gesta ..., In: SUGER. Tome I, 2008, p. 116; *Liber ...*, In: PANOFISKY; PANOFISKY-SOERGEL, 1979, p. 48, tradução e grifos nossos.

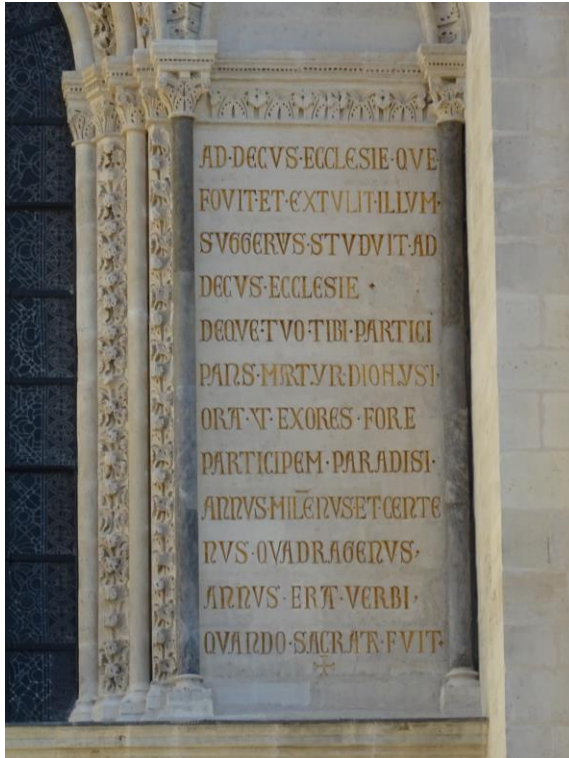


Figura 10 – Vista da inscrição inicial da entrada. Nela Suger (*Sugerius*) preservou, em letras douradas, o ano da consagração dessa parte da Abadia de Saint-Denis, 1140. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 11 – Vista da porta central da entrada oeste da Abadia de Saint-Denis. As inscrições de Suger estão nos retângulos superiores. Cada círculo da Porta apresenta uma cena cristã e são adornados por motivos de folhagem e flores. Fonte: Arquivo pessoal.

Suger iniciou as inscrições com um pedido das graças de São Dionísio para a abadia (e para ele próprio), pelo trabalho feito na nobre igreja, e que fosse concedido a ele uma parte do Paraíso. Além disso, o abade de Saint-Denis registrou o ano da consagração da fachada, 1140, *para que não fosse esquecido*. Os versos inscritos na porta central são os mais relevantes em relação ao caráter anagógico dado à arquitetura. Suger pede aos fiéis que procurem exaltar a glória da abadia, não pelo ouro ou pelos elevados custos que foram despendidos para a construção, mas pelo trabalho feito. Em seguida, descreve a *contemplação anagógica*²²⁶: o brilho, a luz da nobre obra ilumina os espíritos para que se elevem para a verdadeira luz, Cristo, a verdadeira porta (em referência à própria porta em que estava essa inscrição). Suger continua seus versos e exalta que, através das portas douradas, através da contemplação das coisas materiais, a mente vai de encontro à Verdade. E que, ao ver aquela luz, essa mente ascende da sua antiga submersão, das trevas para a luz.

De forma inovadora, o portal central ocidental da abadia combina a Paixão e a Ressurreição de Cristo, além do Juízo Final. No tímpano, acima da porta inscrita, Suger é representado

²²⁶ *Anagogico more.*

entre os ressuscitados, com seu hábito de monge e em posição de prece, aos pés de Jesus, em alusão ao verso inscrito no lintel. O abade de Saint-Denis convocou os mais habilidosos artesãos, de várias regiões, para que sua obra alcançasse o resultado desejado. As representações presentes nas portas deveriam ser lidas como em um vitral, de baixo para cima e da esquerda para a direita. Mais uma vez o simbolismo da ascensão e da iluminação é enfatizado: das trevas à iluminação.²²⁷ Os medalhões que decoravam as portas também serviam, como toda a iconografia da igreja, para *instruir o fiel*: somente através do Cristo ressuscitado é que se poderia compreender a verdade presente nas coisas materiais que levaria à Verdadeira Luz.²²⁸



Figura 12 – Vista do tímpano do portal central da Abadia de Saint-Denis e das inscrições da porta central. Jesus (*INRI*) é representado ao centro com os braços abertos. Na mão direita, carrega a inscrição *Venite Benedicti Patris Mei* (Vinde, benditos de meu Pai) em alusão àqueles recebidos no Paraíso. Suger é representado sob o pé direito de Cristo, em posição de prece, entre os ressuscitados. Já na mão esquerda de Cristo há a frase *Discedite A Me Maledicti* (Apartai-vos de mim, malditos), em alusão aos mandados para o Inferno, uma referência ao Juízo Final (Mt 25:31-46: “Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes. E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda”, e ao final “estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna”). A divisão é fundamental: do lado direito, as

²²⁷ CERCLET, 2015, p. 76.

²²⁸ Teologia embasada no comentário de Hugo de São Vítor sobre a Hierarquia Celeste que não está presente em Pseudo-Dionísio. Somente pelo Cristo crucificado que ascendeu ao Céu, que é tanto Criador como Redentor, que une os dois mundos material e espiritual, podemos ver a verdade. ZINN JR. In: GERSON, 1986, p. 35-36.

ovelhas, os justos na Glória Eterna, com anjos. Os demônios estão no lado esquerdo; os bodes, a sombra, o Inferno. Fonte: Arquivo pessoal.

Além das três portas douradas de bronze e seus portais, a fachada de Saint-Denis abrigava algumas inovações: as estátuas-colunas e a rosácea. Esta não era um elemento novo, mas pela primeira vez na História da Arquitetura, ela foi posicionada na fachada principal.²²⁹ Por sua forma circular, perfeita²³⁰, a rosácea representa Deus.²³¹ Mesmo que Suger não tenha descrito em pormenores as esculturas que ornavam a fachada da abadia, elas eram essenciais para a compreensão da obra, pois apresentavam uma complexa iconografia que refletia as concepções teológicas da região. As estátuas-colunas²³², presentes nos três portais ocidentais, foram as primeiras do gênero.²³³ Elas retratavam personagens da realeza. Eram uma mensagem que o poder secular e o espiritual estavam unidos em Saint-Denis²³⁴, uma outra relação com a *hierarquia celeste*: tanto a ordem eclesiástica quanto a secular eram ordenadas por Deus, conforme a ordem celeste. Por isso não causava estranheza o fato de haver personagens reais como ornamentação de uma igreja cristã. O caráter trinitário, os portais reais, as estátuas-colunas e a rosácea na fachada ocidental eram elementos essenciais, mas a unidade e a harmonia que os mantinham juntos e comunicavam a teologia cristã, foram as maiores características do Gótico.²³⁵

“Constantemente encorajados pelos sinais tão grandes e tão manifestos de ações prodigiosas, nós trabalhamos sem parar para a conclusão do edifício”.²³⁶ A consagração da entrada e suas capelas foi realizada em 9 de junho de 1140²³⁷, pelo arcebispo de Rouen, Hugo (?-1164)²³⁸, e pelos bispos Pedro de Senlis (?-1151)²³⁹ e Eudes de Beauvais (?-1144) ou Manasse de Meaux

²²⁹ CERCLET, 2015, p. 13; VON SIMSON, 1990, p. 97

²³⁰ O círculo é a forma geométrica perfeita para os medievais: infinito, sem começo nem fim.

²³¹ DOW, Helen J. The Rose-Window. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, London, v. 20, n. 3/4, p. 248-297, jul.-dez. 1957. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/750783?origin=JSTOR-pdf&seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 06 out. 2011, p. 268.

²³² MÁLE, 1922, p. 152.

²³³ Infelizmente elas não existem mais. Podemos ver exemplos de estátuas-colunas na fachada ocidental da Catedral de Chartres.

²³⁴ CROSBY, 1981, p. 17.

²³⁵ BLUM, 1992, p. 2.

²³⁶ “*Tantis itaque et tam manifestis tantorum operum intersignis constanter animati, ad praefati perfectionem aedificii instanter properantes...*” *Scriptum ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 20; *Libellus ...*, In: PANOFKY; PANOFKY-SOERTEL, 1979, p. 96, tradução nossa.

²³⁷ BLUM, 1992, p. 4.

²³⁸ Hugues (*Hugone*) d’Amiens foi arcebispo de Rouen de 1130 até sua morte.

²³⁹ Pierre (*Petro*) foi bispo de Senlis de 1134/8 até sua morte.

(?-1158).²⁴⁰ A cerimônia foi planejada como uma procissão em que os religiosos entravam e saíam das três novas portas. Os três religiosos consagraram três portais e cada um deles, três capelas²⁴¹, símbolos trinitários²⁴² que enfatizam o culto à Santa Trindade.²⁴³ Suger menciona, no escrito sobre sua administração, que vários clérigos e uma multidão acompanharam as festividades de consagração da entrada de Saint-Denis.²⁴⁴ A nova entrada monumental da abadia não era composta apenas pela fachada principal²⁴⁵, o novo nártex, amplo em duas tramas e três naves, com dois níveis, um na altura da entrada da igreja e um segundo acima da entrada.²⁴⁶ O nível superior continha (e ainda contém) três amplas capelas dedicadas a diferentes santos e à Virgem Maria.²⁴⁷ A capela superior central é iluminada pela rosácea da fachada.²⁴⁸ Ao finalizar a obra inicial, Suger fez questão de unir o novo ao antigo, a nova entrada e a antiga nave, de forma harmônica, por uma colunata com grandes arcadas.²⁴⁹

²⁴⁰ No escrito sobre a consagração, Suger cita o bispo de Beauvais, Eudes (*Odone*), que ocupou o cargo de 1133 até sua morte. Porém, no escrito sobre sua administração, o abade de Saint-Denis afirma que o terceiro membro da consagração da entrada foi Manasse, bispo de Meaux de 1134 até sua morte.

²⁴¹ GASPARRI. In: POIREL, 2001, p. 101.

²⁴² O sistema ternário é um elemento essencial tanto nos escritos de Pseudo-Dionísio, quanto no comentário de Hugo de São Vítor. LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 43.

²⁴³ SUGER. Tome I, 2008, p. 205.

²⁴⁴ Descritas em *Gesta ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 114-115; *Liber ...*, In: PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, 1979, p. 44-47.

²⁴⁵ Na parte superior da fachada foram colocadas ameias e merlões, *tanto pela beleza da igreja*, quanto para *finalidades práticas* de defesa.

²⁴⁶ CROSBY, 1968, p. 39.

²⁴⁷ É nessa época que o culto à Virgem Maria começou a se difundir e se refletir nas grandes catedrais góticas dedicadas à mãe de Cristo. Suger era um adepto desse culto, pois sempre procurava a enaltecer.

²⁴⁸ GRODECKI, 1976, p. 25.

²⁴⁹ WYSS, 1996, p. 52.

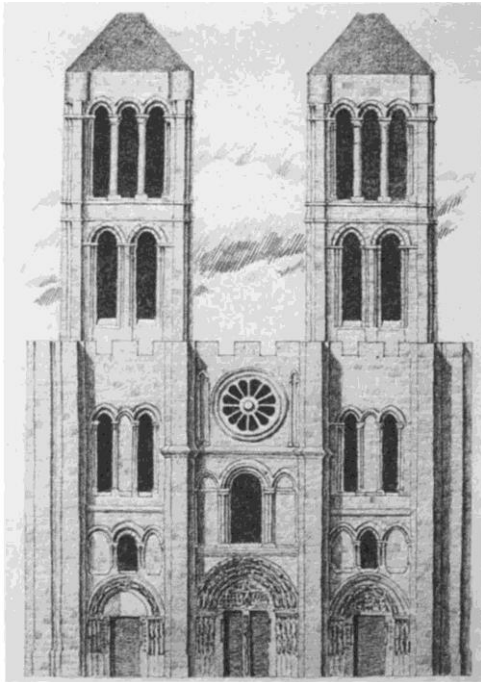


Figura 13 – Desenho de como teria sido a fachada ocidental se as duas torres fossem construídas (a torre norte, à esquerda, não foi concluída). No primeiro nível estão os três portais. Acima deles três triplos arcos com uma janela ao centro. Nas laterais, o triplo arco se repete, porém com as janelas alternadas. A rosácea coroa a fachada. Reconstrução feita por Sumner McK. Crosby, desenho de Gregory Robeson.
Fonte: CROSBY, 1981, p. 14.

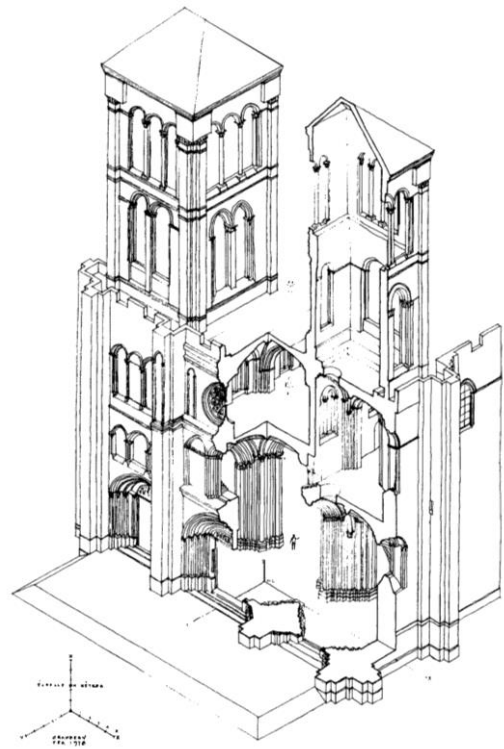


Figura 14 – Axionometria do maciço ocidental da Abadia de Saint-Denis, com um recorte para mostrar a disposição interna e a escala humana. As grandes colunas no nártex suportam as capelas acima. A capela central é iluminada pela rosácea da fachada. Após Crosby, 1981, p. 179. Fonte: POIREL, 2001, p. 30.

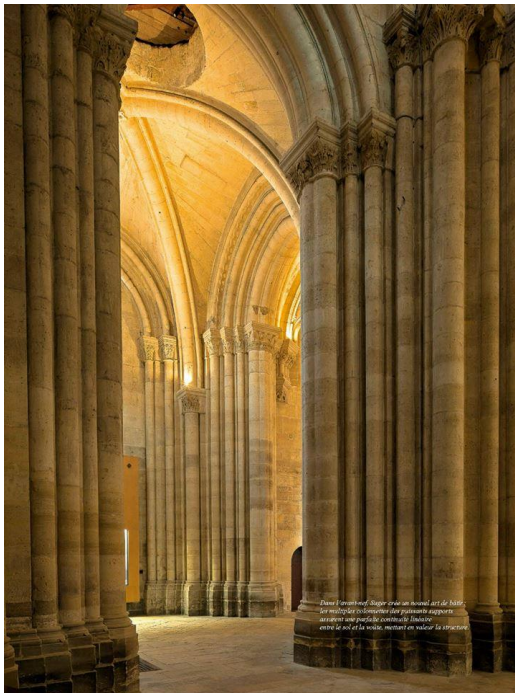


Figura 15 – Vista atual do nártex da Abadia de Saint-Denis, um amplo espaço para acolher a multidão de fiéis, com suas colunas e abóbodas.
Fonte: CERCLET, 2015, p. 51.



Figura 16 – Vista atual da fachada ocidental da Abadia de Saint-Denis, restaurada. A torre norte foi desmontada em 1846 devido a problemas estruturais. Fonte: Arquivo pessoal.

Em 1140, no mesmo ano da consagração da entrada oeste, foram iniciadas as obras de reedificação da cabeceira, na extremidade leste da igreja, onde iria se localizar o altar principal:

Dirigimos nossa intenção para esse objetivo: ao liberar a obra referida e **diferir a construção das torres nas suas partes superiores**, nós nos esforçaríamos com todas as nossas forças para consagrar nosso trabalho e nossos meios, da maneira mais conveniente e mais gloriosa possível, **para a ampliação da igreja mãe**, em ação de graças a esse favor divino, **que reservou uma grande obra a um pequeno sucessor da ilustre [linhagem] de tantos reis e abades**. Após comunicar aos irmãos muito devotos “*que o coração ardia [de amor] a Jesus enquanto Ele os falava pelo caminho*”²⁵⁰, nós decidimos, com a inspiração de Deus, [e] após deliberação, em consideração à essa benção, que a intervenção de Deus, pelo testemunho dos escritos veneráveis, conferiu, pela imposição de Suas próprias mãos a consagração da antiga igreja, de **respeitar as pedras em si santificadas como relíquias** e de **nos aplicar a enobrecer esta nova [adição] que a necessidade exigia, pela beleza do comprimento e da largura**.²⁵¹

Por algum motivo que o abade não especifica²⁵², as obras da cabeceira começaram mesmo com a parte superior das torres inacabadas.²⁵³ A relevância das pedras, do material da igreja anterior, foi enaltecida por Suger, uma vez que a lenda da Abadia de Saint-Denis dizia que a basílica de Dagoberto tinha sido consagrada por Cristo. Esse fato mostra que o abade tinha plena consciência da importância de sua reedificação, pois ele estava “alterando” um edifício sagrado. Por isso, Suger enfatiza a necessidade de tornar a abadia maior, como também de fazê-la a mais nobre possível. Ao destacar que a reconstrução de Saint-Denis se daria *pela beleza do comprimento e da largura*, como também *pela altura e profundidade*, Suger demonstra uma característica marcante de sua concepção: tratar toda a extensão da obra²⁵⁴, um espaço litúrgico único, não só a construção, as esculturas e vitrais, mas também toda a

²⁵⁰ Citação livre de Lucas (Lc 24:32).

²⁵¹ “... *votum nostrum illo convertit: ut praefato vacantes operi, turriumque differendo prosecutionem in superiori parte, augmentationi matris ecclesiae operam et impensam pro toto posse, pro gratiarum actione eo quod tantillo tantorum regum et abbatum nobilitati succedenti tantum opus divina dignatio reservasset, quam decentius, quam gloriosius rationabiliter effici posset, fieri inniteremur. Communicato siquidem cum fratribus nostris bene devotis consilio, quorum cor ardens erat de Jhesu dum loqueretur eis in via, hoc Deo inspirante deliberando elegimus, ut propter eam quam divina operatio, sicut veneranda scripta testantur, propria et manuali extensione ecclesiae consecrationi antiquae imposuit benedictionem, ipsis sacratis lapidibus tanquam reliquiis deferremus, illam quae tanta exigente necessitate novitas inchoaretur, longitudinis et latitudinis pulchritudine inniteremur nobilitare.*” *Scriptum ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 24-26; *Libellus ...*, In: PANOFISKY; PANOFISKY-SOERGEL, 1979, p. 98-100, tradução e grifos nossos.

²⁵² Para Gardner, essa mudança nos rumos da obra aconteceu devido ao trabalho de diferentes arquitetos no local. O autor afirma que foram feitas três campanhas por três diferentes mestres: o primeiro começou as obras da fachada, o segundo (e mais importante) terminou o nível superior do nártex e iniciou as obras na cripta e no coro, e o terceiro terminou as abóbodas da cabeceira. GARDNER, Stephen. Two Campaigns in Suger's Western Block at St.-Denis. *The Art Bulletin*, New York, v. 66, n. 4, p. 574-587, dez. 1984. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3050473>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

²⁵³ No escrito sobre a sua administração, Suger afirma que a torre sul estava pronta. Porém, a torre norte só foi concluída na segunda metade do século XIII. WYSS, 1996, p. 59.

²⁵⁴ CAMILLE, 1996, p. 40.

igreja. O sentimento total de Deus.²⁵⁵ Ele não queria moldar somente as estruturas físicas, mas todo o ambiente, construído ou não: a relação entre a obra física e a obra espiritual, entre o material e o imaterial, entre o sensível e o eterno, entre a multiplicidade e a unidade. Pela contemplação dessa relação, os espíritos, as mentes, se elevariam à Luz.

A etapa inicial da reedificação da cabeceira foi a colocação da primeira pedra de sua fundação. Essa cerimônia, assim como todas as outras concebidas por Suger, era incrustada de significados espirituais. Presidida pelo rei, Luís VII, seguido por Suger e por *uma assembleia de homens ilustres, bispos e abades*, a procissão ocorreu no dia 14 de julho de 1140.²⁵⁶ Nela, as relíquias dos santos mártires e as insígnias da Paixão²⁵⁷, presentes na igreja, foram levadas para o subterrâneo.²⁵⁸ Entre preces e cânticos, os religiosos e o rei colocaram argamassa, preparada com água benta²⁵⁹, e depositaram as primeiras pedras, além de pedras preciosas, pois “todas Tuas paredes são pedras preciosas”.²⁶⁰

Para a continuação da reedificação, uma nova taxa anual foi decretada. As criptas carolíngias de Fulrad e Hilduino foram mantidas²⁶¹, aumentadas e reforçadas, a fim de refletir a cabeceira superior. As obras se seguiram por mais de três anos, desde as criptas até o telhado da nova cabeceira: “...concluir em três anos e três meses²⁶² toda essa obra magnífica, da cripta inferior ao ápice da altura das abóbodas, ritmada pela distribuição de tantos arcos e colunas, até a construção completa da cobertura”.²⁶³ Em sua descrição do interior da abadia, Suger enfatiza o papel simbólico e cristianizador daquela arquitetura:

No meio [do edifício] **doze colunas representam o grupo de doze apóstolos e, na segunda linha, as [doze] colunas do deambulatório representam o mesmo número de profetas a subitamente projetar o edifício a uma grande altura, de acordo com o Apóstolo, que constrói espiritualmente: “Portanto, disse ele, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e familiares de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, a pedra angular é Jesus Cristo, que**

²⁵⁵ SUGER. Tome I, 2008, p. XLIV.

²⁵⁶ GRODECKI, 1976, p. 27.

²⁵⁷ A Abadia de Saint-Denis guardava o Prego e a Coroa de espinhos do Senhor.

²⁵⁸ É muito provável que elas não tenham sido realmente levadas para o subterrâneo, pois era um espaço pequeno e apertado. Talvez tenham feito a procissão com as relíquias e, somente após isso, seguiram para o subterrâneo.

²⁵⁹ Água benta na cerimônia de consagração da entrada.

²⁶⁰ “...quidam etiam gemmas, ob amorem et reverentiam Jhesu Christi, decantantes: Lapidis preciosi omnes muritui.” Referência a São Paulo em Efésios (Ef 2:20). *Scriptum ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 28; *Libellus ...*, In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 102.

²⁶¹ LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 49.

²⁶² Na realidade, foram três anos e onze meses. Essa modificação enfatizou ainda mais o caráter trinitário da obra e da teologia de Suger.

²⁶³ “...quod in tribus annis et tribus mensibus totum illud magnificum opus, et in inferiore cripta et in superiore voltarum sublimitate, tot arcuum et columnarum distinctione variatum, etiam operturæ integrum supplementum admiserit.” *Gesta ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 118; *Liber ...*, In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 48-50, tradução nossa.

juntou uma parede à outra, em que todo o edifício, espiritual e material, cresceu para se tornar um templo santo no Senhor”.²⁶⁴ **Nele, nós também nos aplicamos para materialmente construir mais alto e com mais conveniência que fomos instruídos para serem edificadas juntos, por nós mesmos, espiritualmente [para ser] a residência de Deus no Espírito Santo.**²⁶⁵

A nova cabeceira de Saint-Denis²⁶⁶ era coroada por sete capelas radiantes e duas capelas laterais, pouco profundas, “separadas”²⁶⁷ do duplo deambulatório pelas doze colunas monolíticas, representantes dos profetas. Já as outras doze, que representam os apóstolos, dividem o deambulatório da abside. Tanto o duplo deambulatório quanto as capelas são cobertos por abóbodas de nervuras sobre formas trapezoidais que dão amplitude ao espaço e colocam a estrutura arquitetônica em destaque. Cada uma das capelas radiantes abriga um altar e duas amplas janelas, feitas com vitrais²⁶⁸ que quase tocam o solo, enquanto as duas capelas laterais tinham um só vitral.

Os elementos arquitetônicos empregados na cabeceira de Saint-Denis não eram novos.²⁶⁹ A inovação foi combiná-los em uma mesma construção²⁷⁰ com a intenção de criar um amplo espaço inundado pela luz colorida dos vitrais. Apesar da alteração na parte superior da abside²⁷¹, feita para igualar a altura da cabeceira de Suger com a nave do século XIII, ainda podemos contemplar a atmosfera imaginada pelo abade de Saint-Denis. Essa “extensão

²⁶⁴ Mais uma vez, Suger cita São Paulo (Ef 2:20), porém, após “Jesus Cristo” o versículo é adaptado para enfatizar a obra da Abadia de Saint-Denis. A utilização da Bíblia ocorre para justificar e embasar a reedificação. Gasparri comenta que essa “significação alegórica” tem forte influência da concepção de Hugo de São Vitor. SUGER. Tome I, 2008, p. 189.

²⁶⁵ “*Medium quippe duodecim columpne duodenarium Apostolorum exponentes numerum, secundario vero totidem alarum columpne Prophetarum numerum significantes, altum repente subrigebant aedificium, juxta Apostolum, spiritualiter aedificantem: Jam non estis, inquit, hospites et advenæ; sed estis cives sanctorum et domestici Dei, superaedificati super fundamentum Apostolorum et Prophetarum, ipso summo angulari lapide Christo Jhesu, qui utrumque conjungit parietem, in quo omnis aedificatio, sive spiritualis, sive materialis, crescit in templum sanctum in Domino. In quo et nos quanto altius, quanto aptius materialiter aedificare instamus, tanto per nos ipsos spiritualiter coaedificari in habitaculum Dei in Spiritu sancto edocemur.*” *Scriptum ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 30-32; *Libellus ...*, In: PANOFISKY; PANOFISKY-SOERGEL, 1979, p. 104, tradução e grifos nossos.

²⁶⁶ “Uma das edificações referenciais na história da arquitetura”. VON SIMSON, 1990, p. 91.

²⁶⁷ Esses elementos são praticamente fundidos.

²⁶⁸ A composição dos vitrais de Saint-Denis era bem similar à das portas e portais, por sua vez divididas em compartimentos circulares, semicirculares ou retangulares e com uma ornamentação vegetal ao redor, o que marca a unidade da iconografia de Saint-Denis. GRODECKI, 1976, p. 20.

²⁶⁹ Como o arco de ogiva, a abóboda de nervuras e os vitrais. TOMAN, 2007, p. 32; VON SIMSON, 1990, p. 104.

²⁷⁰ James afirma que “A originalidade da cabeceira de Saint-Denis não se resume a um mestre maçom, mas sim em uma reunião (acidental) de vários mestres e opiniões que foram influenciados pela paixão de Suger pela luz e por recriar o passado” e que havia uma constante interação entre “cliente e mestres maçons”. JAMES, John. *Multiple Contracting in the Saint-Denis Chevet*. **Gesta**, Chicago, v. 32, n. 1, p. 40-58, 1993. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/767016>>. Acesso em: 18 jun. 2015, p. 53-54, tradução nossa.

²⁷¹ Von Simson afirma que, na reedificação de Suger, o clerestório tinha também a mesma zona de *luz contínua* da abside, devido às abóbodas de ogiva da cabeceira para o coro. VON SIMSON, 1990, p. 104.

elegante e marcante distribui uma coroa de oratórios que, devido a elas, [a igreja] inteira brilha com a admirável luz e ininterrupta dos resplandecentes vitrais que iluminam a beleza interna”.²⁷²

Os vitrais passaram a ser parte integrante da arquitetura gótica, marcada pelo contraste entre a parede de pedra opaca e a parede de vidro translúcido.²⁷³ Infelizmente muitos vitrais de Saint-Denis se perderam, foram destruídos²⁷⁴ ou estão expostos em museus pelo mundo.²⁷⁵ Mesmo que alguns tenham sido restaurados e refeitos por Viollet-le-Duc (1814-1879)²⁷⁶, no século XIX, ainda existem fragmentos de vidro datados do século XII.²⁷⁷

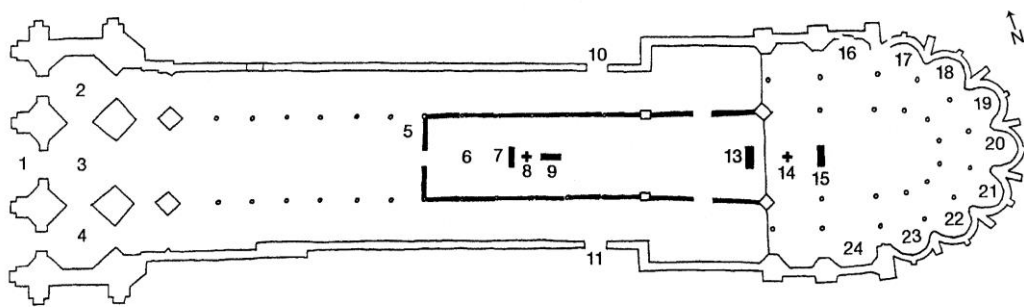


Figura 17 – Planta baixa da Abadia de Saint-Denis na época de Suger. A entrada ocidental e a cabeceira oriental foram obras do abade. Legenda: 1 – Portal central; 2, 3, 4 – Divisões do nártex; 5 – Ambão; 6 – Lugar onde ficava o atril em forma de águia restaurado por Suger (hoje no Louvre); 7 – Altar da Trindade; 8 – Cruz de Carlos, *o Calvo*; 9 – Túmulo de Carlos, *o Calvo*; 10 – Porta norte, para o cemitério; 11 – Porta sul, para o claustro; 13 – Altar mor; 14 – Grande cruz de ouro de Suger (perdida); 15 – Altar dos Corpos Santos; 16 – Capela dos santos Inocentes; 17 – Capela de Santa Osmana; 18 – Capela de São Eustáquio; 19 – Capela de São Pelegrino; 20 – Capela da Virgem Maria; 21 – Capela de São Cucufate; 22 – Capela de São Eugênio; 23 – Capela de São Hilário; 24 – Capela de São João Batista e de São João Evangelista.

Desenho de M. Wyss. Fonte: POIREL, 2011, p. 81.

²⁷² “... illo urbano et approbato in circuitu oratoriorum incremento, quo tota clarissimarum vitrearum luce mirabili et continua interiorum perlustrante pulchritudinem enteret”. *Scriptum ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 26; *Libellus ...*, In: PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, 1979, p. 100, tradução nossa.

²⁷³ A intenção de colocar os vitrais não é pura e simplesmente a de iluminar a igreja, já que os vidros não eram transparentes, mas translúcidos. O espaço interior era marcado por uma *penumbra colorida*, sem a luz direta do Sol. O objetivo era inundar o ambiente com a luz sagrada filtrada pelos vitrais e criar uma atmosfera de contemplação.

²⁷⁴ Principalmente na Revolução Francesa.

²⁷⁵ Há fragmentos de vitrais provenientes de Saint-Denis no Musée Cluny, em Paris e no Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque.

²⁷⁶ O arquiteto francês Eugène Viollet-le-Duc foi um dos maiores restauradores das construções medievais e teórico racionalista da Arquitetura. Foi o arquiteto responsável da Abadia de Saint-Denis de 1846 até sua morte, e com opiniões um tanto polêmicas: “Restaurar um edifício, não é o mesmo que conservá-lo, repará-lo ou refazê-lo, mas restabelecê-lo a um estado completo que pode nunca ter existido em momento algum” (*Restaurer un édifice, ce n'est pas l'entretenir, le réparer ou le refaire, c'est le rétablir dans un état complet qui peut n'avoir jamais existé à un moment donné*). VIOLLET-LE-DUC, Eugène. *Restauration*. In: VIOLLET-LE-DUC, Eugène. **Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle**. Tome 8. Paris: A. Morel, 1866. p. 14-34. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/Dictionnaire_raisonné_de_l'architecture_française_du_XIe_au_XVIe_siècle/Restauration>. Acesso em: 14 fev. 2016. Ver POISSON, Georges; POISSON, Olivier. **Eugène Viollet-le-Duc: 1814-1879**. Paris: Editions A&J Picard, 2014 e BRESSANI, Martin. **Architecture and the Historical Imagination: Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc, 1814-1879**. New York: Routledge, 2014.

²⁷⁷ Existe um extenso estudo sobre os vitrais presentes na Abadia de Saint-Denis em GRODECKI, 1976.

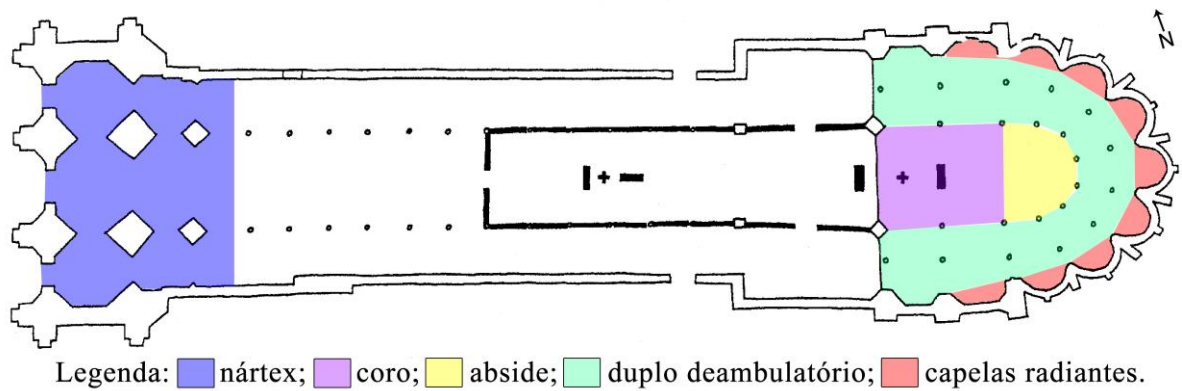


Figura 18 - Planta baixa da Abadia de Saint-Denis na época de Suger. Na legenda, as partes reedificadas no séc. XII. Desenho de M. Wyss. Fonte: POIREL, 2011, p. 81, modificada por Tainah Moreira Neves.



Figura 19 – Vista atual do interior de Saint-Denis. Nela, vemos a abside, os arcos ogivais, o duplo deambulatório, as capelas radiantes e seus vitrais. O relicário, de 1817, na parte central da imagem, guarda os restos mortais de São Dionísio, Rústico e Eleutério. Fonte: Arquivo pessoal.

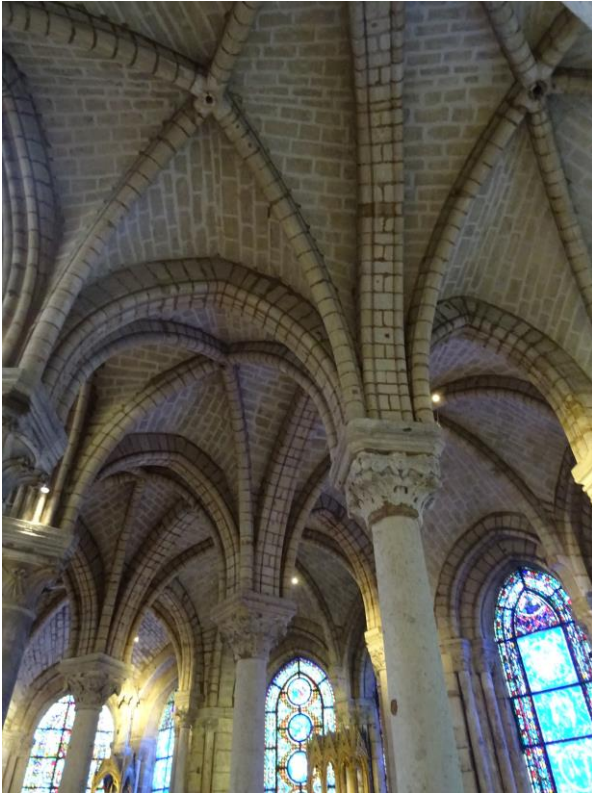


Figura 20 – Vista atual das abóbodas de nervura das capelas radiantes e do duplo deambulatório. A divisão entre os ambientes é feita, somente, pelas colunas.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 21 – Vista atual da capela radiante dedicada a São Cucufate, com o altar (séc. XIII) na parte central e as duas amplas janelas com vitrais (predominantemente do séc. XIX). Fonte: Arquivo pessoal.

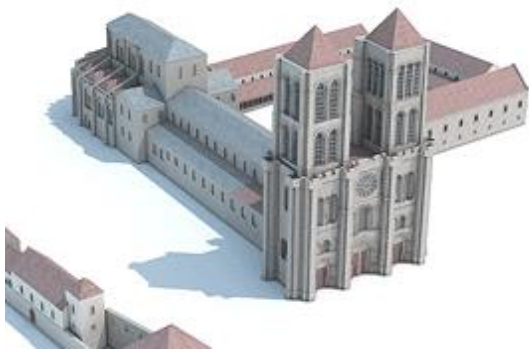


Figura 22 – Vista frontal da reconstituição hipotética da Abadia de Saint-Denis de Suger, com as duas torres finalizadas. Fonte: http://www.saint-denis.culture.fr/fr/1_4a_ville.htm. Acesso em: 22 jul. 2014.



Figura 23 – Vista lateral da reconstituição hipotética da Abadia de Saint-Denis de Suger, com as duas torres finalizadas. Fonte: http://www.saint-denis.culture.fr/fr/1_4a_ville.htm. Acesso em: 22 jul. 2014.

Embora tivesse investido um alto custo e empenhado mão-de-obra qualificada e de vários lugares nos vitrais da Abadia de Saint-Denis²⁷⁸, em seus escritos Suger descreveu apenas três dessas janelas. O abade foi representado no vitral *A Infância de Cristo*, na capela radiante do extremo leste da cabeceira, dedicada à Virgem Maria. Suger, com hábitos de religioso²⁷⁹, faz uma prece, prosternado aos pés da mãe de Cristo. Em Saint-Denis, os vitrais se organizam de acordo com um propósito narrativo simbólico, anagógico ou alegórico, de forma que haja um diálogo entre as duas janelas de cada capela.²⁸⁰ Eles devem ser lidos da esquerda para direita e de baixo para cima, para que, segundo o *sistema anagógico*, o espírito alcance a elevação através da luz material dos vitrais para a luz divina. Com sua complexa iconografia, os vitrais de Saint-Denis carregam a mensagem da Igreja e são perfeitos suportes materiais para a contemplação.²⁸¹



Figura 24 –Detalhe do vitral *A Infância de Cristo*, do século XII, na cabeceira da Abadia de Saint-Denis. Na cena, o abade Suger (*Sugerius*) é representado aos pés da Virgem Maria, em um gesto de devoção e humildade. Fonte: Arquivo pessoal.

²⁷⁸ Émile Mâle chamou atenção para o fato de que a escola de pintores de vidro do século XII se chamava “Escola de Saint-Denis” (*l'école de Saint-Denis*). MÂLE, 1922, p. 152.

²⁷⁹ Gasparri conclui que, entre a representação de Suger na fachada, como monge, e sua representação na cabeceira, como abade, existe a representação de sua própria vida, sua carreira na Igreja, dos postos mais humildes até o abaciado, uma identificação entre ele e sua abadia. SUGER. Tome I, 2008, p. LIII.

²⁸⁰ LENIAUD; PLAGNIEUX, 2012, p. 57.

²⁸¹ CERCLET, 2015, p. 102.

Ao discorrer sobre os vitrais, no escrito sobre sua administração, o abade de Saint-Denis reforça que não somente a cabeceira tinha janelas com vidros coloridos, mas também a entrada, em seus dois níveis.²⁸² Suger cita o vitral nomeado “Árvore de Jessé”, mas descreveu simbolicamente somente um que representava a vida de Moisés²⁸³ e o vitral que *nos eleva das coisas materiais às imateriais*: o que representa São Paulo se transformando em um moinho, com os Profetas carregando sacos para o mesmo, em um diálogo entre o Antigo e o Novo Testamento.²⁸⁴

Em cada vitral há *tituli* que instruem os fiéis sobre a cena representada e colocam a teologia de Suger em evidência. Uma curiosidade interessante que o abade destaca em seu escrito é que, devido ao grande custo do vidro, foi designado um mestre-vidraceiro encarregado da conservação e da restauração dos vitrais e um ourives para cuidar dos objetos de ouro e prata da decoração.²⁸⁵

Uma vez que esse complexo e magnífico espaço foi criado com o propósito de conter o altar principal e abrigar as santas relíquias da abadia, Suger descreve, em pormenores, as peças da ornamentação e da liturgia, não somente para mostrar as graças que Deus concedeu à Abadia de Saint-Denis, mas também para reafirmar suas posses, seu poder e não deixá-los cair em esquecimento. A ornamentação foi concebida com as mesmas concepções formais e espirituais de toda a obra arquitetônica: um microcosmos da própria nova basílica, o macrocosmos. “Então, essas são as obras que, pela graça de Deus, nós consagramos a Ele”²⁸⁶: o painel frontal de ouro do altar da cabeceira, os túmulos dos Corpos Santos, o crucifixo de ouro, o altar-mor, o altar Santo, a grande cruz de ouro, o cadeiral, o ambão, o trono “de Dagoberto”, a águia do coro, ornamentos do altar e outros. Suger discorre sobre os vitrais nesse mesmo conjunto, e demonstra sua qualidade como ornamentos. Mais uma vez, para reforçar sua teologia e o significado espiritual da obra, o abade recorreu aos *tituli*, como esse inscrito no painel do altar:

Nobre Dionísio, abre as portas do Paraíso,
Protege Suger com sua piedosa segurança.

²⁸² *Gesta ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 146; *Liber ...*, In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 72.

²⁸³ GRODECKI, 1976, p. 28.

²⁸⁴ CERCLET, 2015, p. 103.

²⁸⁵ *Gesta ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 150; *Liber ...*, In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 76.

²⁸⁶ “*Quæ tamen ei, Deo donante, reservavimus, hæc sunt*”. *Gesta ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 124; *Liber ...*, In: PANOFKY; PANOFKY-SOERGEL, 1979, p. 52, tradução nossa.

**Tu que constituíu, pelas nossas mãos, tua nova morada,
Faz que nós sejamos recebidos na morada do céu
E, ao invés desta, que sejamos saciados pela mesa do céu.
O que foi significado pede mais, por favor, àquele que o significa.²⁸⁷**

A ornamentação de ouro do altar continha várias pedras preciosas (jacintos, rubis, safiras, esmeraldas, topázios e várias pérolas, doados pelos reis, nobres e pelo alto clero da Igreja), tudo para exaltar o santo protetor. Nos versos, Suger enfatiza que a obra da abadia foi feita por Dionísio. Ademais, também o caráter anagógico, em que do altar terrestre, material, os fiéis sejam conduzidos para o altar do céu, imaterial. As outras peças da ornamentação da abadia seguem a mesma concepção formal e espiritual: foram produzidas com as matérias-primas terrestres mais preciosas que eles puderam encontrar, para melhor enaltecer a Deus, Jesus e São Dionísio, através da contemplação dos objetos incrustados com tudo o que havia de mais nobre na terra, dos vidros que continham a sagrada iconografia, que refletia sua luz *maravilhosa* por toda a cabeceira, que Suger nos descreve a experiência estética de ascender do material ao imaterial, pelo modo anagógico, em uma célebre passagem do escrito sobre sua administração:

Assim quando, no meu amor pela beleza da casa de Deus, **o esplendor multicolorido das gemas às vezes me distrai das minhas preocupações exteriores e, como numa digna meditação, me estimula a refletir sobre a diversidade das santas virtudes, me transferindo das coisas materiais às imateriais, tenho a impressão de me encontrar em uma região distante da esfera terrestre, que não reside nem inteiramente na lama da terra nem inteiramente na pureza do céu e de poder ser transportado, pela graça de Deus, desse [mundo] inferior para o superior de modo anagógico.**²⁸⁸

Por esses versos fica clara a influência da beleza, do brilho do ouro e das pedras preciosas no abade de Saint-Denis. Porém, como Suger salienta, o modo anagógico, com a elevação do espírito através das coisas materiais para as imateriais, só é possível graças às Santas Virtudes cristãs. Portanto, a mente só será transportada à Luz se os pensamentos da contemplação

²⁸⁷ “*Magne Dyonisi, portas aperi Paradisi,
Suggeriumque piis protege praesidiis.
Quique novam cameram per nos tibi constituisti,
In camera caeli nos facias recipi,
Et pro praesenti, caeli mensa satiari.*

Significata magis significante placent”. *Gesta ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 124; *Liber ...*, In: PANOFISKY; PANOFISKY-SOERGEL, 1979, p. 54, tradução nossa e grifos nossos.

²⁸⁸ “*Unde, cum ex dilectione decoris domus Dei aliquando multicolor gemmarum speciositas ab exintrinsicis me curis devocaret, sanctorum etiam diversitatem virtutum, de materialibus ad immaterialia transferendo, honesta meditatio insistere persuaderet, videor videre me quasi sub aliqua extranea orbis terrarum plaga, quae nec tota sit in terrarum faece, nec tota in caeli puritate demorari, ab hac etiam inferiori ad illam superiorem **anagógico more** Deo donante posse transferri*”. *Gesta ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 134; *Liber ...*, In: PANOFISKY; PANOFISKY-SOERGEL, 1979, p. 62-64, tradução e grifos nossos.

forem embasados em Cristo, em especial sua Redenção e Ascensão, exatamente os tipos figurativos mais frequentes nas peças da ornamentação da abadia: a morte e a ressurreição de Jesus, marcadas pela harmonia entre o Antigo e o Novo Testamento.²⁸⁹



Figura 25 – Vaso de cristal, *d'Aliénor* (de Leonor). Cristal: Iran (?), séc. VI-VII (?). Moldura: Saint-Denis, antes de 1147; séc. XIII e XIV. Cristal de rocha, prata nigelada e dourada, pedras preciosas, pérolas, esmalte *champlevé* sobre prata. Proveniente do tesouro da Abadia de Saint-Denis. Atualmente é exibido no Museu do Louvre, Paris. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 26 – Detalhes do Vaso. Na figura superior, as pedras preciosas e o trabalho em esmalte com o símbolo do poder real francês (flores de lis douradas em fundo azul). A base do vaso, na figura inferior, contém a seguinte inscrição: + *HOC VAS SPONSA DEDIT A(lie)NOR REGI LUDOVICO MITADOL(us) AVO MIHI REX S(an)C(tis)Q(ue) SUGER(ius)* (Esse vaso, Leonor, sua esposa, o deu ao rei Luís (VII), Mitadulus a seus avós, o rei a mim, Suger, que o ofereceu aos santos). Fonte: Arquivo pessoal.

A suntuosa e ostensiva decoração foi amplamente criticada pelo cisterciense Bernardo de Claraval, que defendia que não se deveria utilizar nenhuma decoração nas igrejas²⁹⁰ para não distrair o olhar e o pensamento dos fiéis, uma verdadeira antítese da reedificação concebida por Suger, uma vez que, para o abade de Saint-Denis, a morada de Deus na Terra deveria

²⁸⁹ MÂLE, 1922, p. 158-159.

²⁹⁰ ECO, 2010, p. 23.

refletir e enaltecer os frutos da Criação divina, e ser um receptáculo de beleza. Como uma nobre resposta²⁹¹ às “afrontas” de Bernardo, Suger inscreveu, em seu tratado sobre sua administração, que as peças da abadia só deveriam ser usadas para o Santo Sacrifício, a serviço do Redentor, *com toda a pureza interior, com toda a nobreza exterior*.²⁹²

Como é evidente, em seus escritos, Suger desejava unir a entrada e a cabeceira por uma nave e um transepto reformados. Pelas escavações feitas no local, foi descoberto que a construção da nova nave tinha começado, com paredes que flanqueavam a nave do séc. VIII.²⁹³ A conclusão da nave era essencial para a perfeição mística e estética do abade de Saint-Denis. Sua missão na reedificação da abadia foi transmitir a harmonia formal e espiritual, com a singular *supremacia da unificação pela luz miraculosa*:

Enquanto a **parte posterior, nova, é unida à anterior**,
a **basílica resplandece**, iluminada em seu meio.
Pois resplandecente é o que é brilhantemente unido às coisas luminosas.
Banhada por uma **luz nova**, a nobre obra brilha.
Ela foi ampliada em nosso tempo, e sou eu, **Suger, quem liderou** a realização desse trabalho.²⁹⁴

Apesar da afirmação de que a obra estava pronta, os trabalhos na nave não foram concluídos com a nomeação de Suger à regência e sua posterior morte.²⁹⁵ Talvez a intenção de Suger, ao se referir à obra da nave como parte integrante de sua reedificação, fosse encorajar e inspirar seus sucessores na conclusão de toda a igreja²⁹⁶, o que só aconteceu em meados do século XIII.²⁹⁷

²⁹¹ SPEER, Andreas. L'abbé Suger et le trésor de Saint-Denis: une approche de l'expérience artistique au Moyen Âge. In: POIREL, 2001, p. 67.

²⁹² “*in omni puritate interiori, in omni nobilitate exteriori*”. *Gesta ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 138; *Liber ...*, In: PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, 1979, p. 66, tradução nossa.

²⁹³ As escavações feitas por Sumner Crosby mostraram que havia uma extensa fundação na nave, o que provou que não só o abade desejava reconstruir a nave, mas que os trabalhos tinham começado. CROSBY, 1981, p. 21; CLARK, William W. Suger's Church at Saint-Denis: The State of Research. In: GERSON, 1986, p. 105.

²⁹⁴ “*Pars nova posterior dum jungitur anteriori,*
Aula micat medio clarificata suo.

Claret enim clavis quod clare concopulatur,

Et quod perfundit lux nova, claret opus

Nobile quod constat auctum sub tempore nostro,

Qui Sugerus eram, me duce dum fieret.” *Gesta ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 120; *Liber ...*, In: PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, 1979, p. 50, tradução e grifos nossos.

²⁹⁵ WYSS, 1996, p. 57.

²⁹⁶ CROSBY, 1981, p. 21.

²⁹⁷ Em 1231 iniciaram as obras da nave, dirigidas pelo abade Eudes Clemente (?-1247), abade de Saint-Denis de 1228 a 1245 e conselheiro de São Luís (ou Luís IX, 1214-1270). CASSAGNES-BROUQUET, Sophie. **Le Gothique**: un art de France. Rennes: Éditions Ouest-france, 2012, p. 116.

Muito esperada após um extenso trabalho, a consagração da parte posterior da Abadia de Saint-Denis ocorreu no dia 11 de junho de 1144.²⁹⁸ Suger enumera todos os prelados que fizeram parte da cerimônia²⁹⁹ e o que cada um consagrou. A procissão era para ser a *mais solene possível* e refletiu a *Ordem Eclesiástica*, descrita por Pseudo-Dionísio e por Hugo de São Vítor. Pessoas de toda a Gália e de outros lugares foram assistir à grande solenidade, como Leonor de Aquitânia e sua mãe, além de nobres, cavaleiros e soldados.³⁰⁰ Na cerimônia de translação das relíquias (da cripta de Fulrad para o novo coro), mais uma vez quem assumiu o papel principal foi o rei. Luís VII carregou o relicário que continha os restos mortais de São Dionísio, seguido por uma fila de bispos, condes e barões, e o depositou no altar dos Corpos Santos, no centro da nova cabeceira. A seguir, os vinte novos altares foram consagrados, cada um por um prelado diferente: o altar dos corpos santos, o altar principal, nove altares nas capelas radiantes e outros nove na cripta. Suger terminou o escrito sobre a consagração com uma prece, ponto culminante de seu tratado. Ela descreve a *obra espiritual da abadia*: a unidade entre o visível e o invisível, entre o humano e o divino através dos sacramentos, a passagem da Jerusalém terrestre à Jerusalém celeste e a união entre os fiéis para que essa construção se tornasse a casa de Deus e a *harmonia do mundo*:

Bendita seja a Glória do Senhor em Sua morada. Teu nome é abençoado, digno de louvor e exaltado acima de tudo, Senhor Jesus Cristo, [Tu] que Deus Pai criou pontífice supremo pela unção do óleo da exultação sobre aqueles que participam de Ti. Tu que, pela unção sacramental do mais santo crisma, e pela instituição da mais sagrada Eucaristia, **harmoniosamente une as coisas materiais às imateriais, as corporais às espirituais, as humanas às divinas**, Tu que, purificando-os pelos sacramentos, leva-os de volta a seus princípios, **invisivelmente restaura-os com todas as Suas bênçãos visíveis** e por outras semelhantes, **Tu que miraculosamente transformas a Igreja presente em Reino Celeste** a fim de que, quando remeteres o Reino a Deus Pai, na Tua onipotência e misericórdia, **faças de nós criaturas angelicais, e do Céu e da terra uma só república**³⁰¹, Tu que, como Deus, vive e reina, por todos os séculos dos séculos. *Amen.*³⁰²

²⁹⁸ FÉLIBIEN, 1706, p. 4.

²⁹⁹ Os arcebispos de Reims, Rouen, Sens, Bordeaux, Canterbury (Cantuária), e os bispos de Chartres, Soissons, Noyon, Orléans, Beauvais, Auxerre, Arras, Châlons, Coutances, Evreux, Thérouanne, Meaux, Senlis e Cambrai.

³⁰⁰ *Scriptum ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 42; *Libellus ...*, In: PANOFKY; PANOFKY-SOERTEL, 1979, p. 112.

³⁰¹ Uma só república: a morada de Deus. Mais uma referência a São Paulo (Ef 2:19). SUGER. Tome I, 2008, p. 53.

³⁰² “*Benedicta gloria Domini de loco suo; benedictum et laudabile et superexaltatum nomen tuum, Domine Jhesu Christe, quem summum Pontificem unxit Deus Pater oleo exultationis prae participibus tuis. Qui sacramentali sanctissimi Chrismatis delibatione et sacratissime Eucharistiae susceptione materialia immaterialibus, corporalia spiritualibus, humana divinis uniformiter concopulas, sacramentaliter reformas ad suum puriores principium; his et hujusmodi benedictionibus visibilibus invisibiliter restauras, ecclesiam praesentem in regnum caeleste mirabiliter transformas, ut cum tradideris regnum Deo et Patri, nos et angelicam creaturam, caelum et terram, unam rempublicam potenter et misericorditer efficias; qui vivis et regnas Deus per omnia secula saeculorum. Amen.*” *Scriptum ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 52; *Libellus ...*, In: PANOFKY; PANOFKY-SOERTEL, 1979, p. 120, tradução e grifos nossos.

Portanto, a reedificação da Abadia de Saint-Denis, desde a colocação das pedras das fundações até a cerimônia consagração, foi uma obra espiritual. Era o reflexo do universo cósmico concebido pelo abade e embasado nas Sagradas Escrituras, nos escritos do Pseudo-Dionísio, nos comentários de João Escoto e, principalmente, de Hugo de São Vítor e das concepções teológicas do século XII. Por isso, os pormenores arquitetônicos não foram descritos por Suger, pois a arquitetura e a arte serviram de suporte para a *exegese espiritual* consagrada a Deus, uma realização para além da contemplação puramente estética. *De materialibus ad immaterialia*.



Figura 27 – Vista atual da abside da Basílica de Saint-Denis. Nela, vemos os arcos ogivais, a dupla fileira de colunas, as abóbadas de nervura, uma capela radiante (séc. XII) e o nível superior da cabeceira (séc. XIII). A abside é rodeada por túmulos de membros da realeza francesa. Fonte: Arquivo pessoal.

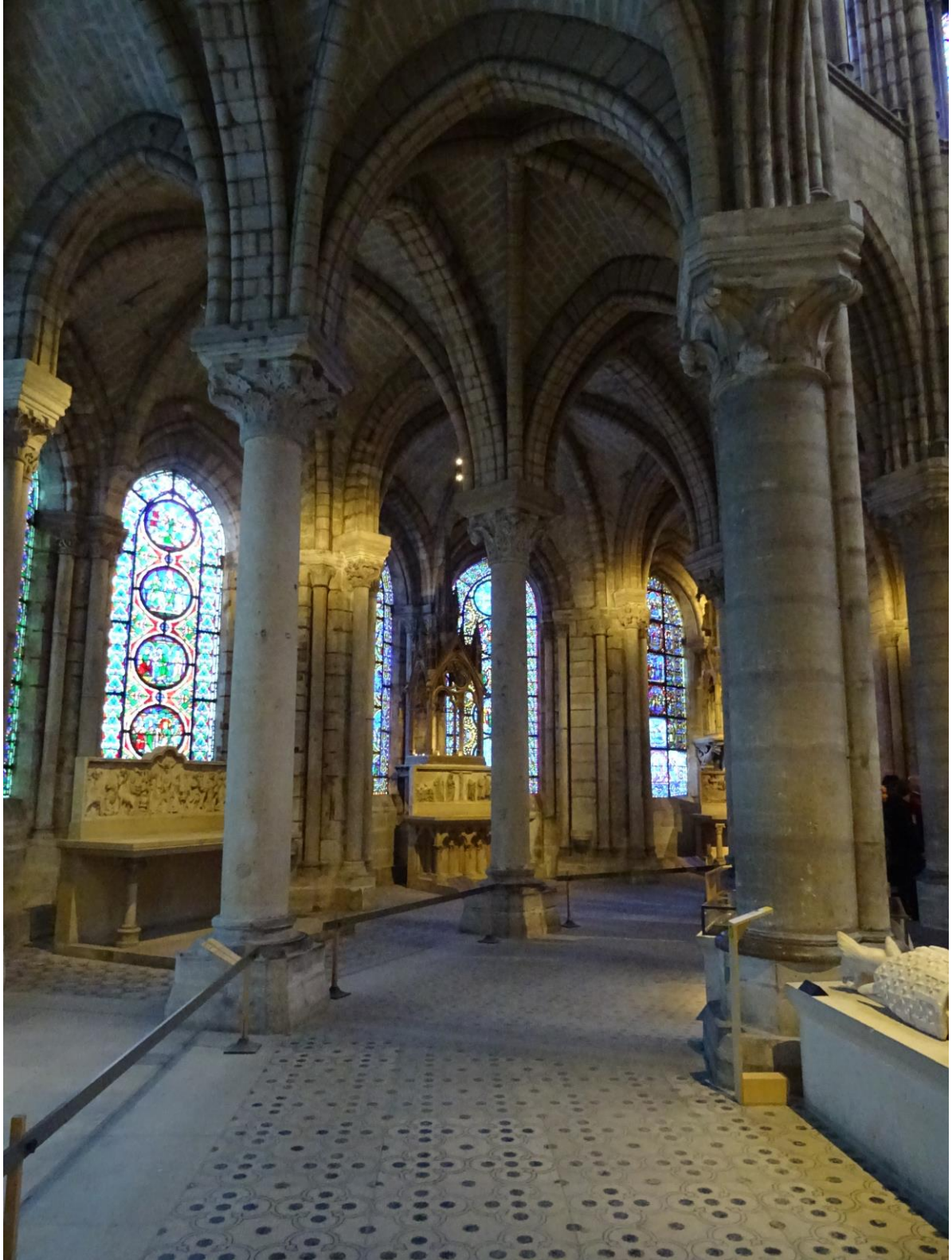


Figura 28 – Vista atual da cabeceira de Saint-Denis. No deambulatório, o caminho é delimitado por duas fileiras de doze colunas monolíticas. As abóbodas de nervura coroam os ambientes sagrados das capelas radiantes e do duplo deambulatório. Em cada capela, há um altar e duas amplas janelas em vitral. Fonte: Arquivo pessoal.

6 O LEGADO DE SUGER: AS CATEDRAIS

Ao compararmos os religiosos presentes nas celebrações de consagração da Abadia de Saint-Denis listados por Suger em seus escritos, percebemos a grande influência gerada pela obra do abade. O decreto de 1140 (após 14 de julho) que narra a consagração da entrada e a colocação da pedra angular da obra da cabeceira, foi aprovado pelo capítulo geral de Saint-Denis, composto pelos arcebispos de Tours e Reims, os bispos de T rouanne, Amiens, Chartres, Soissons, Beauvais e o abade de Corbie.³⁰³ Já a consagra o do coro, ocorrida no dia 11 de junho de 1144, foi presenciada pelos arcebispos de Reims, Rouen, Sens, Bordeaux, Canterbury (Cantuária), e os bispos de Chartres, Soissons, Noyon, Orléans, Beauvais, Auxerre, Arras, Châlons, Coutances, Evreux, T rouanne, Meaux, Senlis e Cambrai.³⁰⁴

Dentre as vinte e duas igrejas dirigidas pelos religiosos citados por Suger, pelo menos dezessete delas foram construídas no estilo que iria a ser chamado de *Gótico*. Algumas como reflexo direto da influência da obra do abade de Saint-Denis, e outras, reconstruídas no apogeu gótico, no século XIII. Dentre elas, há as catedrais ‘clássicas’ de Chartres, Reims e Amiens. Foram nessas catedrais que o Gótico se consolidou, seja pela Teologia, seja pelas suas formas arquitetônicas. A luz e a harmonia se reafirmaram. O sistema arquitetônico foi levado ao seu clímax: os arcos ogivais, as abóbadas de nervura, os contrafortes e os arcobotantes cumprem fielmente suas fun es. Não havia mais paredes, apenas suportes. O espaço se erguia unificado, leve, e toda a estrutura parecia se elevar como um milagre.³⁰⁵

³⁰³ SUGER. Tome II, 2008, p. 257; PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, 1979, p. 136.

³⁰⁴ *Scriptum ...*, In: SUGER. Tome I, 2008, p. 50; *Libellus ...*, In: PANOFSKY; PANOFSKY-SOERGEL, 1979, p. 112.

³⁰⁵ GOMBRICH, E.H. *The Story of Art* (Pocket Edition). London: Phaidon Press, 2006, p. 142.



Figura 29 – Vista da fachada atual da Catedral de Chartres.

Fonte: NEVES, 2013, p. 44.

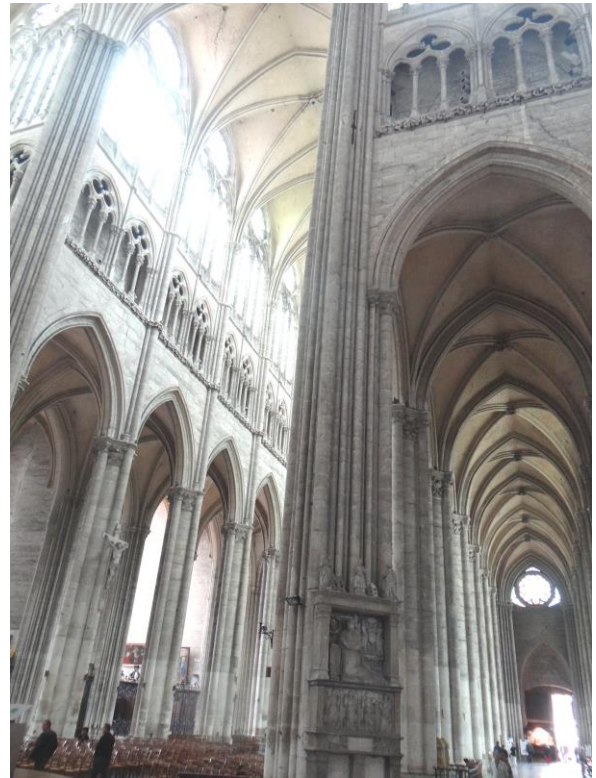


Figura 30 – Vista atual da nave central e lateral da Catedral de Amiens, que enfatiza o alçado tripartido, as abóbadas e a diferença de altura entre a nave central e laterais.

Fonte: NEVES, 2013, p. 65.

Portanto, apesar de ter nascido em uma abadia, o Gótico se desenvolveu e atingiu seu apogeu nas igrejas urbanas, as catedrais.³⁰⁶ Isso porque, o século XII foi marcado pelo desenvolvimento das cidades, que começaram a se caracterizar como centros culturais.³⁰⁷ Esse renascimento urbano e cultural foi decisivo para o estilo.

Durante o período de 1180 até 1270, que foi o fim do apogeu gótico francês, foram erguidas por volta de 80 catedrais na França.³⁰⁸ Elas se tornaram verdadeiros símbolos de poder, e toda a cidade, principalmente no domínio da monarquia francesa, queria ter sua própria catedral.

³⁰⁶ A catedral, por definição a igreja do bispo, tem a cátedra, trono do bispo. Por isso, é a igreja mais importante de sua diocese. Há um bispo e uma catedral, em cada cidade, em cada diocese. Na Idade Média, a catedral era um símbolo do poder espiritual e temporal do bispo.

³⁰⁷ TOMAN, 2007, p. 14.

³⁰⁸ TOMAN, 2007, p. 9.



Figura 31 - Mapa da França com as principais catedrais góticas francesas. Há cerca de 90 catedrais elevadas no período Gótico, do primitivo ao flamejante.

Fonte: WENZLER, Claude. **Les Cathédrales Gothiques: Un défi médiéval**. Rennes: Editions Ouest-france, 2010, p. 126.

Os eruditos de então acompanharam o renascimento das cidades, assim como as catedrais. Eles passaram a viver *no século*, a se abrirem para o tempo, não ficavam mais enclausurados (uma das queixas de Bernardo de Claraval era a de ser constantemente requisitado para estar *no mundo*, isto é, fora de sua abadia). Com isso, as escolas mais importantes passaram a ser as

catedralícias, ao invés das monásticas. O eixo havia mudado para as cidades. No século XIII, as universidades se formaram no flanco das catedrais.³⁰⁹ Esse novo espírito, também refletido na arquitetura, fez com que a catedral Gótica fosse uma representação do saber medieval, uma *summa* do que o homem de então necessitava saber e crer.³¹⁰ Sua função básica era mostrar e ‘explicar’ o significado da organização cósmica medieval.³¹¹ Por meio da catedral, da arte e da liturgia, a Igreja ensinava os dogmas dos quais ninguém deveria se desviar.³¹² A iconografia, presente nas igrejas, era um recurso pedagógico que enfatizava a liturgia.³¹³

As inovações técnicas presentes na arquitetura gótica são notáveis, mas a relação entre a estrutura, o ornamento e a função simbólica é “única”.³¹⁴ A perfeição estrutural sugere uma nova estética. Isso se deve, principalmente, graças à importância da Geometria, ciência considerada sagrada³¹⁵, muito estudada e costumeiramente aplicada aos projetos das catedrais. A *beleza*, na Idade Média, sempre esteve intimamente ligada a essa *perfeição estrutural*, através das formas geométricas.³¹⁶ Uma vez que a Beleza era forma do Divino, o Belo era o *esplendor do Verdadeiro*.³¹⁷

³⁰⁹ TOMAN, 2007, p. 14.

³¹⁰ JANTZEN, Hans. **La Arquitectura Gotica**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1959, p. 175, tradução nossa.

³¹¹ NORBERG-SCHULZ, Christian. **Arquitectura Occidental**. Barcelona: G. Gili, 2001, p. 98, tradução nossa.

³¹² DUBY, Georges. **A Europa na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 62.

³¹³ WENZLER, 2010, p. 13.

³¹⁴ VON SIMSON, 2011, p. 28.

³¹⁵ HANI, 1998, p. 35.

³¹⁶ VON SIMSON, 2011, p. 164.

³¹⁷ HANI, 1998, p. 14.



Figura 32 – “Deus como um geômetra, a Criação como ato matemático” (Viena, Osterreichische Nationalbibliothek, 2554, fol.1 (frontispiece), Bible Moralisée, Reims, c. 1250.). Para os medievais, através da Geometria e da Matemática, Deus criou o cosmos. Consequentemente, ao utilizar essas ciências para edificar as catedrais, os mestres-construtores eram *cocriadores com Deus*, um microcosmo, um paralelo, espelho da *criação matemática do Universo por Deus*, o macrocosmo. Fonte: MCCAGUE, Hugh. A Mathematical Look at a Medieval Cathedral. **Math Horizons**, v. 10, n. 4, p. 11-15, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25678418>>. Acesso em: 04 out. 2011.

A luz era o elemento mais importante na arquitetura gótica. Ela representava o próprio Deus. Nessa época, os construtores não concebiam os templos cristãos como edifícios funcionais. Tudo o que era incorporado à Arquitetura tinha seu valor simbólico, sua significação no campo espiritual. Ela era pensada como um conjunto com funções a cumprir, simbólicas ou estruturais.

A própria Abadia de Saint-Denis foi reconstruída no século XIII, uma vez que Suger morreu antes de concluir seu projeto. A nave do século XI e a torre norte da fachada ocidental³¹⁸ foram reformadas pelo arquiteto Pierre de Montreuil (c.1200-1266)³¹⁹, que utilizou o gótico *rayonnant* para a reconstrução³²⁰, estilo mais elaborado e decorado que o primeiro gótico, no qual as técnicas construtivas foram maximizadas para satisfazer a costumeira necessidade da verticalidade da construção. Montreuil conectou a entrada com a cabeceira de Suger, e fez com que a abadia se configurasse com uma forma muito semelhante com a qual conhecemos hoje. Posteriormente à sua intervenção na Abadia de Saint-Denis, Pierre foi responsável pela construção de uma das mais importantes obras do gótico *rayonnant*, a Sainte-Chapelle, em Paris, entre os anos de 1246 e 1248.³²¹

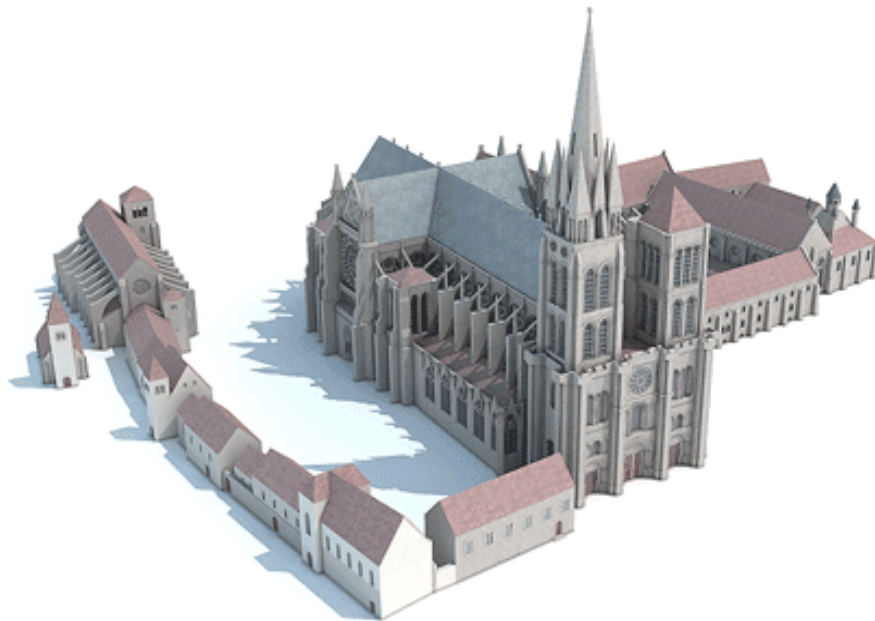


Figura 33 – Restituição hipotética da forma da Abadia de Saint-Denis após a reforma de Pierre de Montreuil, no século XIII. O arquiteto reconstruiu a torre norte, a nave, e acrescentou um transepto pouco saliente. Pierre elevou a altura da cabeceira de Suger, para nivelar com a altura da nova nave. Fonte: Ministère de la culture / M. Wyss ; A.-B. Pimpaud ; M.-O. Agnes. http://www.saint-denis.culture.fr/fr/1_4b_ville.htm, acesso em: 17 de fev. de 2015.

³¹⁸ Deixada incompleta para que as obras na cabeceira da Abadia fossem iniciadas. Suger, em seus escritos, afirma que era seu intento retomar a construção da torre, porém ele faleceu antes disso.

³¹⁹ Foi um dos maiores arquitetos francês de sua época, trabalhou na Abadia de Saint-Germain-des-Prés, na Sainte-Chapelle e na Catedral de Notre-Dame, todas em Paris. Ver ERLANDE-BRANDENBURG, Alain. **Pierre de Montreuil** (déb. XIIIe s.-1267). Encyclopædia Universalis, 2015. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/pierre-de-montreuil/>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

³²⁰ WYSS; RODRIGUES, 2014.

³²¹ TOMAN, 2007, p. 30.

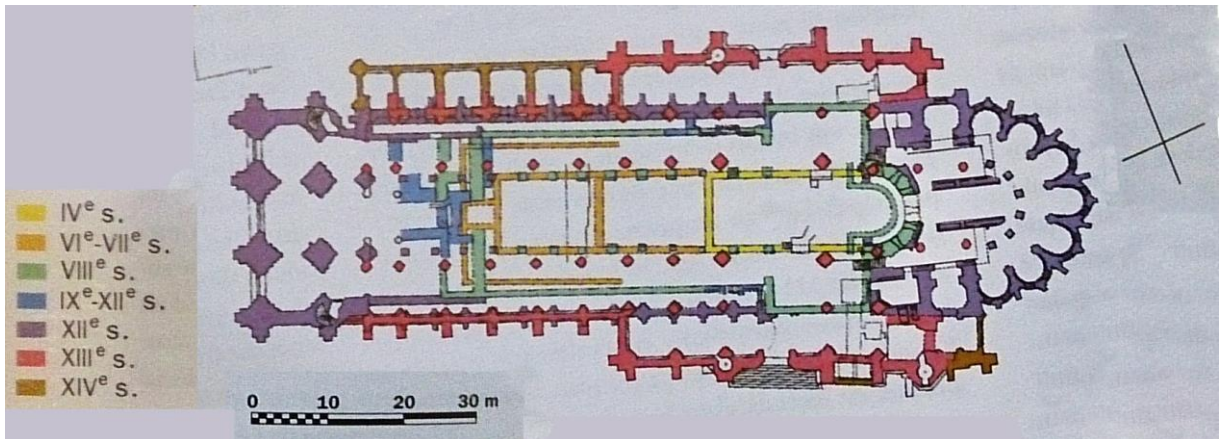


Figura 34 – Planta baixa esquemática da Basílica de Saint-Denis. Em destaque, as sucessivas reformas já feitas. Os contornos exteriores da igreja são os atuais. Legenda: **Amarelo**: séc. IV; **Laranja**: sécs. VI-VII; **Verde**: séc. VIII; **Azul**: sécs. IX-XII; **Roxo**: séc. XII (reconstrução dirigida por Suger); **Rosa**: séc. XIII (renovação da nave, feita por Pierre de Montreuil); **Marrom**: séc. XIV. Fonte: WYSS, 1996, p. 118, modificada por Tainah Moreira Neves.



Figura 35 – Vista atual da nave central da Abadia de Saint-Denis após a reforma de Pierre de Montreuil, no século XIII.

Fonte: Arquivo pessoal.

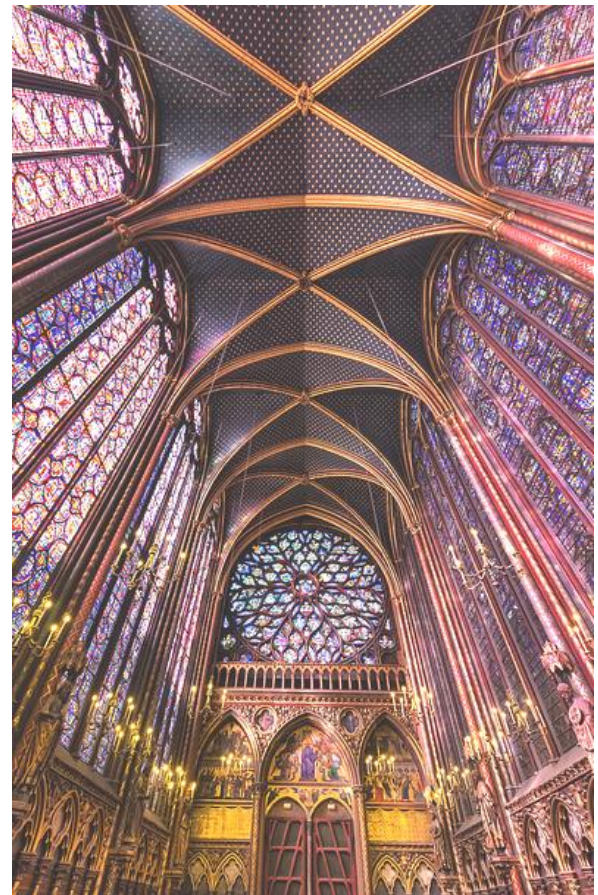


Figura 36 – Interior da Sainte-Chapelle, obra de Pierre de Montreuil, em Paris, feita no reinado de São Luís.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/romanbetik/7197422988/>, acesso em: 30 de jan. de 2013.

O Gótico, chamado de *estilo francês*³²², se expandiu pela Europa e se tornou um *estilo europeu*³²³ a partir de meados do século XIII. Há catedrais góticas construídas na Inglaterra, na Espanha e na Alemanha que tiveram suas fórmulas adaptadas e modificadas de acordo com as sensibilidades locais. Eram o coração da cidade medieval³²⁴.

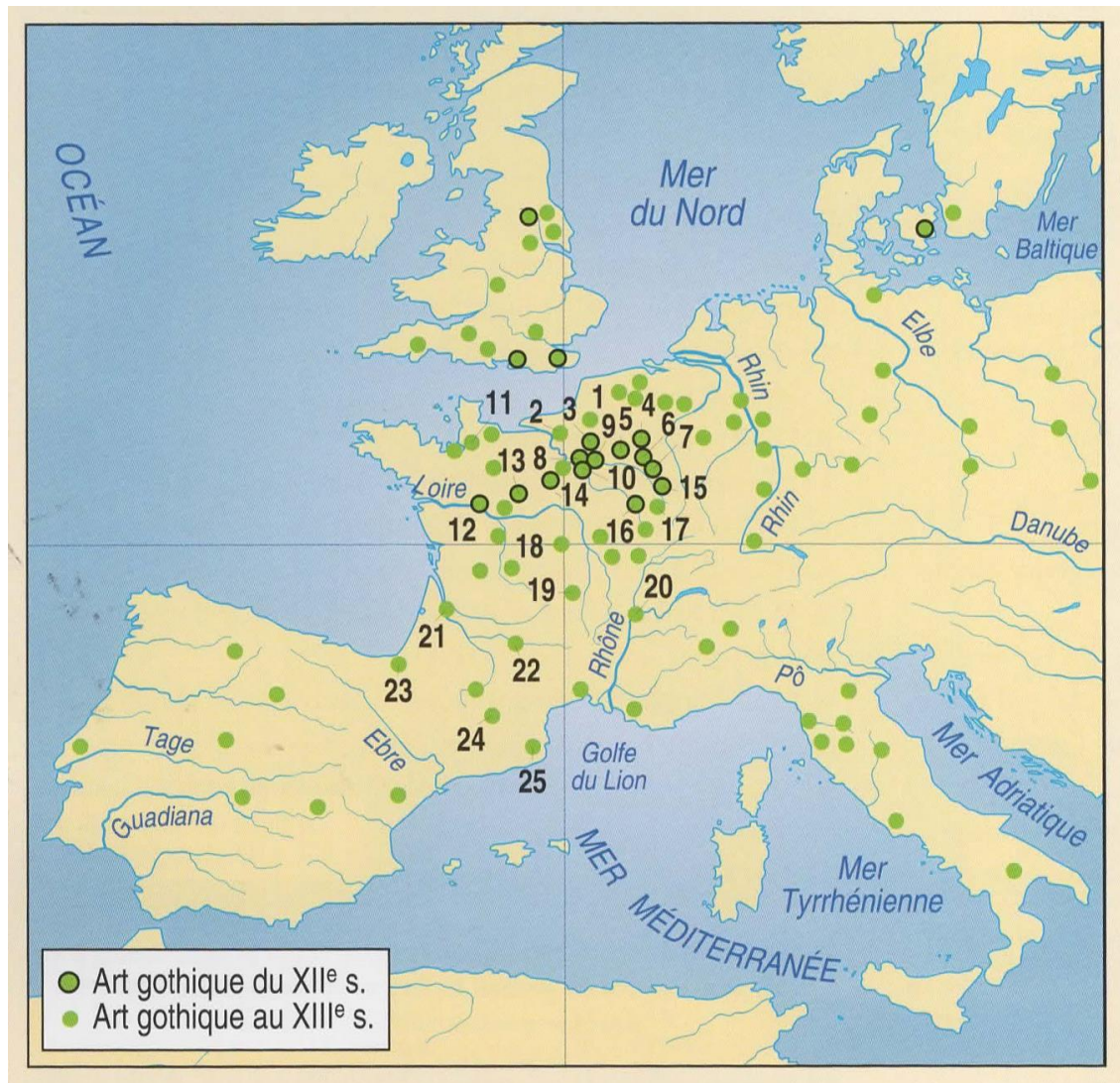


Figura 37 – Mapa da Europa com construções góticas dos séculos XII-XIII em destaque. Legenda: **círculo verde com borda preta**: arte gótica do séc. XII; **círculo verde sem borda**: arte gótica do séc. XIII. Os números indicam monumentos da França: 1- Amiens, 2- Rouen, 3- Beauvais, 4- Laon, 5- Noyon, 6- Soissons, 7- Reims, 8- Senlis, 9- Saint-Denis, 10- Paris, 11- Coutances, 12- Angers, 13- Le Mans, 14- Chartres, 15- Châlons-em-Champagne, 16- Sens, 17- Troyes, 18- Bourges, 19- Clermont-Ferrand, 20- Lyon, 21- Bordeaux, 22- Albi, 23- Bayonne, 24- Carcassonne, 25- Perpignan. Fonte: MERDRIGNAC, Bernard; MÉRIENNE, Patrick. **Le monde au Moyen Age**. Rennes: Éditions Ouest-France, 2010, p. 86.

³²² *Opus francigenum*.

³²³ Ou moderno (*opus modernum*).

³²⁴ Não citamos a famosa tese do Panofsky: PANOFSKY, Erwin. **Arquitetura Gótica e Escolástica sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, leitura obrigatória para quem se debruça sobre a tradição teórico-artística ocidental, porque o autor se vale de um âmbito cronológico posterior ao nosso tema de pesquisa.

Pouco a pouco o entusiasmo arrefeceu. Pouco a pouco, os artistas declinaram suas faculdades inventivas.³²⁵ As fórmulas aplicadas já tinham chegado à perfeição de suas formas. Com isso, o Gótico começou a perder sua pujança original³²⁶ e as construções se tornaram cada vez mais escassas e menos ambiciosas.³²⁷ Entretanto, nos séculos XVIII e XIX, o Romantismo redescobriu as catedrais Góticas.³²⁸ Elas passaram a inspirar e se tornar cenários de romances, como de Victor Hugo (1802-1885) e de Chateaubriand (1768-1848). Rodin (1840-1917), Monet (1840-1926) e outros artistas hauriram ideias nessas obras arquitetônicas. Ademais, muitas catedrais góticas foram restauradas nesse período por grandes arquitetos, como François Debret (1777-1850) e Viollet-le-Duc. Foram construídas no ‘novo continente’ igrejas *neo-góticas* como, por exemplo, em Nova Iorque (EUA), e em Petrópolis, no Brasil. Entrementes, o pensamento medieval foi esquecido, pois “não se falava mais na alma humana”³²⁹, no espiritual, como nos tempos *revolucionários* de Saint-Denis, de Chartres, de Reims e de Amiens³³⁰. Restavam agora suas construções, símbolos de uma época.

³²⁵ DUBY, Georges. **O Tempo das Catedrais**: a arte e a sociedade, 980-1420. Lisboa: Estampa, 1993, p. 179.

³²⁶ Choay comenta: “A percepção das audácias góticas não é privilégio exclusivo dos religiosos e da erudição: ela se encontra também, nos séculos XVII e XVIII, nos protagonistas do classicismo, teóricos, arquitetos, engenheiros (...) Porém, com umas poucas exceções e com a maioria dos antiquários, todos condenam a grosseria e os excessos da arquitetura gótica, à qual negam qualquer valor artística. Esse duplo julgamento contraditório, que não deixa de surpreender o leitor atual, baseia-se numa dissociação artificial entre o sistema construtivo e seu cenário: admiração sem reservas da realização técnica, completo desprezo pelo resultado artístico que é avaliado pela bitola dos cânones gregos”. Fica claro que, o desprezo pela arquitetura gótica, proferido por aqueles que tomavam a arquitetura grega como ideal, é uma incompreensão das crenças e da situação social do fim da Idade Média. CHOAY, 2006, p. 73.

³²⁷ JANSON, 2001, p. 440.

³²⁸ WENZLER, 2010, p. 123, tradução nossa.

³²⁹ Ibid., tradução nossa.

³³⁰ Para um hall das inovações ocorridas no período medieval, ver DARK Ages: An Age of Light, The. Direção, Produção e Roteiro de Waldemar Januszczak. United Kingdom: Zcz Films, 2012. Documentário de 4 episódios (The Clash of the Gods, What the Barbarians Did for Us, The Wonder of Islam e The Men of the North) da BBC.

7 CONCLUSÃO

Ao compararmos a arte produzida na reedificação da Abadia de Saint-Denis com os escritos de Suger e com o contexto histórico, filosófico e teológico da época, a arquitetura, em sua totalidade, serviu de suporte para comunicar a concepção estética-teológica concebida pelo abade. Esta seria imediatamente assimilada por seus contemporâneos, uma vez que os medievais sabiam ler e interpretar os símbolos cristãos presentes na iconografia da igreja.

Na Idade Média, a arte não tinha como primeiro objetivo a fruição estética (noção que concebemos hoje). A perfeição artística e estrutural estava ligada à perfeição divina, já que a igreja era vista como uma imagem (mesmo que imperfeita) de Jerusalém Celeste, a Casa de Deus na Terra. E isso é precisamente o que percebemos em Saint-Denis de Suger: a harmonia, a unidade e a proporção entre as partes e o todo foram tratadas como diretrizes do projeto arquitetônico para externar a mensagem católica. Por isso, nosso abade não foi meramente um *mecenas* que patrocinava a arte para seu próprio deleite. Muito mais do que isso, em seus escritos, a preferência de Suger pelas coisas belas e cintilantes se encontrava no âmbito do que, para ele, refletisse no material o imaterial. O adorno, a luz e a perfeição estrutural eram os meios materiais pelos quais a mente do fiel poderia ascender à *contemplação anagógica*. E como a igreja era o microcosmos do Céu, macrocosmos, nada mais natural que provê-la com o que havia de mais nobre no mundo material, na Terra. A estética de Suger (e, posteriormente, do Gótico) colocou em evidência o fato de a arte e a arquitetura serem consideradas meios para transmitir o pensamento espiritual, não fins.

A reedificação de Saint-Denis foi singular, especialmente no que dizia respeito à sua relação com o reino franco. Ao fortalecer a monarquia francesa, Suger criou meios para sua reforma e, ao reconstruir a igreja, ele enfatizou o laço entre as duas instituições. Por isso, do ponto de vista compreensivo, não é interessante desvincular a reedificação da Abadia de Saint-Denis do poder real francês. Assim concebido, o monumento era uma celebração da glória do Rei dos Céus e do rei francês. O abade Suger foi fundamental para articular o poder real com o espiritual. Fortaleceu a ambos e consolidou sua fé.

Essa nova visão espacial que inaugurou um período crucial de inovações em que a arquitetura, a escultura, o vitral, a pintura, os objetos decorativos e litúrgicos passaram a ser tratados como uma unidade, foi culminante no Gótico. As construções que sucederam a Abadia de Saint-Denis não eram simplesmente cópias, mas interpretações de ideias marcantes do pensamento

de Suger que se adaptaram às características locais em que estavam inseridas. Os Santos e os costumes de cada cidade foram fundidos com os ideais do Cristianismo. O vitral e a escultura tiveram parte fundamental na iconografia das catedrais góticas. Eles comunicavam, no interior e para o exterior, a mensagem cristã, em uma *estética monumental*. Em seu início, a arte gótica esteve intimamente associada às coisas do espírito.

O sistema construtivo do Gótico francês foi aprimorado e desenvolvido durante o século XIII. Os elementos arquitetônicos foram lapidados para edificar, cada vez mais alto e com maiores aberturas para os vitrais, e assim transformar o ambiente das igrejas em espaços ricamente iluminados que convidavam os fiéis à contemplação anagógica e, a seguir, à elevação ao imaterial. Suger não poderia se sentir mais realizado. Sua obra ultrapassou seu tempo.

REFERÊNCIAS

Fontes Primárias

BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada**: nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

Pseudo-Dionísio, o Areopagita

PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA. **Dos Nomes Divinos** (trad.: Bento Silva Santos). São Paulo: Attar, 2004.

PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA. **Obras completas** (a cura de Teodoro H. Martins-Lunas). Madrid: BAC (Biblioteca de Autores Cristianos), 1995.

PSEUDO-DIONYSIUS. **Pseudo-Dionysius: the complete works** (translation by Colm Luibheid). New Jersey: Paulist Press, 1987.

Suger de Saint-Denis

LECOY DE LA MARCHE, A. **Oeuvres-complètes de Suger**. Paris: Jules Renouard, 1867. Disponível em: <<http://google.com.br/books?id=xg8OAAAAYAAJ&hl=pt-BR>>. Acesso em: 09 ago. 2014.

PANOFSKY, Erwin; PANOFSKY-SOERGEL, Gerda. **Abbot Suger on the Abbey Church of St.-Denis and its art treasures**. Princeton: Princeton University Press, 1979.

SUGER. **Oeuvres, Tome I**: Ecrits sur la Consécration de Saint-Denis - L'Oeuvre Administrative - Histoire de Louis VII. Traduit par Françoise Gasparri. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

SUGER. **Oeuvres, Tome II**: Lettres de Suger - Chartes de Suger - Vie de Suger par le moine Guillaume. Traduit par Françoise Gasparri. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

Referências

ANDRESS, David. **O Terror**: Guerra Civil e a Revolução Francesa. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BLUM, Pamela Z. **Early Gothic Saint-Denis**: Restorations and Survivals. Berkeley: University of California Press, 1992. Disponível em: <<http://ark.cdlib.org/ark:/13030/ft5h4nb330/>>. Acesso em: 9 jan. 2015.

BOS, Agnès; DECTOT, Xavier (eds.). **L'architecture gothique au service de la liturgie**: Actes du Colloque organisé à la Fondation Singer-Polignac le jeudi 24 octobre 2002. Turnhout: Brepols, 2003.

CAMILLE, Michael. **Gothic Art: Visions and Revelations of the Medieval World**. London: The Everyman Art Library, 1996.

CASSAGNES-BROUQUET, Sophie. **Le Gothique: un art de France**. Rennes: Éditions Ouest-france, 2012.

CERCLET, Dominique et al. **2012-2015, La Basilique Saint-Denis: Restauration de la Façade Occidentale**. Issy-les-Moulineaux: Beaux-arts Éditions, 2015.

CHARRON, Pascale; GUILLOUËT, Jean-Marie (dir.). **Dictionnaire d'Histoire de l'Art au Moyen Âge Occidental**. Paris: Éditions Robert Laffont, 2009.

CHESTERTON, G. K. **The Autobiography**. London: Hutchinson & Co, 1936.

CHING, Francis D. K. **Dicionário Visual de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

_____. **As Questões do Patrimônio: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CORRIGAN, Kevin; HARRINGTON, L. Michael. "Pseudo-Dionysius the Areopagite". In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**, Edward N. Zalta (ed.). Stanford, Spring 2014. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/spr2014/entries/pseudo-dionysius-areopagite>>. Acesso em: 26 set. 2014.

CROSBY, Sumner McKnight. The Plan of the Western Bays of Suger's New Church at St. Denis. **Journal of the Society of Architectural Historians**, Chicago, v. 27, n. 1, p. 39-43, mar. 1968. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/988427>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

CROSBY, Sumner McKnight et al. **The Royal Abbey of Saint-Denis in the Time of Abbot Suger (1122-1151)**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1981.

DOW, Helen J. The Rose-Window. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, London, v. 20, n. 3/4, p. 248-297, jul.-dez. 1957. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/750783?origin=JSTOR-pdf&seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 06 out. 2011.

DUBY, Georges. **A Europa na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **A Idade Média na França: de Hugo Capeto a Joana d'Arc**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. **O Tempo das Catedrais: a arte e a sociedade, 980-1420**. Lisboa: Estampa, 1993.

DUBY, Georges; LACLOTTE, Michel. **História Artística da Europa: Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

DUCHESNE, Francisci. **Historiae Francorum scriptores**. Iacobaeâ: Sebastiani Cramoisy, 1641. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ME5lmAUS3L8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 jan. 2016.

ECO, Umberto. **Arte e Beleza na Estética Medieval**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ECO, Umberto (org.). **Idade Média I: Bárbaros, Cristão e Muçulmanos**. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2011.

_____. **Idade Média II: Catedrais, Cavaleiros e Cidades**. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2013.

_____. **Idade Média III: Castelos, Mercadores e Poetas**. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2014.

FÉLIBIEN, Michel. **Histoire de L'Abbaye Royale de Saint-Denys en France**. Paris: Frederic Leonard, 1706. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?printsec=frontcover&output=reader&id=b92MaD_LHGEC&pg=GBS.PP7>. Acesso em: 01 jun. 2014.

FOCILLON, Henri. **Arte do Ocidente: a idade média românica e gótica**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

FULCANELLI. **O Mistério das Catedrais e a Interpretação Esotérica dos Símbolos Herméticos da Grande Obra**. São Paulo: Madras, 2007.

GARDNER, Stephen. Two Campaigns in Suger's Western Block at St.-Denis. **The Art Bulletin**, New York, v. 66, n. 4, p. 574-587, dez. 1984. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3050473>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

GERSON, Paula Lieber (ed.). **Abbot Suger and Saint-Denis**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1986.

GOMBRICH, E. H. **The Story of Art** (Pocket Edition). London: Phaidon Press, 2006.

GRODECKI, Louis. **Les Vitraux de Saint-Denis: Étude sur le Vitrail au XIIe Siècle**. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1976.

HANI, Jean. **O Simbolismo do Templo Cristão**. Lisboa: Edições 70, 1998.

JAMES, John. Multiple Contracting in the Saint-Denis Chevet. **Gesta**, Chicago, v. 32, n. 1, p. 40-58, 1993. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/767016>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

JANSON, H. W. **História Geral da Arte: O Mundo Antigo e a Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JANTZEN, Hans. **La Arquitectura Gotica**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1959.

JAQUES PI, Jèssica. **La Estética del Románico y el Gótico**. Madrid: La Balsa de la Medusa, 2003.

KIDSON, Peter. Panofsky, Suger and St Denis. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, London, v. 50, p. 1-17, 1987. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/751314>>. Acesso em: 04 out. 2011.

KRAUTHEIMER, Richard. Introduction to an “Iconography of Mediaeval Architecture”. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, London, v. 5, p. 1-33, 1942. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/750446?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21106404728611>>. Acesso em: 13 maio 2015.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

_____. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LENIAUD, Jean-Michel; PLAGNIEUX, Philippe. **La Basilique Saint-Denis**. Paris: Éditions du Patrimoine, Centre des Monument Nationaux, 2012.

LETHABY, W. R. The Part of Suger in the Creation of Mediaeval Iconography. **The Burlington Magazine for Connoisseurs**, London, v. 25, n. 136, p. 206-211, jul. 1914. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/859713>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

M., A.. Explication du Vitrail de Saint-Denis: représentant l'abbé Suger. **Revue Archéologique**, Paris, v. 2, p. 606-609, 15 mar. 1845. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41745177>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

MÂLE, Émile. **L'art religieux du XIIe siècle en France**: étude sur les origines de l'iconographie du moyen age. Paris: Armand Colin, 1922. Disponível em: <<https://archive.org/details/lartreligieuxdux00mluoft>>. Acesso em: 13 maio 2015.

_____. **L'art religieux du XIIIe siècle en France**: étude sur l'iconographie du moyen âge et sur ses sources d'inspiration. Paris: Ernest Leroux, 1898. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9326593>>. Acesso em: 13 maio 2015.

MCCAGUE, Hugh. A Mathematical Look at a Medieval Cathedral. **Math Horizons**, v. 10, n. 4, p. 11-15, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25678418>>. Acesso em: 04 out. 2011.

MERDRIGNAC, Bernard; MÉRIENNE, Patrick. **Le monde au Moyen Age**. Rennes: Éditions Ouest-France, 2010.

NETTEMENT, Alfred. **Suger et Son Temps**. Paris: Librairie Jacques Lecoffre, 1868. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=K_cJAAAAIAAJ&oe=UTF-8>. Acesso em: 8 jan. 2015.

NEVES, Tainah Moreira. **A Catedral Gótica**: Gênese, Significações e as três Catedrais ‘Clássicas’: Chartres, Reims e Amiens. 2013. 88 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2013.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Arquitetura Occidental**. Barcelona: G. Gili, 2001.

PANOFSKY, Erwin. **Arquitetura Gótica e Escolástica sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Idea**: contribuição à história do conceito da antiga teoria da arte. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

POIREL, Dominique (ed.). **L'abbé Suger, le manifeste gothique de Saint-Denis et la pensée victorine**: Actes du Colloque organisé à la Fondation Singer-Polignac (Paris) le mardi 21 novembre 2000. Turnhout: Brepols, 2001.

PUIGARNAU, Alfons. Lugares celestes del neoplatonismo medieval. **Pensamiento: Revista de investigación e Información filosófica**, Madrid, v. 70, n. 263, p. 323-340, maio-agosto 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/8749171/Puigarnau_Alfons_Lugares_celestes_del_neoplatonismo_medieval. Pensamiento_Revista_de_investigación_e_Información_filosófica_70_no._263_2014_323-340>. Acesso em: 22 maio 2015.

_____. Neoplatonismo e iconografía en la Europa medieval. **Anuario Filosófico**, Navarra, v. 2, n. 33, p. 655-673, jan. 2000. Disponível em: <https://www.academia.edu/365224/PUIGARNAU_A._Neoplatonismo_e_iconografía_en_la_Europa_medieval._Anuario_filosófico_33_no._2_2000_655-673>. Acesso em: 22 maio 2015.

PUIG-BOADA, Isidre. **El pensament de Gaudi**: Compilació de textos i comentaris. Barcelona: Duxelm, 2004.

SCOTT, Robert A. **The Gothic Enterprise**: A Guide to Understanding the Medieval Cathedral. Berkeley: University of California Press, 2011.

STANLEY, David J. The Original Buttressing of Abbot Suger's Chevet at the Abbey of Saint-Denis. **Journal of the Society of Architectural Historians**, Chicago, v. 65, n. 3, p. 334-355, set. 2006. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25068292>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

TOMAN, Rolf (ed.). **Gothic**: Architecture, Sculpture, Painting. Paris: Ullmann & Könemann, 2007.

VERDIER, Philippe. What Do We Know of the Great Cross of Suger in Saint-Denis. **Gesta**, Chicago, v. 9, n. 2, p. 12-15, maio 1969. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/766651>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène. L'Église Imperiale de Saint-Denis: (Suite et Fin). **Revue Archéologique**, Paris, v. 3, p. 301-310, jun. 1861. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41734060> .>. Acesso em: 01 jun. 2014.

VON SIMSON, Otto. **A Catedral Gótica**: origens da arquitectura gótica e o conceito medieval de ordem. Lisboa: Presença, 1990.

WENZLER, Claude. **Les Cathédrales Gothiques**: Un défi médiéval. Rennes: Editions Ouest-france, 2010.

WYSS, Michaël (dir.). **Atlas historique de Saint-Denis**: des Origines au XVIIIe Siècle. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1996.

WYSS, Michaël; RODRIGUES, Nicole Meyer. **Saint-Denis**: une ville au Moyen Âge. Disponível em: <<http://www.saint-denis.culture.fr/fr/index.html>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

Bibliografia Complementar

ASTON, Nigel. **Religion and Revolution in France, 1780-1804**. Washington: The Catholic University of America Press, 2000.

AUBÉ, Pierre. **Saint Bernard de Clairvaux**. Paris: Fayard, 2003.

BATHIAS-RASCALOU, Céline. **Charlemagne et l'Europe**. Paris: Vuibert, 2004.

BAUCHWITZ, Oscar Federico; BEZERRA, Cícero Cunha (orgs.). **Imagem e Silêncio: Atas do I Simpósio Ibero-Americano de Estudos Neoplatônicos**. Tomo I. Do Neoplatonismo Pagão ao Neoplatonismo Medieval. Natal: Editora da UFRN, 2009.

BETT, Henry. **Johannes Scotus Erigena: A Study in Medieval Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1925.

BRADBURY, Jim. **The Capetians: kings of France, 987-1328**. London: Hambledon Continuum, 2007.

BRESSANI, Martin. **Architecture and the Historical Imagination: Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc, 1814-1879**. New York: Routledge, 2014.

BOUSSARD, Jacques. **The Civilization of Charlemagne**. Toronto: McGraw Hill Book Company, 1968.

BOUVIER-AJAM, Maurice. **Dagobert, roi des Francs**. Paris: Éditions Tallandier, 2000.

BÜHRER-THIERRY, Geneviève. **L'Europe carolingienne (714-888)**. Armand Colin: Paris, 2001.

BYRNES, Joseph F. **Priests of the French Revolution: Saints and Renegades in a New Political Era**. Penn State: The Penn State University Press, 2014.

CALMETTE, Joseph. **Les abbés Hilduin au IXe siècle**. In: Bibliothèque de l'École des Chartes, vol. LXV. Paris: Nogent, 1905.

CHAPMAN, John. Pope St. Clement I. **The Catholic Encyclopedia**. New York: Robert Appleton Company, 1908. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/04012c.htm>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

CLANCHY, M. T. **Abelard: A Medieval Life**. Oxford: Blackwell, 1997.

COOLMAN, Boyd Taylor. **The Theology of Hugh of St. Victor: An Interpretation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

COSTA, Ricardo da. **A gênese da monarquia no Ocidente cristão (sécs. IV-VI)** (conferência proferida no dia 30 de junho no XXII *Encontro Monárquico do Rio de Janeiro*. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/genese-da-monarquia-no-ocidente>>. Acesso em: 06 mai. 2016. Texto Inédito.

DARK Ages: An Age of Light, The. Direção, Produção e Roteiro de Waldemar Januszczak. United Kingdom: Zcz Films, 2012. Documentário de 4 episódios (The Clash of the Gods, What the Barbarians Did for Us, The Wonder of Islam e The Men of the North) da BBC.

DOUBLET, Jacques. **Histoire de l'Abbaye de S. Denys en France**. Paris: Nicolas Buon, 1625. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?printsec=frontcover&output=reader&id=scY-AAAACAAJ&pg=GBS.PP5>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

DUBY, Georges. **A Idade Média na França: de Hugo Capeto a Joana d'Arc**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. **Dames du XIIe siècle, Tome I: Héloïse, Aliénor, Iseut et quelques autres**. Paris: Gallimard, 1995.

DUCHESNE, Francisci. **Historiae Francorum scriptores**. Iacobaeâ: Sebastiani Cramoisy, 1641. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ME51mAUS3L8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 jan. 2016.

ENCICLOPEDIA DEI PAPI. Roma: Istituto Dell'enciclopedia Italiana Treccani, 2000. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

ERLANDE-BRANDENBURG, Alain. **Pierre de Montreuil** (déb. XIIIe s.-1267). Encyclopædia Universalis, 2015. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/pierre-de-montreuil/>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

EVANS, Gillian R. **Bernard of Clairvaux** (Great Medieval Thinkers). Oxford: Oxford University Press, 2000.

FAVIER, Jean. **Louis XI**. Paris: Editions Tallandier, 2012.

FLICHE, Augustin. **Le règne de Philippe Ier, roi de France (1060-1108)**. Paris: Société française d'imprimerie et de librairie, 1912. Disponível em: <<http://archive.org/stream/lergne/lergne/depphilip00flic#page/n5/mode/2up>>. Acesso em: 01 maio 2016.

GOBRY, Ivan. **Clotaire II 584-629: père de Dagobert Ier**. Paris: Pygmalion, 2012.

HARKINS, Franklin T. **Reading and the Work of Restoration: History and Scripture in the Theology of Hugh of St Victor**. Turnhout: Brepols, 2009.

JOLIVET, Jean; VERGER, Jacques. **Bernard, Abélard, ou le cloître et l'école**. Paris: Fayard-Mame, 1982.

KAZHDAN, Alexander P. (ed.). **The Oxford Dictionary of Byzantium**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

KENDALL, Paul Murray. **Louis XI: The Universal Spider**. New York: W.W. Norton & Company Inc., 1971.

KIRSCH, Johann Peter. Hilduin, Abbot of St-Denis. **The Catholic Encyclopedia**, Vol. 7, New York: Robert Appleton Company, 1910. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/07354a.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

MCKITTERICK, R. **Charlemagne: The Formation of a European Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

MEADE, Marion. **Eleanor of Aquitaine**: New York: Penguin Books, 2001.

MORAN, Dermot. **The Philosophy of John Scottus Eriugena**: A Study of Idealism in the Middle Ages. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ODON DE DEUIL. Histoire de la Croisade de Louis VII. In: GUIZOT, M. **Collection des Mémoires Relatifs a l'Histoire de France**: depuis la fondation de la Monarchie Française jusqu'au 13e siècle. Paris: Chez J. L.-J. Brière, 1824. Disponível em: <<http://remacle.org/bloodwolf/historiens/odondedeuil/louis7.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

ORCÁSTEGUI, Carmen; SARASA, Esteban. **La Historia en la Edad Media**: Historiografía e historiadores em Europa Occidental: siglos V-XIII. Madrid: CATEDRA, 1991.

PHILLIPS, Jonathan; HOCH, Martin (ed.). **The Second Crusade**: Scope and Consequences. Manchester: Manchester University Press, 2002.

POISSON, Georges; POISSON, Olivier. **Eugène Viollet-le-Duc**: 1814-1879. Paris: Editions A&J Picard, 2014.

RICHE, Pierre. **Les Carolingiens**: une famille qui fit l'Europe. Paris: Hachette, 1983.

RUNCIMAN, Steven. **História das Cruzadas Volume II**: o Reino de Jerusalém e o Oriente Franco, 1100-1187. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

SASSIER, Yves. **Louis VII**. Paris: Fayard, 1991.

SUGER, Abbot of Saint Denis, 1081-1151. **The Deeds of Louis the Fat**. Translated with introduction and notes by Richard Cusimano and John Moorhead. Washington, DC: Catholic University of America Press, 1992.

VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394]**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène. RESTAURATION. In: VIOLLET-LE-DUC, Eugène. **Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle**. Tome 8. Paris: A. Morel, 1866. p. 14-34. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/Dictionnaire_raisonné_de_l'architecture_française_du_XIe_au_XVIe_siècle/Restauration>. Acesso em: 14 fev. 2016.

VOLKMANN, Jean-Charles. **Known genealogy of the kings of France**. Paris: Gisserot Publishing, 1999.

GLOSSÁRIO³³¹

Abade: Título ou cargo do superior dos monges de uma abadia autônoma ou dos membros de certas ordens ou congregações religiosas monásticas.

Abadia: Monastério dirigido por um abade ou abadessa.

Abóbada: Estrutura arqueada construída, no período medieval, em pedra, que forma a cobertura de um espaço.

Abside: Projeção semicircular, normalmente abobadada na extremidade leste de uma igreja.

Ameias: Parapeito com uma alternância regular de ameias e merlões, originalmente para fins defensivos.

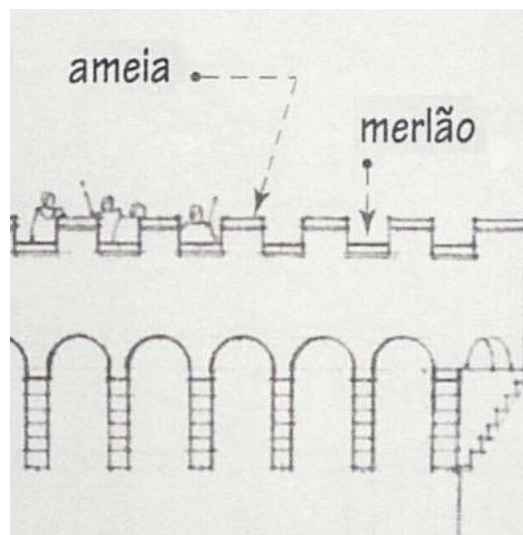


Figura 38- Ameia e Merlão. Fonte: CHING, 2006.

Arcada: Série de arcos sustentados por pilares ou colunas.

Arcobotante: Arco externo de pedra que transmite esforços para fora e para baixo a partir de uma abóbada para um contraforte.

Arco Ogival: Arco apontado com dois centros e raios iguais.

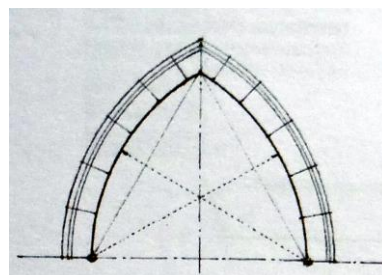


Figura 39 – Arco Ogival. Fonte: CHING, 2006.

³³¹ Baseado em CHING, Francis D. K. **Dicionário Visual de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Basílica: Igreja de grande porte, privilegiada com relíquias de um ou mais santos, que possua grande influência sobre determinada região geográfica ou país.

Bispo: Padre que na Igreja Católica tem a direção espiritual de uma diocese.

Cabeceira: Extremidade leste, de forma arredondada, que inclui a abside, o deambulatório e o coro.

Capelas radiantes: Capelas dispostas ao redor do deambulatório.

Catedral: Principal igreja de uma diocese onde se localiza o trono do bispo, denominado cátedra.

Contraforte: Suporte externo construído para estabilizar uma estrutura, mediante a oposição a esforços para fora.

Coro: Parte da igreja reservada para clero.

Deambulatório: Galeria que circunda a extremidade do coro e da abside.

Diocese: Território sob a jurisdição de um bispo.

Galeria dos Reis: Galeria que corta horizontalmente a fachada de uma catedral gótica, composta por estátuas de reis e mártires.

Merlão: Cada um dos espaços reentrantes que separam uma ameia da outra.

Nártex: Zona de transição interna entre a fachada e a nave da igreja.

Nave: Volume longitudinal de uma igreja que se prolonga desde a fachada principal até o transepto.

Prior: Cura de uma paróquia; pároco. Superior de um convento ou de certas ordens religiosas.

Priorado: Comunidade religiosa governada por prior ou prioresa.

Relíquia: Nome dado aos objetos que pertenceram a um santo ou tiveram contato com seu corpo. Podendo ser também o que resta do corpo dos santos.

Rosácea: Janela circular, normalmente com vitral e decorada com um traçado simétrico ao redor do centro.

Transepto: Principal ala transversal de uma igreja cruciforme, que atravessa o eixo principal segundo um ângulo reto entre a nave e o coro.

Vitral: Vidraça composta de pedaços de vidros coloridos unidos por uma moldura de chumbo formando uma imagem.

APÊNDICE A – SOBRE AS FONTES PRIMÁRIAS UTILIZADAS

Nossas fontes primárias, especificamente os tratados de Pseudo-Dionísio e os escritos do abade Suger de Saint-Denis, encontram-se em diversas edições e com traduções para línguas diferentes. Achamos necessário um breve esclarecimento sobre elas.

Os escritos do Pseudo-Dionísio, *o Areopagita*, foram originalmente escritos em grego e posteriormente traduzidos para o latim. Para a presente dissertação, utilizamos as traduções em espanhol, da Biblioteca de Autores Cristianos³³² e, em inglês, da Paulist Press.³³³ Em ambas, os escritos são traduzidos integralmente: *Dos Nomes Divinos* (*Peri theion onomaton*, em grego; *De Divinis Nominibus*, em latim), *Da Hierarquia Celeste* (*Peri tes ouranias hierarchias*, em grego; *De coelesti hierarchia*, em latim), *Da Hierarquia Eclesiástica* (*Peri tes ekklestiastikes hierarchias*, em grego; *De ecclesiastica hierarchia*, em latim) e *Da Teologia Mística* (*Peri mustikes theologias*, em grego; *De mystica theologia*, em latim). *Dos Nomes Divinos* também foi traduzido para o português e publicado pela Editora Attar.³³⁴

Quando traduzidos, os trechos dos tratados de Dionísio foram referenciados com as duas fontes primárias principais. “PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA, 1995” se refere à tradução espanhola e “PSEUDO-DIONYSIUS, 1987”, à tradução norte-americana. Além disso, foram mantidos as marcações alfanuméricas presentes nas duas edições.

Por sua vez, todos os tratados de Suger foram escritos em latim. Na edição de Lecoy de la Marche³³⁵, eles foram transcritos integralmente, entre eles, a *Vida de Luís, o Gordo* (*Vita Ludovici Grossi Regis*, em latim), o principal escrito de Suger³³⁶, sobre o rei Luís VI; os dois tratados sobre as obras na Abadia de Saint-Denis, *Memórias de Suger sobre sua administração abacial*³³⁷ (*Sugerii abbatis Liber de Rebus in Administratione sua gesti*, em latim) e o *Livro sobre a consagração da igreja de Saint-Denis*³³⁸ (*Libellus alter de*

³³² PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA. **Obras completas** (a cura de Teodoro H. Martins-Lunas). Madrid: BAC (Biblioteca de Autores Cristianos), 1995.

³³³ PSEUDO-DIONYSIUS. **Pseudo-Dionysius: the complete works** (translation by Colm Luibheid). New Jersey: Paulist Press, 1987.

³³⁴ PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA. **Dos Nomes Divinos** (trad.: Bento Silva Santos). São Paulo: Attar, 2004.

³³⁵ LECOY DE LA MARCHE, A. **Oeuvres-complètes de Suger**. Paris: Jules Renouard, 1867. Disponível em: <<http://google.com.br/books?id=xg8OAAAAYAAJ&hl=pt-BR>>. Acesso em: 09 ago. 2014.

³³⁶ Produzido entre 1137 (logo após a morte do rei) e 1143.

³³⁷ Provavelmente produzido entre 11 de março de 1145 até o final de 1148 (ou início de 1149).

³³⁸ Escrito após a cerimônia de consagração da cabeceira de Saint-Denis (11 de Julho de 1144), portanto, entre a segunda metade de 1144 e 1146/1147.

consecratione ecclesiae sancti Dionysii, em latim).³³⁹ Também foram incluídas as cartas e os tratados escritos pelo abade, além do escrito do monge Willelmus feito após sua morte, *Vida de Suger* (*Sugerii Vita*, em latim).

Panofsky fez a primeira tradução dos escritos de Suger.³⁴⁰ A edição em inglês não reproduziu integralmente o escrito sobre a administração abacial, pelo fato de ter excluído sua parte inicial, em que o abade de Saint-Denis discorre sobre a administração, a aquisição de bens e os impostos cobrados pela abadia. O escrito sobre a consagração está traduzido integralmente. Panofsky inclui uma *Ordenação*³⁴¹ feita entre 14 de julho de 1140 e o final de 1141, portanto, anterior aos escritos.

A edição francesa³⁴² é mais completa. Nela, Françoise Gasparri traduz integralmente todos os escritos atribuídos a Suger, exceto o sobre a vida de Luís VI. Ela também inclui cartas, tratados e o relato do monge Willelmus. Gasparri apresenta os escritos em ordem cronológica e se vale de uma nomenclatura diferente: *Escrito sobre a consagração da igreja de Saint-Denis* (*Scriptum Consecrationis Ecclesiae Sancti Dionysii*³⁴³, em latim) e *A Obra [administrativa] do Abade Suger [de Saint-Denis]* (*Gesta Sugerii Abbatis*³⁴⁴, em latim). No mesmo volume (Tome I), a autora inclui a parte inicial do *Escrito sobre a vida de Luís VII, o Jovem*.³⁴⁵

No volume II foram apresentadas e traduzidas vinte e seis cartas (dos últimos anos da vida de Suger) e dezesseis tratados³⁴⁶ expedidos pelo abade, além de cento e cinquenta e nove comentários breves sobre cartas recebidas por Suger e sessenta e um tratados relativos a Suger, além do relato de Willelmus sobre a *Vida de Suger*.

³³⁹ Nomes dados por Duchesne, em 1641. DUCHESNE, Francisci. **Historiae Francorum scriptores**. Iacobaeâ: Sebastiani Cramoisy, 1641. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ME5lmAUS3L8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 jan. 2016.

³⁴⁰ PANOFSKY, Erwin; PANOFSKY-SOERGEL, Gerda. **Abbot Suger on the Abbey Church of St.-Denis and its art treasures**. Princeton: Princeton University Press, 1979.

³⁴¹ *Ordinatio A. D. MCXL vel MCXLI Confirmata*.

³⁴² SUGER. **Oeuvres, Tome I**: Ecrits sur la Consécration de Saint-Denis - L'Oeuvre Administrative - Histoire de Louis VII. Traduit par Françoise Gasparri. Paris: Les Belles Lettres, 2008; SUGER. **Oeuvres, Tome II**: Lettres de Suger - Chartes de Suger - Vie de Suger par le moine Guillaume. Traduit par Françoise Gasparri. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

³⁴³ Nome citado pelo próprio Suger no escrito sobre sua administração.

³⁴⁴ Título escrito no manuscrito, no século XIV ou XV.

³⁴⁵ Que Suger começou a escrever, mas que não conseguiu terminar, provavelmente, devido à sua morte.

³⁴⁶ *Chartes*, em francês.

“L'arte è testimonianza delle aspirazioni spirituali dell'uomo
e della ricerca di quella bellezza suprema
che trova la sua origine, e il suo compimento, in Dio.”
Papa Francesco[†]

[†]In: MUSEI VATICANI 3D - Tra Cielo e Terra. Direção: Marco Pianigiani. Città del Vaticano: Sky Italia, 2014.
65 min.